PATRIA

DO MESMO AUCTOR

A entrar no prelo:

Flores do Ideal, poesias liricas.

Em preparação:

Livro de Orações, poema.
Prometheu libertado, poema.

GUERRA JUNQUEIRO

PATRIA

Esta é a ditosa patria minha amada

CAMÕES.

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE Lello & Irmão, editores

1896

A' alma do meu amigo

Dr. José Falcão

Aos meus amigos

Basilio Telles

José Pereira de Sampaio

ACTORES

Um doido.

O rei.

Magnus, duque de S. Vicente de Fóra.

Opiparus, principe d'Oiro Alegre.

Ciganus, marquez de Saltamontes.

Astrologus, chronista-mór d'el-rei.

Iago, antigo cão de fila, dentes podres, obeso, gordura flaccida.

Judas, cão mestiço de lobo, corcunda, sarnento, olhar falso, injectado de bilis.

Veneno, fraldiqueirito anão, ladrinchador e lambareiro.

PATRIA

Noite de tormenta. Céo caliginoso, mar em furia, ventanias tragicas, relampagos distantes. O castello do rei á beira-mar. Sala d'armas. Nos muros, entre panoplias, os retratos em pé da dynastia de Bragança. Agachados ao lume, os tres cães familiares d'el-rei, — Iago, Judas, Veneno. Entram Opiparus, Magnus e Ciganus. Sentam-se, afagando os cães. Magnus poisa na mesa um pergaminho com o sello real. É o tratado com a Inglaterra.

SCENA I

CIGANUS, *apontando o pergaminho e rindo:*

Necrologio a assignar pelo defunto!

MAGNUS, *com gravidade:*

É urgente;

Salvamo-nos...

OPIPARUS, *acendendo um charuto :*

Perdendo a honra... felizmente!
Inda bem! inda bem! vae-se a *aria das Quinas*...

MAGNUS, *convicto :*

Glorioso pendão sobre um castello em ruinas...

OPIPARUS :

O pendão! o pendão!... um trapo bicolor,
A que hoje o mundo limpa o nariz... por favor.

CIGANUS :

Emquanto a mim, que levem tudo, o reino em massa,
Pouco importa; o demonio é que o levem de graça.
Mas agora acabou-se!... e, em logar de protesto,
Vejamos antes se o ladrão nos compra o resto...
Um bom negocio... hein?!... manobrado com arte...

OPIPARUS, *soprando o fumo do charuto :*

Dou por cem libras, quem na quer? a minha parte...

MAGNUS, *grandioso :*

Quando d'animo leve o principe assim falla,
Não se queixem depois que a dynamite estalla,
Nem se admirem de ver o paiz qualquer dia
Na mais desenfreada e tremenda anarchia!
Prudencia! haja prudencia, ao menos, meus senhores...
É grave a occasião... gravissima!... Rumores
De medonha tormenta andam no ar... Cuidado!
Não desanimo, é certo... Um povo que deu brado,
Uma nação heroica entre as nações do mundo,
Hade viver... É longo o horisonte e é fecundo!...
Creio ainda no meu paiz, na minha terra!...
Guardo a esp'rança...

OPIPARUS :

Bem sei, no Banco de Inglatera...
A esp'rança e dois milhões em oiro, tudo á ordem...
Não é isto?...

MAGNUS, *embaraçado :*

Exagêro... exagèro... Concordem...
Sim, concordem... pouco me resta e pouco valho...
Mas o suor d'uma vida inteira de trabalho...

Economias... bagatella... um nada... era mister...
No dia d'amanhã, com filhos, com mulher...
Entendem, claro está... era preciso, emfim,
Segurança... Não me envergonho... Emquanto a mim,
Posso fallar de cara alta... o meu passado...

OPIPARUS:

Se é mesmo a profissão do duque o ser honrado!
É o seu modo de vida, o seu officio... Creio
Que é d'ahi... que é d'ahi que a fortuna lhe veio:
Ninguem lh'o nega... O duque é dos bons, é dos puros...
E a virtude a render, a dignidade a juros
Accumulados... Francamente, eu noto, eu verifico
Que era caso de estar muitissimo mais rico...
O duque foi modesto: a honra de espartano
Não a deu nem talvez a dois por cento ao anno!

MAGNUS, *sorrindo constrangido:*

Má lingoa!...

CIGANUS, *com seriedade ironica:*

O nosso duque a offender-se... que asneira!
O principe graceja... historias... brincadeira...

Á honradez do duque, inteiriça e macissa,
Todo o mundo lhe faz a devida justiça...
Mas vamos ao que importa, — ao bom pirata inglez...

MAGNUS:

El-rei assignará?... o que julga, marquez?

OPIPARUS:

El-rei nesse tratado é rei como Jesus,
E, portanto, vão ver que o assigna de cruz.

CIGANUS:

Sem o ler. Quem duvida? Assignatura prompta!
Paris vale uma missa e Lisboa uma affronta.
E, em summa, concordemos nós que um mau reinado,
Por um bom pontapé, fica de graça, é dado.
A el-rei amanhã nem lhe lembra. Tranquillo,
Dormirá, jantará, pesará mais um kilo.
Uma boia de enxundia; um zero folgazão,
Bispote portuguez com toucinho allemão.

OPIPARUS:

Sensualismo e patranha, indiff'rença e vaidade,
Gabarola balofo e glutão, sem vontade,
Ás vezes moralista, (accessos de moral,
Que lhe passam jantando e não nos fazem mal)
Eis el-rei. Um egoismo obeso, alegre e loiro,
Unto já de concurso e de medalha d'oiro.
Termina a dynastia; e Deos, que a fez tamanha,
Põe-lhe um ponto final de oito arrobas de banha...
Laus Deo!

MAGNUS:

Que má lingoa! El-rei, coitado! uma creança,
Nem leve culpa tem nos encargos da herança...
Não se aprende num dia a governar um povo...
E em casos taes, em tal momento, um homem novo,
Habituado á lisonja, habituado ao prazer...
Maravilhas ninguem as faz... não pode ser!...
El-rei é bom! El-rei é um espirito culto,
Illustrado... Não digo, emfim, que seja um vulto,
Um talento, uma coisa grande de espantar;
Mostra, porém, cordura, o que não é vulgar...
Cordura e senso... Eu fallo e fallo com razão...
Não minto... sou cortez, nunca fui cortesão!

Duque e plebeu... vim do trabalho honrado que magôa...
Não lisongeio o povo e não adulo a C'roa.
Os defeitos d'el-rei?... Não me custa o dizel-o:
Eu quizera maior int'resse... maior zelo...
Mais edade, afinal... Deixem correr os annos,
E hãode ver o archetypo exemplar dos sob'ranos.

OPIPARUS, *sorrindo:*

Ingenua hypocrisia, duque... Olhe que el-rei
Conhece-nos a nós, como nós a el-rei...

CIGANUS:

Sabem? Dá-me cuidado el-rei... dá-me cuidado...
Melancolia... um ar de nojo... um ar de enfado...
Sem comer, sem dormir, não repousa um minuto,
E é rarissima a vez que elle acende um charuto.

OPIPARUS:

Indicio bem peor: ha já seguramente
Tres dias que não vae á caça e que não mente.
Ora, se el-rei não mente e não fuma e não caça,
É que não anda bom, não anda...

MAGNUS:

Que desgraça!

Pudera! hãode affligil-o, e com toda a razão,
As tremendas calamidades da nação.
Cada hora um desastre, um infortunio... Eu scismo,
Eu olho... e vejo perto o cairel d'um abismo!

OPIPARUS:

Oh, nunca abismo algum tolheu el-rei, meu amo
De aldravar uma peta ou de caçar um gamo.

CIGANUS:

E depois o chronista-mór, tonto e velhaco,
A insinuar-lhe, a embeber-lhe endrominas no caco,
Telapathias, bruxarias, judiarias
Do *Livro das Visões, Sonhos e Profecias.*
O que vale é que el-rei, um gordo hereditario,
Pesa de mais para profeta ou visionario.
Não me assusta...

MAGNUS, *confidencial:*

Marquez... d'um amigo a um amigo!
Entre nós... falle franco: a ordem corre p'rigo?...
O mal-estar... desassocego... uma aventura...
Os quarteis... Diga lá: julga a C'roa segura?...

CIGANUS:

Segura e bem segura. Equivocar-me-hei,
No entretanto, parada feita: jógo ao rei!
Neste lance... No outro... A inspiração é varia,
E bem posso mudar para a carta contraria.

OPIPARUS:

De maneira que apenas eu, sublime idiota,
Guardo fidelidade ao rei nesta batota!
Alapardou-se em mim o dever e a virtude!
Quando o throno de Affonso Henriques se desgrude,
Eu cá vou com el-rei... Isto da patria e lar
É boa femea, bom humor e bom jantar,
O ditoso torrão da patria!.. que imbecis!
No globo não ha mais que uma patria: Paris.

A nossa então, que choldra! Infecta mercearia,
Guimarães, Policarpo, Antunes, Braga & C.ª!
Um horror! um horror! Não temam que proteste,
Se emigrando me vejo livre de tal peste.
Fico por lá... não torno mais... fico de vez...
O que é preciso é bago... Ora, você, marquez,
Adoravel canalha e salteador galante,
Não me deixa embarcar el-rei como um tunante,
El-rei que vae viver por côrtes estrangeiras,
Sem duas duzias de milhões nas algibeiras...
Eu sou trinchante-mór, e conservo o logar,
Havendo, claro está, faisões para trinchar!...

MAGNUS, *imponente:*

Incrivel! No momento grave em que a Nação
Dorme (ou finge dormir!) á beira d'um vulcão,
Nesta hora tremenda, hora talvez fatal,
Ha quem graceje como em pleno carnaval!
E assim vamos alegremente, que loucura!
Cavando a todo o instante a propria sepultura...
No dia d'amanhã ninguem pensa, ninguem!
Os resultados vel-os-hão... caminham bem...
Divertem-se com fogo... Olhem que o fogo arde...
E extinguil-o depois (creiam-me) será tarde...

Já não é tempo... As lavaredas da fogueira
Abrazarão comnosco a sociedade inteira!
A mim o que me indigna e ruborisa as faces
É ver o exemplo mau partir das altas classes,
Sem se lembrarem (doida e miseravel gente!)
Que as victimas seremos nós... infelizmente!
Não abalemos, galhofando, assim á tôa,
A egide do Sceptro, o prestigio da C'roa!
Quando a desordem tudo infama e tudo ameaça,
A Realeza é um penhor...

CIGANUS:

Destinado a ir á praça.
Questão d'annos, questão de mez ou questão d'hora,
Segundo ronde a ventania lá por fora...
Observemos o tempo... anda brusco, indeciso...
Não arme o diabo algum ciclone d'improviso!...
O throno, defendel-o emquanto nos convenha;
Depois... throno sem pés já não é throno, é lenha.
Queima-se; e no brazeiro alegre a chammejar
Cosinhamos os dois, meu duque, um bom jantar!...
O duque a horrorisar-se!... Eu conspiro em segredo...
Pode ouvir, pode ouvir... duque, não tenha medo!

A republica infame, a republica atroz,
Uma bella manhã será feita por nós,
Meu caro duque!... E o presidente...
Ora quem... ora quem, duque de S. vicente?!...
O duque! Não ha outro, escusado é lembrar!...
Um prestigio europeu... a independencia... o ar...
Não ha outro!... d'arromba!... á verdadeira altura!...
Todas as condições, todas... até figura!
Parece um rei! que nem já sei como se move
Com as trinta gran-cruzes...

MAGNUS, *lisongeado:*

Upa!... trinta e nove!

CIGANUS:

Trinta e nove gran-cruzes, hãn! no mesmo peito...
Caramba, duque!... é bem bonito... é de respeito!
E o povo gosta, deixe lá... De mais a mais
Duque e plebeu...

MAGNUS, *com dignidade:*

Não me envergonho de meus paes!
Filho d'um alfaiate... Honra-me a origem!...

CIGANUS :

Sei...
E nobreza tão nobreza é que a não dá el-rei.
Nobreza d'alma! Emfim, meu duque, nem pintado
Se encontraria egual para chefe do Estado!
Queira ou não queira, pois, o meu illustre amigo...

MAGNUS, *solemne:*

Eu lhe digo, marquez... eu lhe digo... eu lhe digo...
De vagar... de vagar... Um problema importante,
Que exige reflexão, maturação bastante...
Sou monarchico... Fui-o sempre!... Inda hoje creio
O throno liberal o mais solido esteio
Do Progresso e da Paz e a melhor garantia
Da justa, verdadeira e san Democracia.
Não precisamos outras leis... Ha leis á farta!
Executem-nas!... Basta executar a Carta!
Cumpram as leis!... Dentro da Carta, realmente,
Cabem inda á vontade o futuro e o presente...
É este o meu criterio... e já agora não mudo!...
Honrosas convicções, filhas d'algum estudo
E muitas brancas... Mas, emfim, se as loucuras alheias...
Desvairamentos... circumstancias europeas...

Derem de si em conclusão regimen novo,
Acatarei submisso os dictames do Povo!
Monarchico e leal... no entretanto, marquez,
Antes de tudo, sou e serei portuguez!!
Ao bem da Patria em caso urgente, em horas criticas
Não duvido immolar opiniões politicas!
Darei a vida até, quando preciso for!!

CIGANUS:

El-rei que chega...

MAGNUS, *curvando-se:*

Meu Senhor!

CIGANUS:

Meu Senhor!

OPIPARUS:

Meu Senhor!

SCENA II

Os mesmos e o rei

Os tres cães acodem festivos ao monarcha

O REI, *sombrio e melancolico, repellindo os cães:*

Que noite!

CIGANUS:

Vendaval furioso!

OPIPARUS:

Noite rara
Para uma ceia de champagne e mulher cara...

O REI:

Faz-me nervoso a noite...

MAGNUS:

É da atmosphera espessa...
Electrica... Atordôa e desvaira a cabeça...

O REI, *apontando o pergaminho :*

O tratado?

CIGANUS :

O tratado.

MAGNUS :

Um pouco duro... El-rei...

O REI, *indifferente :*

Seja o que for... seja o que for... assignarei...

Vae ao balcão, ficando abstracto, a olhar a noite.

MAGNUS :

Não ha duvida; el-rei anda enfermo... é evidente...

OPIPARUS :

Galhofeiro, jovial, bom humor permanente,
Sceptico, dando ao demo as paixões e a tristeza,
Caçador, toireador, conviva heroico á mesa...

Pobre do rei... quem o diria!... que mudança!
Oxalá que a loucura, a vir, lhe venha mansa...

CIGANUS:

O ratão do chronista é que o tem posto assim,
Com misterios em grego e aranzeis em latim...

Trovão formidavel.

O REI, *voltando do balcão:*

Que noite!

MAGNUS:

Uma trovoada enorme!... Causa horror!...

Ciganus desdobra o pergaminho e vae ler o tratado.

O REI:

Leitura inutil... Deixa lá... Seja o que for...
Seja o que for... adeos!... assignarei...

CIGANUS :

Perfeito.

Não ha balas? Resignação; não ha direito.
Se entra no Tejo de surpresa um coiraçado,
Quem vae metel-o ao fundo, quem? A nau do Estado
Com bispos, generaes, bachareis, amanuenses,
Pianos, pulgas, mangas d'alpaca e mais pertences?
A esquadra? vae a esquadra real, um meio cento
De alcatruzes, bidets e banheiras d'assento?
Sacrificar a vida á honra? Acho coragem,
Mas a honra sem vida é de pouca vantagem;
Não se gosa, não vale a pena. A vida é boa...
Defendamos a vida... e salvemos a C'roa.

MAGNUS, *eloquente:*

E salvemos a C'roa! A vida eu dal-a-ia
Pela honra da Patria e pela Monarchia!
Somos filhos de heroes! mas nesta conjunctura
A resistencia é um crime grave, uma loucura!
Um paiz decadente, isolado na Europa,
Sem recursos alguns, sem marinha e sem tropa,
Tendo no flanco, álerta, o velho leão de Hespanha,
Arrojar doidamente a luva á Gran-Bretanha,

Oh, pelo amor de Deos! digam-me lá quem hade
Assumir uma tal responsabilidade?!!...
A patria de Albuquerque, a patria de Camões
Abolida era emfim do mappa das nações!
Guardemos nobremente uma attitude calma!
Rècolhamos a dor ao intimo da alma,
E o castigo do insulto, o prazer da vingança
A nossos netos o leguemos, como herança!
Que Deos hade punir (é justiceiro e é bom)
A moderna Cartago, a triunfante Albion!
Saiba, porém, El-rei que o brio portuguez
O defendemos nós ante o leopardo inglez,
Á força de criterio e sisuda energia,
No campo do direito e da diplomacia!
Com as Instituições por norte e por escudo,
Fizemos tudo quanto era possivel! — tudo!!

OPIPARUS, *ao rei, galhofando:*

Quer o duque dizer que ambiciona o colar
Do Elefante Vermelho e do Pavão Solar...

MAGNUS, *com indignação e nobreza:*

Não requeiro mercê tão grandiosa e tão alta,
Comquanto seja ella a que ainda me falta.

O Elefante e o Pavão! Um colar e uma cruz
A que somente os reis e os principes tem jus!
Não ouso... Mas, se um dia a gran munificencia
Da C'roa houver por bem, (florão d'uma existencia!)
Conceder-m'a! . . . .
Que, deixem-m'o explicar: eu, medalhas e fitas,
Não é por ser vaidoso ou por serem bonitas,
Que as ostento... Plebeu nasci, de bom quilate...
Não o escondo a ninguem: meu pae era alfaiate.
Ora, num peito humilde e franco uma medalha,
Como que attesta e diz ao homem que trabalha,
Ao povo que moireja em seu officio duro,
Que hoje na monarchia é dado ao mais obscuro
Guindar-se á posição mais alta e mais egregia,
Por direito,—que é nosso! e por mercê,—que é regia!
Escriptura de luz que em vivo amplexo abarca
O Povo e a Sob'rania augusta do Monarcha!

CIGANUS:

Meu caro duque, muito bem... Vamos agora,
Rosolvida a questão, assignar sem demora
O perganinho...

O REI:

Assignarei... Deixem ficar.

CIGANUS:

E emquanto ás convulsões do leão popular,
Como diria o nobre duque, afoitamente
Respondo pelo bicho: um cão ladrando á gente.
Dobrei guardas, minei as pontes á cautela,
E fica a artilharia em volta á cidadella.
Não ha p'rigo nenhum. Durma El-rei sem temor.
Boa noite, Senhor...

MAGNUS, *curvando-se até ao chão:*

Meu Senhor!

OPIPARUS:

Meu Senhor...

Sahem os tres.

MAGNUS, *vae pensando:*

Ora, se o filho do alfaiate qualquer dia
Inaugurava ainda a quinta dynastia!...
Eu sentado no throno!... Eu rei de Portugal!!...
Que, rei ou presidente, emfim é tudo egual...

Muita finura agora e muita vigilancia,
Observando e aguardando as coisas a distancia!...
Magnus! lume no olho e não te prejudiques...
Eu succeder, caramba! a D. Affonso Henriques!!...

SCENA III

O rei, só

O temporal augmenta. Relampagos e trovões.

O REI:

Não me lembra de ver uma tormenta assim!...
Que demonio de noite!... Ando fora de mim,
Desvairado... Um veneno occulto me afogueia,
Que ha tres dias que trago uma cabeça alheia
Nestes hombros... Que inferno!... É exquisito... é exquisito!...
Foi beberagem má... droga horrenda... acredito!
Uns vagados de louco, um frenesim medonho...
Sonharei, por ventura, e será tudo um sonho?!...
Acordado ando eu, acordado a valer,
Que ha tres noites não pude ainda adormecer!...

Peçonha?... não!... A causa d'isto... a causa é o doido
O raio do fantasma, esse maldito doido
Que me persegue!... tenho medo... e vergonha em dizel-o!...
E depois o chronista-mór, um pesadello
Ambulante, um maluco agoireiro e scismatico,
Com àquellas visões estranhas de lunatico,
Faz-me mal... faz-me mal... Que o leve o diabo... O certo
É que ha dentro de mim desarranjo encoberto...
Uma insomnia damnada... um nervoso... um fastio...
Misanthropia tal que não bebo, nem rio,
Nem de toiros me lembro emfim, nem de ir á caça!
Mau sangue... Arvore má... Podre... podre... É de raça!...

UMA VOZ TRAGICA, *na escuridão:*

Ai, na batalha destroçado,
Ai, na batalha destroçado,
Rota a armadura, ensanguentado,
Debaixo d'uma arvore funesta
Fui-me deitar, fui-me deitar... dormir a sesta...
Fui-me deitar... dormi... dormi...
Endoudeci, enlouqueci
Debaixo d'uma arvore funesta!...

Uivam os cães, espavoridos e furiosos.

O REI:

O doido! o doido! o doido!... Ha tres noites a fio
Que este velho alienado, horroroso e sombrio,
Á volta do palacio, ave negra d'azar,
Anda a cantar!... anda a cantar!... anda a cantar!...

Indo ao balcão:

Eil-o!

(Ao clarão d'um relampago, destaca-se, de subito, fronteiro ao castello o vulto tragico do doido. Um gigante. Roto, cadaverico, longa barba esqualida, olhos profundos de alucinado, agitando no ar um bordão em circulos d'agoiro, cabalisticos. O manto esvoaça-lhe tumultuoso, restos d'uma bandeira velha ou d'um sudario.)

Morro de medo!... Ha não sei que de extravagante,
De inquietador, na voz, nas feições, no semblante
D'este doido... Será um doido por ventura?...
Mal a sua voz acorda, rouca, a noite escura,
Logo os cães a ladrar, a ladrar e a gemer,
Como se entrasse a morte aqui sem eu a ver!...
Que raio de fantasma!... É coisa de bruxedo...
Não ando em mim... não ando bom, tremo de medo...
Exquisito!...

Sentando-se ao fogão:

Ora adeos!... É do tempo... é da lua...
Nervoso... Passa... Mas, se o diabo continua
Com as trovas de agoiro, eu forneço-lhe o mote,
Mandando-o escorraçar a cacete e a chicote.

Vendo o pergaminho sobre a mesa:

O tratado... Uma leria... Enfastia-me já...
Mais preto menos preto, a mim que se me dá?!
Por via agora d'uma horrenda pretalhada
Mil barafundas e alvorotos... Que massada!
Que massada!... Fazem-me doido, não resisto...

Desenrolando o pergaminho:

É assignal-o, e prompto! acabemos com isto!

Lendo alto:

«Eu, rei de Portugal, subdito inglez, declaro
Que á nobre imperatriz das Indias e ao preclaro
Lord Salisbury entrego os restos d'uma herança
Que d'um povo ficou á casa de Bragança,

Dando-me, em volta, a mim e ao principe da Beira
A deshonra, a abjecção, o throno... e a Jarreteira.
Caspite! um pouco forte... Ora adeos!... uma historia...
Chalaças... Devo a c'roa á rainha Victoria!

O DOIDO, *na escuridão:*

Tive castellos, fortalezas pelo mundo...
Não tenho casa, não tenho pão!...
Tive navios... milhões de frotas... Mar profundo,
Onde é que estão?... onde é que estão?!...
Tive uma espada... Ah, como um raio, ardia, ardia
Na minha mão!...
Quem m'a levou? quem m'a trocou, quando eu dormia,
Por um bordão?!...
E tive um nome... um nome grande... e clamo e clamo,
Que expiação!
A perguntar, a perguntar como me chamo!...
Como me chamo?... Como me chamo?...
Ai! não me lembro!... perdi o nome na escuridão!...

O REI, *desvairado, erguendo-se:*

O doido!... Aquella voz de fantasma titanico
Gela-me o sangue e petrifica-me de panico!

Porque?... Ignoro... O mesmo instincto singular,
Que faz ladrar os cães, mal o ouvem cantar...
Parece-me um algoz, um carrasco sangrento
D'além campa, a marchar no escuro a passo lento,
Direito a mim!... Lá vem!... lá vem vindo... não tarda!...
Quem-me defende?... a minha côrte? a minha guarda?
A minha guarda!... a minha côrte!... Ah, bons amigos,
Como heide crer em saltimbancos e em mendigos,

Sentando-se ao fogão, junto dos cães:

Se nem mesmo nos cães tenho confiança já!...

Os tres cães, agachando-se-lhe aos pés, acariciam-no e lambem-no.

O REI, *enxotando Iago bruscamente:*

Iago... Iago!... Então... basta de festas, vá!...
Safado! cachorro immundo!... Olhem o odre
De gordura, já meio leso e meio podre!
Biltre! Á força de comesainas e de enchentes
Emprenhou-te a barriga e cahiram-te os dentes!
As unhas foi meu pae quem t'as cortou de vez...
Já nem és cão... és porco; e inda em porco és má rez!

E lembrar-me eu de o ver, canzarrão duro e bruto,
O ventre magro, o olhar em sangue, o pello hirsuto,
Capaz de trincar ferro e mastigar cascalho!...
E eil-o agora: poltrão! ventrudo-mór! bandalho!

Iago redobra de festas. O rei dá-lhe um pontapé.

O bandalho! o bandalho!...

E este Judas esperto,
Este Judas, filho de loba e cão incerto!...
Um chacal remeloso e sarnento e pellado,
Todo corcunda, esguio e vesgo, a olhar de lado!...
E acredita, o pandilha sorna, o safardana,
Sempre a beijar-me os pés, sempre a tossir de esgana,
Que me illude!... Cachorro!... Ora diz lá, meu traste:
Por quanto hasde vender El-rei? já calculaste?...
E um Veneno, que é tão pequeno e que é tão mau!
Fraldiqueiro e feroz, pulgasita e lacrau!
Com ganas de trincar a humanidade inteira,
Vae trincando pasteis e barrigas de freira...

Erguendo-se:

E são tres cães, tres cães! Iago, Judas, Veneno,
Um odre immundo, um chacal torto e um rato obsceno,

O meu amparo! Que vergonha!... Ao que eu cheguei!...
Tres podengos de esquina a tutelar um rei!
Mas, que demonio! sou injusto... a verdade, a verdade
É que guardam o predio e fazem-me a vontade...
Por amor á ração e não amor ao dono?
Inda bem... inda bem... tem de salvar o throno,
Se quizerem jantar... Perdida a monarchia,
Adeos o regabofe e adeos a conesia!
Por isso estão, como dragões, de sentinella
Junto do rei, junto da copa e da gamella.
Defendem-me. E eu ainda os insulto!... coitados!
Mandriões e glutões, gostam de bons bocados...
Tambem eu... Porque os heide, afinal, descompor?
É da bilis, da inquietação, do mau humor
Em que eu ando... Nem sei... que demonio! foi praga...
Raios partam o doido e essa abantesma aziaga
Do chronista!... Não ha que ver, fazem-me tonto!...

Vendo o pergaminho:

Mais esta geringonça inda por cima!

Indo a assignar:

Prompto!

O DOIDO, *na escuridão:*

Ai, a minh'alma anda perdida, anda perdida
Ou pela terra, ou pelo ar ou pelo mar...
Ai não sei d'ella... ai não sei d'ella... anda perdida,
E eu ha mil annos correndo o mundo sem na encontrar!...
Pergunto ás ondas, dizem-me as ondas:
— Pergunta ao luar... —
E a lua triste, branca e gelada,
Não me diz nada... não me diz nada...
Põe-se a chorar!
Pergunto aos lobos, pergunto aos ninhos,
E nem as feras, nem os passarinhos
Me dizem onde habita, em que logar!...
Sangram-me os pés das fragas dos caminhos...
Não tenho alma, não tenho patria, não tenho lar!...
Ai, quanta vez! ai, quanta vez!
Não passará talvez
A minh'alma por mim sem me fallar!
Quem reconhece o cavalleiro antigo
Neste mendigo
Roto e doido... quem hade adivinhar?!...
Adivinhava ella... adivinhava!...
O cão no escuro, pela serra brava,
Não vae direito ao dono a farejar?

Adivinhava... É que está presa... é que está presa!
Hontem sonhei... (lembro-me agora!) que está presa
Naquella bruta fortaleza,
Numa cova sem luz, num buraco sem ar,
E que os carrascos esta noite, de surpresa,
A vão matar! a vão matar! a vão matar!...

. . . .

Por isso o mar anda a rezar!...
Por isso a lua desmaiada,
Sem dizer nada... sem dizer nada...
A olhar p'ra mim, branca de dor, fica a chorar!...

Ribombam trovões, fusilam relampagos. Os cães, espavoridos, ululam sinistramente.

O REI, *alucinado, clamando:*

É de mais! é de mais!... Põe-me o caco do avesso!...
Um frenesim... Que furia!... irrita-me... endoideço...
E anda ás soltas este ladrão d'este espantalho!...
Eu já o ensino, já o arranjo... um bom vergalho...
Marquez! marquez! marquez!

SCENA IV

O rei, Opiparus e Ciganus, acudindo.

OPIPARUS :

Meu Senhor!...

CIGANUS :

Meu senhor!...

O REI, *alucinado :*

Vão-no prender!... vão-no prender!... Um salteador...
Tragam-m'o aqui aos pés, de rastros, maniatado!...
Tragam-no aqui!...

OPIPARUS, *á parte:*

El-rei endoideceu, coitado!

CIGANUS :

Meu Senhor! meu Senhor, que indignação!... Dizei,
Alguem desacatou a pessoa d'el-rei,
Por acaso?

O REI:

Um fantasma louco entre o arvoredo...

OPIPARUS:

Um fantasma?!... Illusão... O ar atordôa...

CIGANUS:

Medo

De que? de agoiros infantis, de sonhos vagos?
Com ministros leaes e escudeiros bem pagos,
Que teme el-rei?!...

O REI:

Não foi vertigem, não foi sonho...
Um brutamontes alienado, um gigante medonho
Que me não deixa... Quero vel-o... Ide prendel-o... andae..

CIGANUS:

Mas que fantasma é esse aterrador?

O REI, *levando-os ao balcão e apontando:*

Olhae!
Alem!... alem!... alem!...

CIGANUS:

Strambotica figura!...
É singular... é singular...

OPIPARUS:

Crime ou loucura...
Por certo um doido...

O REI:

Ha já tres noites, sem descanço,
Vivando loas sobre loas...

OPIPARUS:

Doido manso...

O REI:

Ide prendel-o!... amordaçae-o, maniatae-o!
Não me larga esta insomnia ha tres noites!... Um raio
D'um profeta a grunhir cantochões de defuntos!...
Boa carga de pau... bom marmeleiro aos untos...
Mas vejam lá que o diabo ás vezes, com a telha,
Não arme algum chinfrim... Peguem-no de cernelha!

SCENA V

O rei, inquieto, preoccupado, senta-se ao fogão. Os cães abeiram-se, uivando medrosos. Redobra a tormenta. Pestanejam, continuos, relampagos formidaveis.

O DOIDO, *no escuro, em voz plangente de embalar creanças:*

Os vivos tem medo aos mortos,
Que andam de noite ao luar...
Fantasmas de mortos
São enganos mortos...
Deixem-nos andar... deixem-nos andar!...

Os vivos tem medo aos mortos,
Que andam sonhando a penar. . .
Chimeras de mortos
São desejos mortos. . .
Deixem-nos sonhar. . . deixem-nos sonhar! . . .

Os vivos tem medo aos mortos,
Que andam cantando a chorar. . .
As canções dos mortos
São suspiros mortos. . .
Deixem-nos cantar. . . deixem-nos cantar! . . .

O REI:

O doido! o doido! o doido!

A MESMA VOZ, *na escuridão:*

Não lhes tenham medo. . . deixem-nos cantar. . .

SCENA VI

Entram Ciganus e Opiparus acompanhando o fantasma, em meio de escudeiros armados e com archotes. O doido apparece tal qual o descrevemos: enorme, cadaverico, envolto em farrapos, as longas barbas brancas fluctuando. N'uma das mãos o bordão. Na outra um velho livro em pedaços. Lembra um doido e um profeta, D. Quixote e o rei Lear. O olhar, cavo e mysterioso, é de somnambulo e de vidente. O rei empallidece como um sudario. Os cães ululam, furiosos e tremulos.

CIGANUS:

Eis o doido... É curioso este Mathusalem...
Como se chama? onde nasceu? de d'onde vem?
Ignora tudo... Canta e soluça...

OPIPARUS:

De resto,
Não tem furias, nem anda armado: um doido honesto.

O REI:

Que estafermo!... que monstro!... Um espião, talvez...

OPIPARUS:

Deixou-se maniatar, prender, qual uma rez
Submissa... Não, um doido...

CIGANUS :

Um doido extravagante...
Quem és? Despacha a lingoa... olha que estás diante
D'el-rei... Diz o teu nome...

OPIPARUS :

O teu nome, villão!

O DOIDO, *absorto :*

Como me chamo... como me chamo?...
Ai! não me lembro... perdi o nome na escuridão!...

CIGANUS :

Sempre a mesma resposta inalteravel...

O REI :

Diz
De d'onde vens? onde nasceste? em que paiz?
Nada temas... El-rei é bom, podes fallar...

O DOIDO, *somnambulo:*

Não tenho alma... não tenho patria... não tenho lar...

O REI:

Traz um livro na mão, reparae...

CIGANUS, *tomando o volume, que o doido entrega, pesaroso:*

Deixa ver...
Deixa-m'o ver... um livro antigo... Sabes ler?
Tu sabes ler?

OPIPARUS:

Anda, responde, não te encolhas...

CIGANUS, *abrindo o livro:*

Nem principio, nem fim; trapos todas as folhas.

Folheando e lendo:

«*Esta é a ditosa patria minha amada...*

. . . .

«*Alguns traidores houve algumas vezes...*

. . . .

«*Porque essas honras vans, esse oiro puro*
«*Verdadeiro valor não dão...*

. . . .

«*A que novos desastres determinas*
«*De levar estes reinos, esta gente?...*

. . . .

«. . . . . *apagada e vil tristeza...*

O REI:

Parece verso...

CIGANUS, *restituindo o livro:*

Um alfarrabio fedorento,
Coisa de pregador, talvez... cheira a convento...

CIGANUS:

Quem sabe se algum velho ermitão alienado,
D'esses que vivem sós, longe do povoado,
Em ermos alcantis ou cavernas de fera...

OPIPARUS:

Onde dormes?

O DOIDO:

Dormir!... dormir!... Oh, quem me dera
Dormir!... Oh, quem me dera esta cabeça vaga,
Esta cabeça tonta, arrimal-a a uma fraga,
E quedar-me p'ra sempre esquecido no chão!...
E os mortos dormem... e eu morri... então... então
Porque não durmo?!...

Vagueando os olhos esgazeados pelos retratos da dynastia de Bragança, e como que recordando-se gradualmente, em sonho, d'um escuro passado, abolido e longinquo:

Olha os bandidos... os traidores!...
Bem nos conheço!... foram elles... subtilmente

Rosnam os cães, enfurecidos.

Com drogas más e com venenos de serpente,
Sem eu saber, de noite e dia, a pouco a pouco,
Me levaram a alma e me tornaram louco...
Enlouqueceram-me, endoidaram-me os bandidos!...
A minha alma!... a minha alma!... Ouço gemidos...

São talvez d'ella... tem-na aqui encarcerada...
Onde estás, onde estás, alma desamparada?!...
Grita por mim!... onde é que estás?!... Ai, quero emfim
Ver-te comigo... Onde é que estás?!...

Os cães, truculentos, investem com elle. Resignado e com desprezo:

Ah, cães damnados... cães d'el-rei... mordei, mordei
Este corpo sem alma!... Ah fosse outr'ora... outr'ora!..
E ai dos cachorros e do dono!... Assim... agora....
Mordei, mordei, ladrae, despedaçae sem p'rigo
A minha carne e os meus andrajos de mendigo!...

CIGANUS:

Coitado! um noitibó maluco e mansarrão...

OPIPARUS:

Delirio de tristeza e de perseguição...

O REI:

Astrologus talvez o conheça...

CIGANUS :

O farçante!
Prégador, impostor, magico, nigromante,
Meio raposa e meio c'ruja...

O REI :

É tal e qual... perfeito...
Mas o demonio do mostrengo tem seu geito
Para enigmas... Quem sabe!... Ide-o chamar... talvez...

SCENA VII

Opiparus vae em procura do chronista. O doido, somnambulo, vagueia em torno do salão, contemplando os retratos. O rei ao lume, junto dos cães, segue-o com os olhos.

CIGANUS, *meditando :*

Bem complicado este chronista!... Quem o fez
Teve artes de engendrar singular creatura,
Contradictoria, ondeante, incerta, ambigua, obscura...
Ha duas almas no mostrengo: a que architecta
Chimeras vans e sonhos vãos, a do poeta

Lunatico, imbecil, mystico, illuminado,
Essa deixal-a andar, que me não dá cuidado!,
Mas a outra, a ambiciosa, a gulosa, a mesquinha,
A refalsada, (a verdadeira!) a egual á minha,
Essa mais devagar, Saltamontes... cautella!...
Olho nella... olho nella...
O rei é tudo, o rei fraco... este chronista
Discursa bem... convem não o perder de vista...
Inutil. Afinal as duas almas ao cabo
Destroem-se uma a outra, é como Deos e o Diabo.
E emquanto que ambas a ferver, drogas contrarias,
Em mil combinações, imprevistas e varias,
Se desagregam, eu, tranquillo e resoluto,
Como tenho uma só, imagino e executo.
Ah, o chronista ambiguo e magro e macilento
Não pasmarei de o ver ainda num convento...
Bem capaz de morrer, jejuando, ermitão...
A loucura subtil envolve-o...

Que trovão!

Que relampago!... Brada o vento... ulula o mar...
E este doido exquisito e singular, a olhar...
A olhar... Que leve o demo a noite e a ventania...

O REI, *seguindo o doido com os olhos:*

Pois agora embirrou! não larga a dynastia...

O DOIDO, *absorto:*

Fantasmas de mortos
São enganos mortos...
Não lhes tenham medo... deixem-nos sonhar...

SCENA VIII

Entram Opiparus e Astrologus.

O REI, *ao chronista-mór:*

Conheces por ventura
Este doido?

ASTROLOGUS:

Conheço.

O REI:

É doido?

ASTROLOGUS:

Na figura,
Na voz, no olhar, em tudo o podeis lêr, Senhor.

O REI:

E como endoideceu?

ASTROLOGUS:

De miseria e de dor.

O REI:

Ha muito?

ASTROLOGUS:

Vae fazer tres seculos...

CIGANUS:

A vista
Do espantalho endojou a mioleira ao chronista...

O REI:

Tres seculos!... caramba! então que edade tem?
Mil annos?...

ASTROLOGUS:

Quasi...

OPIPARUS:

Pronto! endoideceu tambem!

ASTROLOGUS:

A mil não chega ainda; oitocentos...

CIGANUS:

Coitado!
Endoideceu! doido varrido e confirmado!

O REI:

Gracejas?

ASTROLOGUS:

Não perdi a razão, nem gracejo...
Acaso, meu Senhor, não vedes, como eu vejo,
Neste gigante, em seu aspecto e seu fadario,
O quer que seja de extra-humano e de lendario?
Maior que nós, simples mortaes, este gigante
Foi da gloria d'um povo o semideos radiante.
Cavalleiro e pastor, lavrador e soldado,
Seu torrão dilatou, inhospito montado,
Numa patria... E que patria! a mais formosa e linda
Que ondas do mar e luz do luar viram ainda!
Campos claros de milho moço e trigo loiro,
Hortas a rir, vergeis noivando em fructos d'oiro,
Trilos de rouxinoes, revoadas de andorinhas,
Nos vinhedos pombaes, nos montes ermidinhas,
Gados nedios, colinas brancas olorosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas,
Selvas fundas, nevados pincaros, outeiros
D'olivaes, por nogaes frautas de pegureiros,
Rios, noras gemendo, azenhas nas levadas,
Eiras de sonho, grutas de genios e de fadas,
Riso, abundancia, amor, concordia, juventude,
E entre a harmonia virgiliana um povo rude,

Um povo montanhez e heroico á beira-mar,
Sob a graça de Deos, a cantar e a lavrar!
Patria feita lavrando e batalhando: Aldeias
Conchegadinhas sempre ao torreão de ameias.
Cada vila um castelo. As cidades defesas
Por muralhas, bastiões, barbacans, fortalezas.
E a dar a fé, a dar vigor, a dar o alento,
Grimpas de cathedraes, zimborios de convento,
Campanarios de egreja humilde, erguendo á luz,
Num abraço infinito, os dois braços da cruz!
E elle, o heroe immortal d'uma empresa tamanha,
Em seu tuguriosinho alegre na montanha
Simples vivia, — paz grandiosa, augusta e mansa,
Sob o burel o arnez, junto do arado a lança.
Ao palido esplendor do ocaso na arribana,
Dil-o-hieis, sentado á porta da choupana,
Ermitão mysterioso, extatico vidente,
Olhos no mar, a olhar somnambolicamente...
—«Agoas sem fim!... ondas sem fim!... Que mundos novos
De extranhas plantas e animaes, de extranhos povos,
Ilhas verdes alem... para alem d'essa bruma,
Diademadas de aurora, embaladas de espuma!...
Oh, quem fôra, atravez de ventos e procellas,
Numa barca ligeira, ao vento abrindo as velas,

A demandar as ilhas d'oiro fulgurantes,
Onde sonham anões, onde vivem gigantes,
Onde ha topazios e esmeraldas a granel,
Noites de Olimpo e beijos d'ambar e de mel!
E scismava e scismava... As nuvens eram frotas
Navegando em silencio a paragens ignotas...
— Ir com ellas... fugir... fugir!... — Ũa manhã,
Louco, machado em punho, a golpes de titan
Abateu impiedoso o roble familiar,
Ha mil annos guardando o colmo do seu lar.
Fez do tronco num dia uma barca veleira,
Um anjo á proa, a cruz de Christo na bandeira...
Manhã d'heroes... levantou ferro... e, visionario,
Sobre as agoas de Deos foi cumprir seu fadario.
Multidões acudindo ululavam de espanto.
Velhos de barbas centenarias, rosto em pranto,
Braços hirtos de dor, chamavam-no... Jamais!
Não voltaria mais!... oh, jamais... nunca mais!...
E a barquinha, galgando a vastidão immensa,
Ia como encantada e levada suspensa
Para a chimera astral, a musicas de Orpheos...
O seu rumo era a luz, seu piloto era Deos!
Annos depois volvia á mesma praia emfim
Uma galera d'oiro e ebano e marfim,

Atulhando, a estoirar, o profundo porão
Diamantes de Golconda e rubins de Ceilão.
Naiades e tritões e ninfas, ao de leve,
Moviam-na a cantar sobre espaduas de neve.
No estandarte uma cruz esquartelando a esfera;
E Venus, voluptuosa, á proa da galera
Com o anjo christão, virgem risonha e nua,
A mamar alvorada em seus peitos de lua!...
O argonauta immortal, chimerico gigante,
Voltava dos confins da epopeia radiante,
Extasiados ainda os olhos vagabundos
D'astros de novos ceos, floras de novos mundos!

Epopeia inaudita! Heroe, elle a viveu,
Sonhador, a cantou: Eschilo e Prometheu!
Inda em hymnos de bronze, em estrofes marmoreas
Vibra eterno o clangor d'essas passadas glorias...
Mas a gloria entontece e mata... Deslumbrado,
Trocou por armas d'oiro as armas de soldado,
Vestiu veludo e seda e lhamas rutilantes,
Estrelou de rubins, aljofares, diamantes
Sua espada de côrte e seu gibão de gala,
E, em vez do catre duro e pão negro de rala,
As molesas do Oriente e as orgias faustosas,
Com baixelas d'Olimpo e emanações de rosas...

Perdida a antiga fé, morta a virtude antiga,
Seu animo d'heroe, caldeado na fadiga
De mil empresas, mil combates de titans,
Domaram-no por fim braços de cortesãs.
Com o ferro vencera o oiro ; em desagravo,
O oiro, que é mau, venceu-o a elle, tornando-o escravo.
Ingrato abandonara o tecto paternal,
Em cuja mesa á ceia aldean, heroe frugal,
Eram de sua estreme e rustica lavoira
O pão moreno, o vinho claro e a fruta loira.
Deixou morrer o armento ; e campos e vinhedos
Cobriram-se de tojo, ortigas e silvedos.
Em seus castelos e palacios rendilhados,
Sobre leitos de arminho e veludo e brocados,
Entre beijos de harem e pompas de rajah,
Desfalecera o velho heroe, caduco já.
Mas era bravo ainda, e por vezes nas veias,
Acordava-lhe o sangue, alvorando epopeias. . .
Num impeto de febre, aceso, arrebatado
Na visão deslumbrante e fulva do passado,
Ergueu-se um dia, louco e triste, alma chimerica,
Olhos em brasa a arder na face cadaverica. . .
Apparelhou galeões, velas brancas arfantes,
Cavalleiros aos mil, juvenis e brilhantes,

Galopando a cantar, descuidados e ledos
Lanças na mão, a pluma ao vento, anneis nos dedos,
Cada boca uma flor, cada arma um tesoiro,
Rodelas d'oiro, arnezes d'oiro, espadas d'oiro,
Pedrarias astraes em setins e em veludos,
Drapejar de pendões, reverberos de escudos,
E as trombetas varando o ceo leve de anil
Co'o estridente clangor do seu furor febril!
E, olhos em brasa a arder na face cadaverica,
Lá partiu, lá partiu, alma errante e chimerica,
Á epopeia da gloria, ao sonho aventureiro,
Ao sonho lindo... oh, sonho triste e derradeiro!...
Num mar d'areia, fogo em pó turbilhonando,
Sob o vitriolo da luz redardejando,
Entre as carnagens do combate desvairado,
Já trucidado, espostejado, aniquilado
Seu exercito louco, — oh sonho louco e vão! —
O calmo heroe, noite no olhar, gladio na mão,
Negro de fumo e pó, rubro de chamma e sangue,
Os ilhaes estoirando ao seu corcel exangue,
Arrojou-se, como um destino, erecto e forte,
Á sangrenta hecatombe, á paz de Deos, á morte!
E a morte não no quiz: exanime e desfeito
De lançadas crivado o arnez, crivado o peito,

Sob o corcel tombou, por milagre inda vivo!
Levaram-no depois sem acordo e cativo.
Meio seculo preso e debil... De repente,
Num assomo de furia e de colera ardente,
Partiu grilhões, abriu o ergastulo fatal
E voltou livre, livre! ao seu torrão natal!...
Mas então, oh tristeza, oh deshonra, oh desgraça!
Feras do mesmo sangue, homens da mesma raça
Envenenaram-no!...

Iago atira-se furioso ao chronista.

O REI, *dando-lhe um pontapé:*

Silencio! deixa ouvir...
Tem cada uma este chronista!...

Iago não obedece. Outro pontapé.

Deixa ouvir!
E quem foi?... e quem foi?...

Rosnam os cães, fusilando os olhos ao chronista.

ASTROLOGUS, *embaraçado e perplexo:*

Quem foi?... Mysterio obscuro... enigma que se esconde...
Já li sobre isso, não sei quando, nem sei onde,
Uma lenda qualquer...

Os cães enfurecem-se.

O REI:

Iago! Judas!... caluda!

ASTROLOGUS:

Mas nesse ponto, meu Senhor, a historia...

Os cães ameaçam, desvairados.

é muda!...

. . . .

Envenenaram-no, eis o facto, eis a verdade.
E ás escuras, extincta a immortal claridade,
Louco automato errante, alma cega e funerea,
Veio andando atravez do tempo e da miseria,
Mendigo como um cão e martyr como um Christo,
Até chegar, meu Deos, vergonha eterna!... a isto!!...

Vede-o bem, vede-o bem, o rude heroe d'outr'ora:
Teve o mundo nas mãos, nos olhos d'aguia a aurora.
E hoje, oh destino atroz! sem amparo e sem lar,
Tem andrajos no corpo e escuridões no olhar!...
Não no mandeis prender, eu vol-o peço e requeiro!
É inofensivo... é manso e bom como um cordeiro...
Causam-vos medo, por ventura, umas baladas
Que anda á noite a cantar, canções d'almas penadas?...
É a doudice, horrida e má, que tumultua
Ou nas voltas do tempo ou nas fases da lua...
Não afronta ninguem... Deixem-no ir, coitado!
Deixem-no com seu mal e seu negro cuidado,
A trovar pelo escuro e a viver pelos montes
De luz do sol, d'herva do campo e agoa das fontes...

. . . .

Traz um livro na mão, reparae bem, Senhor:
Um livro usado, um livro gasto e sem valor...
Sem valor?!... Um tesoiro, uma historia de encanto,
Que elle escreveu com sangue e hoje rega com pranto...
Não a larga da mão, anda-lhe tão afeito,
Que até dorme com ella escondida no peito...
Mas que miseria a sua e que destino o seu!
Quer ler... e não soletra o livro que escreveu!
Muitas vezes de tarde encontro-o a meditar

Sobre rocha escarpada e nua á beira-mar...
Pega no livro então, abre-o sofregamente,
E fica olhando, olhando, atonito e demente,
A epopeia d'outr'ora, a biblia do passado,
Que lagrimas de fogo em sec'los tem queimado...
Mas ai! que serve olhar, se os olhos são janellas,
E se a alma é quem vê, quem espreita por ellas!...
Fica a olhar... fica a olhar, hesitante e perplexo,
Balbucia, articula umas coisas sem nexo,
E, por fim, taciturno e torvo, aniquilado,
Como quem vislumbreia, horror!, o seu estado,
Fita as nuvens do azul... fita as ondas do mar...
E desata, em silencio, a chorar!... a chorar!...
E depois vem a noite... e ali dorme ao relento,
Desamparado, abandonado, ao frio, ao vento,
Té que algum pescador, de manhã, pela mão
O recolha ao seu lar e lhe dê do seu pão!...

. . . .

CIGANUS:

Bem o dizia eu... bem o dizia eu...
Este chronista não regula... endoideceu!
Que historias que elle inventa, o magico!...

OPIPARUS:

Perlendas
De visionario tonto, inquiridor de lendas...
Vagueiam-lhe no caco obscuro, entre miasmas,
Lemures, avejões, duendes, monstros, fantasmas...

CIGANUS:

E no emtanto calcula e discorre direito,
Se lhe cheira a questão de ganancia ou proveito...

O REI:

Tantas magicações, tanto grego e latim
Turvaram-lhe a rasão, deram com elle assim.
Pobre chronista! anda na lua... As trapalhadas,
As pandangas que elle architecta!... E bem armadas!
Bem armadas!... com certo dedo... Francamente,
Ás vezes o ladrão quasi embarrila a gente!
Põe-se-me a fantasiar uns casos de mysterio,
Com tamanho palavriado e tanto a serio,
Que fico besta!... Ora o ratão! ora a inzonice!
Vejam lá, vejam lá, tudo que p'ra hi disse!

Os maranhões, a lenga-lenga, a choradeira
Sobre um doido, coitado, a caír de lazeira!

Designando o doido:

Coitado! meio nu, faminto, vagabundo,
De charneca em charneca, aos tombos pelo mundo,
Sem ninguem... vê-se bem que esta doida alimaria
É de familia pobre, é de gente ordinaria.
E eu com receios e com medo! Visto ao longe,
Tão alto, um vozeirão, as barbaças de monge,
Era um horror! coitado! um maluco, afinal...

Aos guardas:

Deixem-no em liberdade e não lhe façam mal.
Não o espanquem... Ninguem lhe bata... ordens severas!
Ninguem bate num doido; os doidos não são feras.
Tratem-m'o bem... com caridade... Para a ceia
Uma codea de pão e a gamela bem cheia.
Desgraçado! E dormir... dorme perfeitamente
Na estrebaria ao pé dos cães: é limpo e é quente.
Roupa grossa... Avisae lá em baixo a canalha...
Duas mantas de lã e tres feixes de palha.
Não se esqueçam! cumpram as ordens que lhes dei!

ASTROLOGUS, *curvando-se humildemente:*

Ó alma generosa! Oh magnanimo rei!
Que agradavel não é ser o chronista obscuro
De espirito tão alto e coração tão puro!

O doido sae acompanhado dos guardas. Os cães perseguem-no, ladrando, até á porta. Desencadeia-se a tormenta. Raios, trovões, aguaceiros, ventanias lugubres. O rei e os validos dirigem-se ao balcão. O chronista acaricia os cães, galhofeiramente, sorrindo amavel.

O CHRONISTA, *afagando Iago:*

Iago, meu bom amor! faz'as pazes comigo!
Sabes quanto te quero e sei que és meu amigo...
Não te zangues... perdão... congracemo-nos, vá!
O doido foi-se embora e não torna a vir cá...
Havia de eu perder afeições como a tua,
Por causa d'um maluco a divagar na lua?!...
Anda, não sejas mau... faz'as pazes comigo...
Meu protector... meu defensor... meu velho amigo!...

Ameigando Judas:

E este Judas!... tão bom... tão leal... tão sincero!...
Como eu gosto de ti, Judas! como eu te quero!...

Pegando no Veneno ao collo:

E o meu Veneno! o meu *bijou!* a rica prenda!...
Que amor de cão!... que perfeição!... Nem de encommenda!...
É de apetite o meu Veneno, o meu tesoiro...
Uma beijoca, vá, no focinhito loiro!...

Afagando os tres cães simultaneamente:

E, para liquidar agravos d'uma vez,
Disponho-me esta noite a cear com vocês!

O REI, *despedindo o chronista:*

Chronista, vae dormir... boa noite... Deos queira
Que o somno te refresque um pouco a maluqueira...

O CHRONISTA *sae, pensando:*

Na batalha da vida evidente se torna
Que ou havemos de ser martelo ou ser bigorna.
Conclusão natural do dilema singelo:
Evitar a bigorna triste... e ser martelo.
Monstruoso, feroz, horrivel, mas em summa
Ponderemos que a vida é curta, — e que ha só uma!

SCENA IX

O REI, *sentando-se commodamente ao fogão:*

Ora do doido estou eu livre! Agasalhei-o,
Matei-lhe a fome, e agora quente, o ventre cheio,
Cama bem farta, vae dormir e repousar,
E não volta por certo esta noite a cantar...

Repotreando-se alegremente.

Uff! sinto-me bem! volto a mim...

Trincando um charuto e voltando-se para Ciganus:

Dá-me lume.
Ia perdendo o vicio... É da regra... é o costume...
Em não fumando, mau negocio! ando exquisito...
Pois ámanhã caçada e toirada, 'stá dito!
Heide abater, e sem fazer lá grandes forças,
Doze toiros, trezentas lebres e cem corças.

OPIPARUS, *áparte:*

Já mente... Vae melhor!

Tiros ao longe. Clamor distante. Os cães ululam.

O REI, *sobresaltado :*

Ouvi... ouvi!... ouvi!...
Tiros... detonações... é proximo d'aqui...
Fusilaria!... Ouvi... Que demonio se passa?!...

CIGANUS :

São os guardas d'El-Rei, que andam de noite á caça...

O REI :

De noite á caça!

CIGANUS :

Montaria aos lobos, meu Senhor...

O REI :

Dei cabo d'um aqui ha tempos... Que vigor,
E que tamanho! Era de noite... foi na estrada...
Cahiu logo no chão á primeira mocada!
Tenho morto duzias de lobos e de lobas,
Nenhum assim: pesava umas quarenta arrobas.

OPIPARUS, *áparte :*

Sim senhor, eis El-Rei já no estado normal !

Ouvem-se marteladas cavas e repetidas nos subterraneos profundos do palacio.

O REI :

Que barulho lá baixo ! . . . Um estrondo infernal
De marteladas!... Santo Deos! nem trinta diabos juntos,
Pregando a toda a pressa esquifes de defuntos !

OPIPARUS, *rindo :*

Gente carpinteirando em taboas e barrotes,
Não para esquifes, meu Senhor ; para caixotes !
Mandei encaixotar (a providencia é boa)
Os milhões do thesoiro e as baixelas da c'roa.
E em quanto á c'roa, Senhor meu,
Ningem lh'a roubará, ninguem !, defendo-a eu.
O throno. . . o que é um throno ? uma simples cadeira
De veludo já gasto e de velha madeira.
É, pois, minha profunda e sabia opinião
Deixal-o ir sem resistencia. . . A c'roa, não !

A c'roa é d'oiro fino, esmeraldas, diamantes,
Turquezas e rubins... (uns dois milhões cantantes!)
E portanto, Senhor, havemos de leval-a,
Hade ir comnosco, ao pé de nós, dentro da mala!

CIGANUS, *pensando e rindo:*

C'roa de procissão... rica para um andor:
Pedras falsas; troquei-lh'as eu; vidros de côr.

OPIPARUS, *continuando:*

E comido o banquete e devorada a presa,
Bem nos importa a nós erguermo-nos da mesa!
Partiremos a rir, terminado o *dessert,*
Levando cada qual na algibeira o talher...
Com tres milhões de renda, um peculio feliz,
Grande vida a d'um rei desthronado em Pariz!...

O REI:

É cinico, mas tem pilheria este demonio!...

OPIPARUS :

Bom estomago e ventre livre: um patrimonio!
A vida é boa ou má, faz rir ou faz chorar,
Conforme a digestão e conforme o jantar.
Pode crel-o, Senhor, toda a filosofia,
Ou tristonha ou risonha ou alegre ou sombria,
Deriva em nós, tão orgulhosas creaturas,
De gastro-intestinaes combinações obscuras.

O REI :

E a moral?

OPIPARUS :

Rica farça a moral! Não me illude.
Examinem qualquer vendedor de virtude,
Casto como um carvão, magro como um asceta:
A abstinencia é impotencia, o jejum é dieta.
O diabo, meu Senhor, já velho e desdentado,
Siflitico, a abanar como um gato pingado,
O trazeiro sarnoso, em gangrena a medula,
Exhaurido a chupões de luxuria e de gula,
Sentindo-se perdido e rabiando, afinal
Quiz vingar-se do mundo... e inventou a moral!

O REI, *pensando :*

E, se eu ós pontapés desancasse esta corja,
Ia ás malvas... adeos! tinha banzé na forja!...

Fundeou na praia uma galera de corsarios. Desembarcam.

O DOIDO, *na escuridão :*

A lua morta boia nas nuvens toda amarella...
Corvos marinhos, corvos daninhos poisam sobre ella...

Tiram-lhe os olhos, comem-lhe a boca, já com gangrena...
Astros errantes, agonisantes, choram de pena...

Choram de pena, tremem de magoa, morrem de dôr...
Na noite escura canta a Loucura, grita o Pavor...

Lobas tinhosas d'olhos d'enxofre saltam valados...
Pobres dos gados!... pobres dos gados pelos montados!...

O REI :

Olha o doido!... Lá torna o doido... Eu logo vi...
Canta p'ra hi até 'stoirar!... canta p'ra hi!...
Bom telhudo! em pelote e com este nordeste,
A ladrar cantochões á lua!... Que lhe preste!

CIGANUS:

Deixe lá! faz-lhe bem... faz-lhe bem... P'rá mania
Não ha nada melhor do que o vento e agoa fria.

Rebenta, fora, um grande tumulto. O rei e os validos assomam-se ao balcão. Vem debandando, clamorosa, a revolta vencida. Soldados, prisioneiros, feridos, moribundos em macas. Ais de estertor, pragas, vivas avinhados, gritos de mulheres, choros de creanças. Os cães, truculentos, ululam na varanda.

O REI:

Que é isto?!... que estardalhaço!... que chinfrineira!...
Gritarias... um rodilhão... Temos asneira...
Temos coisa... não ha que ver, temol-a armada...

CIGANUS, *rindo:*

É a guarda d'El-Rei, de volta da caçada.
Os monteiros são bons... a matilha é valente...

OS SOLDADOS, *em clamor:*

Viva El-Rei! viva El-Rei!

O REI:

Comprehendo. Excellente!
Ora que espiga! por um triz, hãn! por um triz,
Não vou ás malvas! Ando em sorte!... fui feliz!...
Iam-me empandeirando! um cheque e mate ao rei!
Ora a cafila! ora a cambada!... Se eu o sei,
Com mil bombas! que os desfazia!... Eu lhes diria!
Oh, que porradaria! oh, que porradaria!
Rebentava-os! dava-lhes conta do bandulho
E dos cornos, mas á paulada! era a 'stadulho!
Quando o throno cahir, sem lenha é que não cae...
Mostarda rija! O banazola de meu pae
Tinha-os em mau costume... Isto agora é p'rigoso...
Aqui ha unhas p'ros coser... olá, se os coso!

Entra um cavalleiro, portador d'uma mensagem

CIGANUS, *depois de a ler:*

Montaria real! Foi covil por covil:
Feras mortas oitenta e prisioneiras mil.

O REI:

Dois gajões d'uma cana! Obra de lei!... Entrego
Nas vossas mãos o meu destino, como um cego.

Marquez, faço-te duque; e ao ducado acrescento
Quinze milhões... Encaixa a historia no orçamento...
Opiparus, a ti, reinadio e marau,
Pago-te os cães: trezentos contos...

OPIPARUS:

Não é mau;
Recebendo eu o bolo e fazendo a partilha;
O meu grande credor sou eu. Quanto á matilha,
Que se esfalfe a ganir... Não me incomoda nada.

O REI, *voltando-se para os cães:*

Iago, aboca! Olha o petisco: uma embaixada!
Faço-te embaixador! hãn, que empanzinadelas!...
Que vidinha!... Um sultão num harem de cadelas!...
A este Judas circumspecto que heide eu dar?
O Conselho d'Estado; é proprio e é bom logar.
Conselheiro, portanto. E o Veneno? O Veneno,
Conde e ministro. Um felizardo o meu pequeno!
Um catita!

Acendendo um charuto e indo á varanda:

Perfeitamente! Ora Deos queira
Que abichemos um dia bom p'ra pagodeira!

Um dia alegre! O tempo muda... ronda ao norte...
Magnifico! hãode ver doze toiros de morte,
Desembolados! Inauguro emfim a minha praça:
Vae o Botas, o Pintasilgo e o Calabaça.

O DOIDO, *na escuridão:*

Ao luzir d'alva semeei de flores
Uma encosta deserta ao pé do mar:
Cravos, lirios, jasmins, goivos, amores,
Assucenas e rosas de toucar.
Ao redor vinha verde e trepadeiras,
Medronheiros, figueiras, romanzeiras...
Lindo jardim! Lindo pomar!
Como no monte não havia fonte,
Desatei a chorar para o regar...
Depois, oh meus feitiços!
Enchi de abelhas d'ouro cem cortiços
E dez pombaes com pombas de luar...
Olha o lindo jardim!... olha o lindo pomar!...
E enxada ao hombro, já raiava a aurora,
Abalei a cantar!...
Foi ha mil annos... Venho mesmo agora
De ver a linda encosta á beira mar...
Lindo jardim! lindo pomar!

As assucenas deram-me gangrenas
E os jasmins podridões a fermentar!...
Os cravos deram cravos... mas de cruzes!
E as roseiras espinhos de toucar...
Sobre as hervas no chão crepitam luzes,
Fogos fatuos de larvas a bailar...
Só dos goivos, Senhor, brotaram goivos,
Destilando loucura e rosalgar...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
Os figos das figueiras são caveiras
E os medronhos são balas de matar...
Oh, que lindas romans nas romanzeiras!
Corações fusilados a sangrar!...
Inda bem, que em vez d'uvas nas videiras
Ha rosarios de dor para eu rezar...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
De dentro dos cortiços, que feitiços!
Voam corvos e c'rujas pelo ar...
E dos pombaes, aos centos,
Nuvens de abutres agoirentos,
Que sobre as romanzeiras vão poisar!...
Olha o lindo jardim! olha o lindo pomar!
. . . .
. . . .

É de encantar a natureza!... ai que bellesa!
Quantas florinhas para a minha mesa!...
Deos, quanta fructa para o meu jantar!...
Lindo jardim!... lindo pomar!...

SCENA X

Os mesmos e Magnus, que entra magestoso e solemne.

O REI:

Chega ao calhar... Então, meu duque, a trabuzana
Foi boa... Por um triz, iam-nos á pavana!

MAGNUS, *grandioso:*

Valeu-lhe, meu Senhor, (dôa isto a quem dôa!)
Haver tres homens, como nós, junto da C'roa,
Para a salvar d'um grande abismo!... A situação...

O REI:

Ganhou hoje, meu duque, o Elefante e o Pavão.

MAGNUS:

Nem sei como exprimir a Vossa Magestade
A alegria que sinto!... É de mais! que bondade!
A gran-cruz do Pavão!... Nunca o julguei... Em suma,
Feliz!... morro feliz... Já não ha mais nenhuma!

O REI, *a Ciganus:*

E agora?

CIGANUS:

Meu Senhor, é dormir sem cuidados!
Os mortos cemiterio e os vivos...

OPIPARUS:

Enforcados.

CIGANUS:

Talvez que sim, talvez que não...
É conforme: o rigor, a clemencia, o perdão,
Tudo ás vezes convem, tudo tem seu logar...
Enforco-os, claro está, se os puder enforcar.

Não podendo, enxovia; e, se a nação revôlta
Clama contra a prisão... deixal-os-hei á solta.
Enforcados, melhor. Eu, gente que deteste,
Quero em vez de canhões a guardal-a um cipreste.
Mas, se matando arrisco a propria vida, não:
Converto-me, de algoz furioso, em bom christão...
Reinar, eis o importante; o modo é secundario.
É conforme se pode; é dia a dia; vário.
Fica melhor um rei num corcel de batalha,
O chicote na mão, contemplando a canalha.
Inspira assim terror, incute medo e fé.
Não ha, porém, cavallo? É governar a pé.
E, se ainda precisa attitudes mais chatas,
É governar de toda a forma, — até de gatas!
O caso é governar, seja lá como fôr:
Com manhas de toupeira ou vôos de condor,
Por caminho sinuoso ou caminho direito...
Eu, para governar, a tudo me sujeito,
Indo de cara alegre até ao sacrificio
De ser exemplarmente honesto... por officio!

Continua a tormenta. Proseguem os vivas. Os cães ladrando sempre.

MAGNUS, *sentencioso:*

Nas vistas do marquez ha pontos em que abundo,
Pontos em que discordo. O mal é mais profundo!
Talhemos com firmeza o mal pela raiz!
Nas circumstancias desastrosas do paiz,
Quando um vento de insania brava nos arrasta,
Quando abusos de toda a ordem, toda a casta,
Andam impunes; quando a moral e o direito
Já não levam sequer á noção de respeito,
Á noção do dever, urge com brevidade
Dar força á C'roa e dar prestigio á auctoridade!
Eu com rude franqueza o digo: o caso é serio!
Nós vivemos (se isto é viver!) num baixo imperio!
Olhem bem ao redor: uma orgia! um entrudo!
Abocanha-se tudo, emporcalha-se tudo,
Nem o sacrario da familia se venera,
Não ha reputação, ainda a mais austera,
Que a não manchem... um lodaçal, um tremedal de escombros,
E nós a vermos isto e a encolhermos os hombros!
É de mais! é de mais! Vamos todos a pique!
É necessario um termo! é necessario um dique!
Sursum corda! Que El-Rei leve a bandeira em punho!
E inda ha gente... inda ha gente! inda ha homens de cunho!
Inda ha muita aptidão, muita capacidade
E muita honra!... O que é mister é uma vontade!

Obre El-Rei com firmeza! obre El-Rei sem demora!
Qual o cancro que dia a dia nos devora?
Toda a gente que vê, toda a gente que pensa
Põe o dedo na chaga e conclue: a descrença!
Se o mal vem da descrença, ataque-se a questão!
Religião, Senhor e mais religião!
Deos e mais Deos! tendo nós Deos e a força armada,
Não ha receio algum; dormirá descançada
A monarchia. Deos, embora neste meio,
Queiram ou não, é sempre Deos!... é ainda um freio!

OPIPARUS, *galhofeiro:*

E o profeta, que nos censura e nos fulmina,
Tem palacio, grande estadão, mesa divina,
É *jouisseur* como dez banqueiros elegantes,
E, facto escandaloso! a respeito de amantes
Cultiva sobretudo (ás vezes com seus p'rigos...)
Esta especialidade: a mulher dos amigos!

MAGNUS, *furioso:*

Safa! que lingoa! que veneno!...

O REI:

E o duque atomatado!
Como se não pudesse um ministro d'estado

Regalar-se com vinhos bons ou femea alheia!
Deixe-os morder de raiva. É tudo inveja, creia.
Gosto d'um velho assim, damnado e atiradiço...
Um velho folgasão... Sympathiso com isso.
É cá dos meus... é cá dos meus...

MAGNUS, *risonho e vaidoso:*

Na juventude,
Rapaz... como rapaz... vamos! fiz o que pude!...
A chronica inda o lembra... Hoje o caso é diverso...
Aos sessenta já custa a endireitar um verso!

O REI:

Maganão!...

MAGNUS:

Hoje não!... Só em pequenas doses...
Falta o melhor... São mais as vozes do que as nozes...

O REI, *gracejando:*

Mas o que a mim me espanta, e não entra na bola,
É sahir-nos o duque um perfeito carola!

Se a rainha estivesse, inda d'acordo, admitto...
Mas entre homens prégar sermões acho exquisito,
Meu caro duque... Estou a vel-o qualquer anno,
Entrapado em burel, frade varatojano!

MAGNUS, *solemne:*

Distingo, meu Senhor, distingo: sou christão,
Co'as redeas do governo e do poder na mão.
Catholico e de lei, sob o ponto de vista
Administrativo, e nada mais. Como estadista,
Eu considero a Egreja uma pedra angular
Da Ordem! Quero o throno achegado ao altar!
A Egreja tem prestigio! a Egreja é um sustentaculo!
Convem ao sceptro ainda a amisade do baculo!
O homem publico em mim, o defensor da C'roa,
É d'esta opinião. Sustento-a e julgo-a boa.
Mas cá dentro, no foro interno, a sós comigo,
Eu, o particular e o filosofo, digo-o
Alto e bom som, digo-o de cara e sem temor:
Não ha ninguem, ninguem! mais livre pensador!
Eu admiro Voltaire!... Eu encontro-me em dia
Com a marcha do globo e da filosofia.

O REI, *galhofando:*

Se a rainha lhe sente ideias desordeiras...

MAGNUS:

Leio Voltaire, mas quero os frades!...

OPIPARUS:

E eu as freiras...

CIGANUS:

Por mim desejo tropa, em logar de irmandades.
Mas, se a rainha quer os frades, venham frades.
Com certo geito e condições, inda afinal
Se atamanca de Deos um bom guarda rural...

Trovão retumbante. A caverna da noite incendeia-se d'oiro, abrasada a relampagos. Ais e lamentos. Gritos ferozes de soldados. Uivam os cães. Sente-se ao longe um rumor immenso de multidões que debandam.

MAGNUS, *meditando:*

Que demonio!... cheira a chamusco... Volta a dança...
Olha que brincadeira!... Isto, se a coisa avança,
Vae tudo raso, vae tudo em cacos pelo ar!
Não me sinto aqui bem... Nada! ponho-me a andar!...
Uma historia qualquer...

Ao rei:

Meu Senhor, a duqueza...
(Foi d'este abalo repentino, esta surpresa...)
Achou-se mal, deu-lhe um febrão... em tal estado,
Que não gosto... não gosto... inspira-me cuidado...
E se El-Rei o permitte...

O REI:

Ignorava... Ora essa,
Meu caro duque! Ande ligeiro, vá depressa...
Boa noite... Dormir um pouco, e ás cinco e meia
Na toirada. Curro catita! É de mão cheia!

O rumor longinquo, de maré humana, avança, tragico, na escuridão profunda. Surge na praia uma nau gigante, embandeirada de negro. Uivam os cães.

SCENA XI

O REI:

Ouvi!

OPIPARUS:

O mar.

CIGANUS:

Não é o mar; a ventania.

O REI:

Tambem não... Escutae... escutae...

OPIPARUS:

Dir-se-hia
O confuso estridor, desordenado e vário
D'um exercito louco, em tropel tumultuario...

O rei com os validos assoma-se ao balcão. Hordas innumeras de esfarrapados, multidões de mendigos, turbas espectraes, homens e mulheres, velhos e creanças, ululando, gritando, praguejando, baixam a montanha em direção á praia, numa torrente caudalosa, numa levada continua de soffrimento e de miseria. E o porão tenebroso do navio-fantasma engulindo, aos cardumes, vertiginosamente, aquella humanidade enlouquecida. E a enxurrada sinistra, avolumando, alastrando, cada vez mais tumultuaria e bramidora. Dir-se-hia um povo de malditos, debandando a um cataclismo inexoravel! Povo immenso, não tem fim, mas o navio não tem fundo. Cabe tudo lá dentro. Os cães, na varanda, rosnam, sombrios e provocantes.

O REI:

Que quer isto dizer?! que chinfrineira é esta?!...
Que balburdia!... que multidões sombrias!... temos festa!...
Oh, com mil raios! temos festa... Ha banzé novo...
Que 'stardalhaço... Um mar de gente!... um mar de povo,
A correr, a crescer... Gritos, uivos, bramidos...
Era uma vez, marquez!... Prompto! estamos perdidos!...

CIGANUS, *fleumatico, acendendo um charuto:*

Coisa vulgar, Senhor: emigrantes, miseria...

O REI:

Cuidei que era chinfrim de novo... Ora a pilheria!
Cuidei que era chinfrim... E antes o fosse! Ao cabo,
Zurzia-os d'uma vez a pontapés no rabo!

Punha-os de molho! Á garotada jacobina
Heide-lhe eu amolgar as trombas numa esquina!
Chegando-me ó nariz os vinagres, cautela!
Dá-me a furia... e caramba! é d'alto lá com ella!
Em Evora uma vez, ha coisa de dois annos,
Salta-me num caminho um bando de ciganos,
Era de noite, mais escuro do que um prego,
Atiro-me, arremetto ás doidas como um cego,
E esbandulhei quarenta e quatro!... Um bom chinfrim!...

OPIPARUS:

A canhão Krup?

O REI, *sacando, da algibeira, um navalhão de ponta e mola:*

A naifa!

Com um gesto esfaqueante:

Eu cá é isto: assim!

O DOIDO, *na escuridão:*

A fome e a Dor escaveiradas
Ululam roucas nas estradas,
Irmãs sinistras de mãos dadas...
Misericordia! Misericordia!

Na escuridão, entre lufadas,
Que pavorosas debandadas
De multidões desordenadas...
Misericordia! Misericordia!
Turbas gemendo esfarrapadas,
Por ventanias e nevadas,
Filhos ao colo, ao hombro enxadas,
Sem luz, sem pão e sem moradas!...
Misericordia! Misericordia!
E em salas d'oiro, illuminadas,
Ha beijos, risos, gargalhadas...
Misericordia! Misericordia!
E, por outeiros e quebradas,
Tombam choupanas arruinadas...
Mortas... desfeitas em ossadas...
Misericordia! Misericordia! Misericordia!

OPIPARUS:

Que bella voz! Dava um baritono estrondoso
O diabo do maluco!...

O REI:

A mim faz-me nervoso,
Não sei porque... Faz-me nervoso... Embirro, é doença...
Mas quanto povileu! que turba-multa immensa

De esfaimados, de miseraveis no abandono,
Rafeiros a latir, sem albergue e sem dono!
Vejam isto...

CIGANUS:

A miseria é lama, é sangue e é pranto,
A fermentar em crime e em veneno. Portanto
Precisa esgoto; quer-se um esgoto e despejal-a
Continuamente num porão ou numa valla.
Emigrar ou morrer; degredo ou cemiterio.
O halito da pobreza immunda é deleterio.
De trapos de mendigo e lençoes de vilão
Faz a anarchia flammejante o seu pendão.
Curta distancia vae da indigencia á rapina,
Da mão que implora á que estrangula e que assassina.
Dorme em cada esfaimado um tigre. Ha que evitar
Na rua aglomerações de ventres sem jantar.
A miseria despeja-a Deus, a Providencia,
Do seu vaso nocturno ao saguão da existencia.
Que fazer contra a lei de Deos, contra o Destino?
Arredar para longe o excremento divino,
Para bem longe, de maneira que a infecção
Não nos perturbe a nós, Senhor, a digestão...

O REI:

É triste, mas emfim que remedio lhe dar?!

OPIPARUS:

Comer, beber, dormir, jogar, caçar, dançar!
Festas, Senhor! Muitas e vans, loucas e varias!
Não ha jantar? Função. Não ha pão? Luminarias.
A pobreza anda rota, a canalha anda nua?
Girandolas ao ar e musicas na rua.
A fome e a dor bramem de noite, uivam nas eiras?
Matinadas, clarins, vivas ao rei, bandeiras.
Alegria! gosar! folgar! nada de luto!
Bombas! Salvem canhões de minuto a minuto!
E a cada grito de miseria ou de estertor
O cantar d'um Te-Deum e o rufar d'um tambor.
Dê-se á plebe faminta uma estrondosa orgia,
Um banquete real, monstro, — em scenographia!
Que bella ideia! Armar de improviso um galeão,
— Taboas, cinabrio, gesso, andrinopla e cartão, —
Pol-o em rodas, tirado a parelhas d'Alter,
A côrte dentro, o patriarcha, o chanceller,
El-rei de c'roa doiro, a rainha taful,
Azas novas de archanjo, uma branca outra azul,

Eu ao leme, pendões, musicas, auriflammas,
Bispos e generaes, o nuncio, arautos, damas
Com brilhantes a arder em velludo e em brocado,
— Tripulação emfim de baixel encantado,
A navegar de rua em rua e praça em praça,
Atirando á miseria, á nudez, á desgraça,
A carga inteira a plenas mãos: lodo em confeitos,
Gargalhadas, sermões de entrudo (alguns perfeitos!)
Drogas de charlatães, ditos de saltimbanco,
Cinza, areia, impudor, fome... e notas de banco!
. . . .
E por ultimo a rir sentamo-nos á mesa,
A despejar champagne em favor da pobreza!

O REI:

Despovoa-se tudo!...

CIGANUS:

Um exodo...

OPIPARUS:

Senhor,
Grande mimo de Deos para um rei caçador!

Terra despovoada e morta, sem ninguem,
É terra inculta. Bem, perfeitamente bem.
Ora uma terra inculta, (é, meu Senhor, um facto)
Não dá vinho, nem pão, nem meloaes, — dá mato.
E o mato bravo e as brenhas virgens dão a caça
Com mais fartura, variedade e d'outra raça.
Pelos jardins d'agora, em dez annos talvez,
Andaremos ao lobo e ao cabrito montez.
Olivedos, vergeis, campos, lezirias, prados
Criarão a raposa, aninharão veados.
E onde hoje ha couves e maçãs, El-Rei, feliz,
Galopando a primor, monteará javalis!

Trovão formidando. Um relampago livido abrasa as profundidades cavas do horisonte. As arvores, de subito, apparecem nuas e hirtas, sem uma folha. Dos ramos, batidos do vento, pendem enforcados. Dir-se-hiam esqueletos d'arvores fructificando, sinistros, em esqueletos de gente. Nuvens d'abutres pairam em volta, crucitando.

O REI:

Pavoroso!

OPIPARUS:

Ora adeos! nada mais natural:
A fome traz a morte, os mortos cheiram mal,

E o cheirete d'um morto, assim dependurado,
Para um corvo é melhor que o d'um faisão trufado.

O DOIDO, *na escuridão :*

Olha as macieiras que maçãs que dão :
Gangrena por fora, dentro podridão !

Lavrador-coveiro, lavrador-coveiro,
As maçãs escusam de ir ao madureiro...

Oh, que estranhos figos que ha nos figueiraes :
Mordidos d'abutres !... Figos que dão ais !...

Lavrador-coveiro, lavrador-coveiro,
Colhe-me essas bebras que já têm mau cheiro...

Se é fructa de embarque, vae pelo caminho
Desfazer-se toda nos caixões de pinho...

Fructa de tal raça, cavador lunar,
Só a quer a Morte para o seu jantar !...

O REI :

Dou ás vezes razão ao tonto do chronista...
Que lhe querem ! não é agradavel á vista,

Por noite negra uma bandada de milhafres,
Grasnando e devorando, á maneira de cafres,
Uma ceia de carne podre...

CIGANUS :

Que limpeza !
Deixe-os comer... dexe-os comer... Varrem a meza.
Mortos e mortos na floresta á dependura,
Um açougue... Não ha coveiro, nem ha cura,
Nem tochas, nem latim para tanta carcassa...
Os corvos, meu senhor, enterram-nas de graça.
Admiraveis glotões, em bambocha funerea
Liquidam numa noite a questão da miseria.
Jantam-na. Devorado o problema. Afinal
Restam ossos ; convem : tem fosfato de cal,
Bom adubo...
E no emtanto o paiz, meu Senhor,
É uma bellesa ! uma bellesa ! encantador !
Trinta portos ideaes, um ceo azul marinho,
A melhor fructa, a melhor caça, o melhor vinho,
Balsamicos vergeis, serranias frondosas,
Clima primaveral de mandriões e rosas,
Uma bellesa ! Que lhe falta ? Unicamente
Oiro, vida, alegria, outro povo, outra gente.

Raça estupida e má, que por fortuna agora
Torna habitavel este encanto... indo-se embora!
Deixe morrer, deixe emigrar, deixe estoirar:
Dois boqueirões de esgoto, — o cemiterio e o mar.
Que precisamos nós? Libras! libras, dinheiro!
Libras d'oiro a luzir! Onde as ha? No estrangeiro?
Muito bem; o remedio é clarissimo, é visto:
Obrigar o estrangeiro a tomar conta d'isto.
Imperios d'além mar, alquilam-se, ou então
Sorteados, — em rifa, ou á praça, — em leilão.
E o continente é dal-o a um banqueiro judeu,
Para um casino monstro e um bordel europeu.
Fazer d'esta cloaca, onde a miseria habita,
Um paraiso por acções, — cosmopolita.
Dar jogo ao mundo, ao globo! uma banca tremenda!
Calculo eu d'ahi uns mil milhões de renda.
O commercio, dez mil... O transito, sem conta...
Cifras, Senhor, de pôr uma cabeça tonta!
De minuto a minuto, expressos e vapores,
Sempre a golfar carregações de jogadores,
Montões de malas, sacos d'oiro, (libras, luizes!)
Nuvens de cortezãs, dançarinas e actrizes,
Equipagens, *Barnoums*, *touristes*, saltimbancos,
Vinte raças, — mongoes, negros, mestiços, brancos,
Um ruidoso vaivem humano que circula,
Todo fausto, explendor, alta luxuria e gula,

O mylord, o nababo, a Russia, a India, a America,
Numa promiscuidade explendida e chimerica!
E todo este paiz, eden de regabofe,
Iluminado á noite a faroes Jablokoff!
Que maravilha! que surpresa! que grandeza!
E que thesoiros nesta rica natureza,
Cultivando-a a primor! Em logar d'herva e searas,
Plantas de luxo: coisas finas, coisas caras.
Eu imagino, (dando os maximos descontos)
Que o reino lucrará uns trezentos mil contos,
Sómente a produzir, ao ar livre e em estufas,
Ananazes, faisões, opio, chanpagne e trufas.

Relampagos e trovões. Paisagem deserta. A nau fantasma, cortada a amarra, bamboleia nas ondas, prestes a largar. Uma sombra disforme, como de ave gigante, voa na escuridão.

O REI:

Um bacamarte! uma clavina! uma escopeta!...
Cheguem d'ahi... salta depressa uma escopeta!
Salta depressa! que vão ver como rebento
Ás escuras aquella aguia... É n'um momento!
Já d'uma ocasião, (que pontaria a minha!)
Com um balasio matei oito: iam em linha.
A escopeta, marquez!

CIGANUS:

Não lhe serve de nada;
É a bandeira do castelo. Uma rajada
Sem duvida, Senhor, quebrou o mastro e leva
Num frangalho o pendão errante pela treva.

OPIPARUS:

Optimo! de manhã fluctuará no baluarte
Pendão novo. Tem cinco quinas o estandarte;
Uma quina de mais; suprime-se, é evidente:
Nos baralhos, Senhor, ha quatro unicamente.

O navio fantasma, que levantou ferro, desapparece ao longe.

O DOIDO, *na escuridão:*

Ó nau gigante, ó nau soturna,
Galera tragica e noturna,
Que levas dize, no porão?...

O vento chora sobre o mundo,
Chora de raiva o mar profundo...
Que levas, dize, no porão?...

A lua, aziaga e macilenta,
Olha-te exanime e sangrenta...
Que levas, dize, no porão?...

Azas carnivoras em bando
Poisam nas vergas crucitando...
Que levas, dize, no porão?...

Teu cavername exhala miasmas,
Teus marinheiros são fantasmas...
Que levas, dize, no porão?...

Teu pendão negro vae a rastros,
São cruzes negras os teus mastros...
Que levas, dize, no porão?...

— Dentro do esquife, amortalhada,
Levo uma patria assassinada,
No meu porão!...

O REI:

Este ladrão do doido irrita-me! é de mais!
Não se cala, caramba! é de mais! é de mais!
Já não posso... Marquez, se o diabo me enfernisa,
Outra noite co'a lenga-lenga, uma camisa

8

De forças, bom vergalho, e, sem dó nem piedade,
Enxovia ou masmorra onde grite á vontade.

Abre um relampago o horisonte. As carcassas nuas dos enforcados baloiçam ao vento nas arvores despidas. Nem viv'alma. No cerro d'um monte erguem os piratas uma cruz descomunal, manchada de sangue. Uivam os cães.

O REI:

Uma cruz negra alem!...

CIGANUS:

Onde?... Não vejo nada...

O REI:

Uma cruz toda negra e toda ensanguentada!...

CIGANUS:

Foi decerto illusão...

Rindo:

É calvario feroz
Que espera alguem...

OPIPARUS:

Nenhum de nós... nenhum de nós...
Poderemos dormir tranquilos, sem receio
D'um calvario onde apenas haja a cruz do meio...

Uivam os cães sinistramente.

O DOIDO, *na escuridão:*

Em noite sem lua, numa nau sem leme, fui descobrir mundos.
Mundos pelo mar...
O vento sopra, o vento sopra...
Quanta areia negra faz turbilhonar!
— Mundos a voar... mundos a voar...

Por manhã doirada, galeão doirado vinha cheio d'oiro'...
Rubins scintilantes,
Perolas, diamantes...
Vinha cheio d'oiro...
O vento sopra, o vento sopra...
Que cinza de campas se alevanta ao ar...
— Meu oiro a voar... meu oiro a voar...

Castelos nas praias, galeras nas ondas, reinos d'alem mar!...
O vento sopra, o vento sopra...
Que bandos de nuvens!... vão-se a desmanchar!...
Castelos... galeras... reinos d'alem mar...

Foi um sonho lindo... foi um sonho lindo...
Como é bom sonhar!...
Acordei sem alma... quem me encontra a alma...
Quem m'a torna a dar!
Queimou-se o casebre... só tições escuros, só carvões escuros.
Inda a fumegar...
(Quem m'a torna a dar!)
Que bem dormiria debaixo dos muros...
Tão quente!... debaixo das pedras do lar!
Oh, que inverneira! oh, que inverneira!
Crestou-me o vinhedo, secou-me o pomar!
A terra levou-a... deixou-me só fragas...
Deixou-me só fragas, para as eu calcar...
Peguei na minha dor, botei-a ás fragas...
Não tinha mais que semeiar!
O que viria, o que viria
Da minha dor na primavera a rebentar?...
Um tronco despido me brotou das fragas,
(Que singular! que singular!)
Um tronco despido,

Sem ramos, sem folhas... um tronco no ar!
Depois medrou tanto, como por encanto,
Que andadas tres luas era secular!
E nem uma folha e nem um raminho,
Onde um passarinho poisasse a cantar!...
Um tronco no ar!
Mas de repente, de repente
Deitou dois braços, logo um par!
Braços estendidos, abertos e nus,
Como que a chamar... como que a chamar...
Mas, oh Deos! que vejo! uma perfeita cruz,
Uma cruz erguida sobre um grande altar!...
Minha dor nas fragas, entre uns estilhaços
De rochedos duros no que veio a dar!...

. . . .

Inda bem! Ora inda bem que já no mundo ha braços,
Para me abraçar!...

O REI:

Já 'stou farto de cantochões, de ventania
E de agoiros!... Passa das tres; é quasi dia...
Vamos dormir...

Apontando o pergaminho:

Cá deixo esta leria assignada.
Falaremos depois. *Rendez-vous* na toirada.

SCENA XII

O REI, *só, ao fogão, olhando o pergaminho:*

Bello! toca a assignar o papelucho e cama.
Vão-se os pretos! Adeos, pretangada e moirama!
Inda bem! Já ninguem desde hoje me seringa,
Levantando questões d'um cafre ou d'uma aringa.
Durmo esta noite como um odre. Para insomnias
O remedio é mandar á tabúa as colonias.
Que se governem! tudo ós quintos! tudo á fava!

Olhando os retratos da dynastia:

O que diriam d'isto os maganões?... Gostava
D'uma palestra com vocês... Vinha n'altura...

Trovão retumbante. Os cães ululam. Diante do rei, varado de assombro, ergue-se de improviso o fantasma de D. João IV. O rei quer falar, quer fugir, mas paralitico de medo, olhar atonito, nem um gesto, nem um ai, nem um grito. Desfalece, cahindo imovel.

SCENA XIII

O ESPECTRO DE D. JOÃO IV, *ar untuoso, manhoso, beato, falso e pusilanime:*

Tens medo de assignar? Pesa-te a assignatura?
Vaes ouvir meu conselho:
Animo bravo e ardente,
Em lacaios fieis predicado excelente.
Num monarcha já não... A fraqueza traiçoeira,
D'olhos de lynce e passos mortos de toupeira,
Vence tudo... Precisa um rei de heroismo audaz?
Serve-se dos heroes e fica elle em paz.
Nada que nos perturbe a digestão e o somno;
Para dar bom assento é que se fez o throno.
Os reis são reis e os homens cães, em vario estado:
Ou cães de caça ou cães de fila ou cães de gado...
Mas tudo cães. Chicote a uns e a outros festa,
Eis do governo a arte; é bem clara; só esta.
Com os homens, assim. Com Deos, trato diverso.
Tu és o rei d'um povo, elle o rei do universo.
Depois da morte ha inferno e paraizo; então
Lida sempre com Deos, como bom cortesão.
Vale a pena. Medita as chammas infernaes,
As mil cobras de fogo em doudas aspiraes,

Enleiadas a nós!... que tortura! que horror!
Ah, vale a pena servir Deos e ter-lhe amor!
Não só a Deos; aos santos todos! E a Maria,
Á Virgem-Mãe, oh filho! a essa, noite e dia
É resar; é resar de joelhos na capella!
A nada atende Deos como a um pedido d'ella.

Firma o tratado. Firma-o de pronto e sem receio.
Entre as hostes eguaes a duvida, no meio,
Hesita, é bem de ver... Mas n'este caso, em suma,
Não encontra a rasão hesitação alguma.
O teu povo d'um lado e o bretão do outro lado;
Ora, entre um borrego e um leopardo esfaimado,
Não ha brio a atender, ha vida a defender.
O leopardo é o mais forte: assigna... tem de ser.
A fera vem bramindo e quer do teu jantar;
Chicoteal-a? Não; pode-te estrangular.
Dividirás com ella; e tu, quietinho e manso,
Fica á mesa comendo o resto com descanço.
Creio que para ti e para herdeiros teus
Hade ainda chegar talvez, graças a Deos.
Graças a Deos e á Virgem-Mãe, a quem eu dei
A tutela do reino e o coração do rei.

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

D'um duque fiz um rei; e o rei me disse: Vamos
Ouvir á egreja (era de noite) o meu Te-deum laudamus.
Era de noite... era de noite... na encrusilhada,
Quando me viu, cantou um galo preto uma alvorada.
Bonita festa, (disse eu entrando) bonita festa!
Que egreja esta!
Tantos panos escuros... tantos panos escuros,
Velando os muros!
E um esquife sombrio
Num catafalco... um grande esquife negro, inda vasio!...
Mas coisa horrenda e de pasmar,
O altar! o altar!
Crucificado num madeiro um cordeirinho branco exangue.
E treze tochas de gangrena azul, chorando sangue!...
Veio da sacristia a cleresia... Olhae, olhae
O padralhame que ahi vae!
Raposas sarnentas e lobos gordos ulcerados,
—Dominus vobiscum!—todos paramentados e mitrados.
E era um bode de andaina vermelha o sacristão,
Um bode corcunda, ventrudo e lanzudo, galhetas na mão.
E quem cantou a missa de pontifical
Foi o rei! era o rei... tal e qual! tal e qual!
Mas tinha rabo de raposa e tinha olhos de chacal!

Cantava de papo, cantava de papo,
E a boca imunda, sem tirar nem pôr, uma boca de sapo!
O Espirito baixou então divinamente,
Poisou no rei, e o rei lhe disse: — Olá! olá, Vicente —
E os dois orgãos ao fundo, que rouquidões!
Grunhindo trovões por entre os cantochões!
E toda a padralhada, no seu cartimpacio,
—Oremus! Oremus! Santo Ignacio e mais Santo Ignacio!—
E ao levantar a Deos emfim,
De hostia e calix na mão, o rei voltou-se para mim:
—Este vinho é o meu sangue. Este pão negro é o meu corpo:
Toma lá o meu sangue, toma lá o meu corpo. —
Cuspiu no calix, deu-m'o a beber, bebi... bebi...
E a hostia impura, nem sei de azeda como a enguli!
E envenenado fiquei... envenenado fiquei
Pelo corpo do rei, pelo sangue do rei!
Envenenado e paralisado,
Mas inda a ver, inda a sentir... como um dormir
De defunto acordado...
Então o rei pegou num cutelo, abriu-me o peito,
Meteu as mãos... e tirou-me a alma com todo o geito!
Era uma virgem, corpo de deusa, branca e nua,
Como que feita, num sonho triste, do alvor da lua...
A minha alma aquella! a minha alma aquella!
Oh, nunca a imaginei assim, tão formosa e tão bella!

Mas que ar de nojo e de amargura
Envolvendo-a, palida e branca, em noite escura!
Deitaram-n'a ao caixão, pregaram-lhe a tampa ás marteladas,
E o rei, — Oremus! Oremus! Oremus! —
Ás gargalhadas.
E no madeiro o cordeiro manso, dolorido,
Deu o seu ultimo gemido...
E expiraram no altar
As treze velas bentas de rosalgar...
E a cleresia pela noite, em chusma, como assombros,
Debandando e levando o esquife, aos encontrões, nos hombros...
E a mim deitaram-me a dormir num fraguedo deserto,
Sem alma, com o peito um rasgão de sangue, todo aberto!...
Eil-o aqui... eil-o aqui... Nunca o deixei cicatrisar...
Que é para a alma, quando me volte, poder entrar...
As almas não morrem...
As almas não morrem...
Nem Deos, tendo-as feito, é capaz de as matar!...

SCENA XIV

O ESPECTRO DE D. AFFONSO VI, *que entra halucinado, hemiplegico, azorragando, furioso, uma matilha de cães imaginaria:*

Ah, marotos! ladrões!... ladrões!... perros danados!...
Vão inda perseguir-me á tumba estes malvados!
Assassinos! ladrões! Nem no sepulcro existe
Repouso para um morto, alivio para um triste!
Nem debaixo da terra emfim, viboras más,
Me deixaes, me deixaes apodrecer em paz!
Nem morto dormirei... coitada creatura!
E como o somno eterno é bom, ó noite escura!...
Ah, como é bom dormir... dormir... dormir... dormir!...
Não ter alma, não ver, não gemer, não sentir!...
Sem reino, sem mulher, sem irmão, sem cuidado,
Dormir... dormir!... Que brando leito de noivado!...

. . . .

Mas foram-me acordar, os malditos!... Já sei...
O que querem de mim... Já sei... Já sei... És tu, El-Rei?
Foi mandado d'El-Rei... Já sei... Lembro-me agora!...

. . . .

Assigna tudo... assigna tudo e sem demora.
Tens medo de perder o throno, de o largar?
Ah, deixa-o ir, deixa levar, deixa roubar!...

Que leve throno e sceptro e c'roa quem quizer...
Para ti... para ti... guarda os cães e a mulher.
Guarda a mulher... guarda a mulher! Bem conta n'ella!
Tens irmão? Tens irmão!... Pobre de ti!... cautella!...
Não ha crer em irmãos, nem ha fiar em mães!
Que levem tudo, tudo... excepto a amante e os cães!...
Oh, as noites d'amor!... oh, as manhãs de caça!...

Indo a sahir, e parando de repente, ao ver os cães:

Tens fracos cães... Adeos... Fracas ventas... má raça!...

O DOIDO, *na escuridão:*

Quem me roubou da fronte o meu diadema?...
Quem ostenta na fronte o meu diadema?...
— Teu irmão!
Teu irmão!

Quem abraça a rainha no meu leito?...
Alva, loira e mimosa no meu leito?...
— Teu irmão!
Teu irmão!

Quem bate as brenhas com meus cães de caça,
Ao luzir d'alva com meus cães de caça?...
— Teu irmão!
Teu irmão!

Quem n'esta campa me enterrou em vida?!...
Quem n'esta campa me enterrou em vida?!...
— Teu irmão!
Teu irmão!

Ai, arranca-me os olhos por piedade!
Ai, arranca-me a vida por piedade!
Irmão! irmão! irmão!!...

. . . .

O ESPECTRO DE D. AFFONSO VI, *assomando ao balcão:*

Um doido enorme! alem... na escuridão... alem...
Doido sou eu tambem... doido sou eu tambem...
Pobre doido!... infeliz... coitado! algum irmão
Lhe roubou a mulher...

Ao rei :

Tens mulher?... Tens irmão?...
Não ha crer em irmãos, nem ha fiar em mães...
Guarda a mulher...

Desapparecendo :

Oh, que estupor de cães!... oh, que estupor de cães!...

SCENA XV

O ESPECTRO DE D. PEDRO II, *tipo de valentão de cavalhariças, brigão de esturdias, sanguinario e crapuloso, siflitico e bebado :*

Tu sabes escrever? Assigna. Porque não?
Ora o grande poltrão,
Que é preciso borrar-se e andar de nagoas sujas,
P'ra lançar no papel, conho! tres garatujas!
Medo de quem? Do povo? O povo com que lidas
É cavalo velhaco e de manhas sabidas.
Monta-lo com temor? Adeos! cospe-te fôra.
Mas, sentindo-te firme e nos ilhaes a espora,

Cae-te em breve na mão e a preceito o governas.
E, se escabreia, ai d'elle! estoira-lo entre as pernas.
Vamos nós a saber, diz-me lá sem rodeios:
És homem? quer dizer:—tem-los bons?—tem-los cheios?
Meu irmão não os tinha,
E por isso ficou sem reino e sem rainha.
Para inimigos forca; ou antes emboscadas,
Despachando-os de vez a tiro e a cutiladas.
Pedem taes aventuras
Gente rija; has mister de quadrilhas seguras:
Mulatos, valentões, brigões, ralé feroz,
Que te adevinhe o olhar, pronta á primeira voz.
Tive-os duros de lei! homens sem embaraços
Para estoirar, de frente, o diabo a clavinaços!
Á nobreza mercês e favor... mas cautella!
Desconfia, vigia... e reparte com ella.
Emfim, guarda bem paga, álerta e satisfeita,
E atraz de cada muro um cão de lobo á espreita.
E nada mais, e nada mais! gosar, gosar
Á vontade e sem medo, até Deos te levar:
Correr toiros, domar corceis, adestrar forças,
Batidas pelo monte ao javali e ás corças,
Mesa opulenta, vinho antigo, cama vasta,
E femeas boas e a granel, de toda a casta!

Mulherio de truz, ás duzias, sejam ellas
Freiras ou barregãs, com marido ou donzelas.
E agora, adeos. Assigna. Os inglezes, que diabo!
É quem nos vae guardando os fagotes, e ao cabo,
A troco d'uns sertões com negros de má raça,
Mercam-nos inda a pinga e vestem-nos de graça!

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

Era a rainha uma sereia,
Corpo de neve... Amei-a e desejei-a.
Meu irmão era o rei; sem dor e sem abalo,
Mandei matal-o.
Arranquei-lhe do peito o coração:
Batia inda por ella... Dei-o a um cão.
E fomos para a egreja iluminada
Eu, meu irmão e a minha amada.
Nós a casar,
Elle a enterrar.
Quem me casou a mim
Disse-lhe a elle o ultimo latim.
A sepultura
Tinha quarenta braças de fundura.

Despenhado o caixão, entulhou-se o coval
De pedra e cal.
Boas noites, irmão!...
Boas noites, irmão!...
E fui-me alegremente, oh, que ventura a minha!
A noivar co'a rainha.
Deitamo-nos na cama, apagámos a luz,
E ao irmos enlaçar, furiosos e nus,
Como doidas serpentes,
Os desejos ardentes
Abraçámos, horror! na escuridão,
Entre nós dois, amortalhado e morto, meu irmão!
Meu irmão! meu irmão!... Era elle... apalpei-o...
Lá estava escancarada a facada no seio...
Meti-lhe dentro a mão...
Não achei coração...
Era elle! era elle! era elle!
Cuidei em no matar, sem me lembrar
Que já morrera!... Louca, a rainha tremia...
Quiz atiral-o ao chão... era de bronze! era de bronze, não podia!
Quizemos-nos erguer, fugir, fugir!... e de repente
Quedamo-nos os dois paraliticamente,
Ali imoveis, sem um gesto, sem um grito,
De sentinela toda a noite ao cadaver maldito!...
Oh, noite immensa!

Oh, noite immensa!
Oh, noite immensa!
Que eternidade!... Emfim, desmaiada e gelada,
Eis a alvorada!
Erguemo-nos do leito...
E o morto, aconchegando o sudario no peito,
Cravou em nós, indo-se embora,
Aquelle olhar noturno e triste que apavora!...
Fitamo-nos então os dois amantes:
Oh, que semblantes!
Nosso cabello em desalinho,
Alvo de arminho,
Acusava dez seculos de dor!
Brando leito d'amor!... brando leito d'amor!...
Todas as noites depois d'essa, todas, todas,
Vem meu irmão ás minhas bodas!
Deita-se entre nós dois amortalhado
Até ser dia... Que noivado!... oh, que noivado!...

. . . .

Não te quero ver mais, ó meu algoz, ó meu espectro!
Leva a rainha... leva a c'roa... leva o sceptro...
Leva-me tudo e deixa-me dormir,
Dormir em paz!... dormir! dormir! dormir! dormir!...

SCENA XVI

O ESPECTRO DE D. JOÃO V, *velho, asqueroso, idiota, meio paralitico. Tartamudeia desconexamente, embrulha a ladainha com a Martinhada, engole uma hostia santa, depois uma pastilha afrodisiaca, geme, chora, dá um arroto, baba-se e desapparece.*

O DOIDO, *na escuridão :*

Mora num convento, com onze mil freiras,
Um bode doirado, chamado Sultão:
São moças as monjas, loiras ou trigueiras,
E o bode frascario como um garanhão.
Ao dar meia noite, com furia insensata,
Na torre da egreja dobra o carrilhão;
Martelam nos sinos badalos de prata,
De imunda, de horrivel configuração!...
Milheiros de luzes, brandões macerados
Tremulam no templo... que immenso clarão!
Faiscam diamantes, lampejam brocados,
Incenso da Arabia vôa em turbilhão!
Os santos e as santas, alfaias e altares,
É tudo oiro virgem, que sintilação!

Crepitando fogos de gemas solares,
Topasios da Persia, rubins do Indostão.
Debaixo d'um palio de lhama purpurea
Levanta-se um leito rutilo e pagão:
O leito do bode, Senhor da Luxuria,
Com mais pedrarias que o de Salomão.
Já o orgão rebôa, frementes e nuas,
As onze mil monjas vêm em procissão...
Os olhos de chamma, trazeiros de luas,
Resando palavras de abominação!...
Mitra coruscando, sedas fulgurosas,
A cruz sobre o peito, baculo na mão,
Conduz a theoria das monjas anciosas,
Um bispo castrado, que é seu guardião.
O bode rebrame no leito de pluma...
Acercam-se as freiras... e o bispo capão
Entrega-as ao bode, dá-lh'as uma a uma,
Com ar de respeito, com veneração...
São onze mil noivas, são onze mil bodas...
Formidavelmente gira o carrilhão...
E o monstro lascivo padreia-as a todas,
Num delirio tremens de fornicação!
Depois do execrando, bruto cevadoiro,
O bode, desfeito de devassidão,
Toma um semicupio numa concha d'oiro,
Em agua benzida pelo capelão.

E, sinos calados, extinctas as luzes,
Entregues as freiras ao seu guardião,
Persigna-se o bode, fazendo tres cruzes,
E em paz adormece como bom christão.
E ao cabo d'uns mezes, final de taes contos,
As monjas nas celas, com toda a razão,
Parem arcebispos, mitrados e prontos,
Exemplo mui alto de gran devoção!...

SCENA XVII

O ESPECTRO DE D. JOSÉ, *que vem de manso, desconfiado, olhando á volta, como temendo o quer que seja. Depois, baixinho, ao ouvido do rei :*

O Marquez não está?... Vê lá... Guardas segredo?
Então assigna... Adeos... pode vir... tenho medo!...

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão :*

Diz o rei á amante: «Vem para os meus braços!»
— Ardem nos teus braços nodoas do meu sangue!...

«Vem para os meus braços, dorme no meu peito...»
— Ardem no teu peito nodoas do meu sangue!...

«Dorme no meu peito, junto dos meus labios...»
— Ardem nos teus labios nodoas do meu sangue!...

«Oh, que ideias loucas, meu amor doirado!...
«Fui á caça aos lobos, venho ensanguentado.»

Deitam-se na cama... Longe, ao pé do mar,
Centos de martelos, truz! a martelar!...

— Ai, levantam forcas!... Pesadelo horrendo!...
«Um bergantim d'oiro que te estão fazendo...»

Beija o rei a amante com lascivo ardor...
Vem da noite funda gritos de estertor...

—Matam-me os parentes!... bem lhes oiço os ais!...—
«São as rolas, filha, pelos pinheiraes...»

Beijam-se um ao outro, presos por abraços,
Sente-se nas trevas um mover de passos,

E entram degolados, arquejando arrancos,
Tres fantasmas, vêde-os! com sudarios brancos!...

SCENA XVIII

O ESPECTRO DE D. MARIA I, *louca, furiosa, delirando:*

Meu pae!... meu pae!... meu pae!... meu pae!...
Castigo eterno, chammas do inferno!...
Meu pae!... meu pae!...
Olha os diabos... olha os diabos...
Coriscos os cornos, serpentes os rabos!...
Ui! o marquez!... ui! o marquez!...
Num caldeirão em braza, a derreter em chumbo, a ferver em pez!
Vão-me coser! já estou a arder! já estou a arder!...
Kyrie Eleyson! Kyrie Eleyson! Kyrie Eleyson!
Miserere nobis! ora pro nobis!
Jesus! Jesus! Jesus! Jesus!
Levem a purga!... levem a seringa!... não me quero purgar!...
Não me quero purgar... não tenho ventre... sou feita de ar...
D. Rosa! D. Rosa! ó D. Rosa!!...
Acode depressa! anda depressa, que me deitam ao mar!...

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

Satanaz, zombando, fez um rei de espadas,
Fez um rei de espadas com um cão tinhoso;
Com o cão tinhoso fez um sapo coxo;
Com o sapo coxo fez um porco bravo;
Com o porco bravo fez um bode d'oiro;
Com o bode d'oiro fez um corvo negro;
Com o corvo negro uma galinha doida...
Ko-ko-ro-có! Ka-ka-ra-cá!...
A galinha doida que é que parirá?!...

SCENA XIX

O ESPECTRO DE D. JOÃO VI:

Toca a sentar! deixa sentar esta carcassa,
Já roida do bicho e comida da traça!
Um corpo que pesou talvez seus dois quintaes,
Ou mais,
Hoje é isto! olha lá, mira-me bem em torno:
Uns vinte arrateis d'osso e outros tantos de corno!
P'ra que diabo é que Deos fez a alma immortal,
Não me dirão?! O corpo, acho eu natural

Que engordasse e medrasse em paz na eterna gloria;
Mas a alma! ora cebo! Uma alma incorporea,
Sem boca, sem nariz, sem barriga, sem nada,
Que não come um leitão, nem funga uma pitada,
Deos me perdoe a asneira, uma endromina assim,
Inda que elle a engenhou, não me convem a mim!
A morrer por morrer, antes a alma; em suma,
O desgosto era leve, a perda era nenhuma.
E o corpo desalmado, escorreito e perfeito,
Esse é que Deos com todo o geito
O devia levar, dando-lhe a eternidade,
P'ra comer como um porco e roncar como um frade.
N'este mundo em que 'stou, n'esta vida infinita,
Grande falta me faz a barriga, acredita!
Os miolos, já não... E, caso estranho, agora
Penso muito melhor do que pensava outr'ora...
Dão-me ideias! que espiga!... Atribuo taes factos
A andar-me na caveira uma porção de ratos.
Ideias!... Qual a ideia humana, por sublime,
Que se compare ou se aproxime
D'um peru com arroz, bem gordo e bem tostado?!
Que é a vida? jantar! E a morte? ser jantado!
Comer ou não comer, eis a eterna questão.
Mas comer com descanço e com satisfação.

Comer em paz; sem um remorso e sem fadigas.
Nada de inquietações mortaes, nada de brigas!
Temor a Deos, mesa de abade, cama quente
E rir a gente!
Eu fui um infeliz como não ha segundo,
Um malaventurado aos tombos pelo mundo!
A mulher uma cabra; os filhos um veneno;
Sustos; o hemorroidal, vê lá, desde pequeno!
E não parar! sempre em bolandas, sempre á tôa...
Que vida! E como a vida, apesar d'isso, é boa!
Oh, cantochões em Mafra!... oh, merendas no Alfeite!...
Oh, sestas de Queluz em Junho!... Que deleite!...
Manda ao demonio a guerra, a mulher e os cuidados!
Enfardela-me ahi cem mlihões de cruzados
Em peças d'oiro, assigna o que tens de assignar,
Veste o capote, leva a c'roa e põe-te a andar!
Deixa os inglezes... Fracas bestas!... raça vil!...
Muda-te p'ró Brazil... Muda-te p'ró Brazil!
Fructa maravilhosa e subditos leaes...
Eu, no teu caso, até não voltava cá mais.
E o povo, adeos!... que se governe... emfim, paciencia...
E cá lhe fica, que mais quer? a Providencia!...

. . . .

Boas noites... É tarde... o sepulcro me chama...
Vou-me deitar... Que fria e triste a minha cama!

Gelo e chumbo!... Os lençoes, farrapos com materia,
Nem me tapam sequer os ossos, que miseria!
E depois sobre mim, em cardumes, aos centos,
Pulgas da eternidade, os vermes fedorentos!
Ai, no jazigo escuro, a esfarelar-me em pó,
Consola-me uma ideia unica, uma só:
Não tornar a sofrer (oh podridão calada!)
Nem de hemorroidas, nem de gazes, nem de nada!...

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

Que noite escura! Que noite escura!
Bramem as ondas cavernosas...
A grande armada vae largar...
Oh, a armada do rei!... oh, as naus pavorosas
Na escuridão, turbilhonando, a baloiçar!...
Sao esquifes mortuarios,
São feretros com velas de sudarios,
Tumbas negras nas ondas a boiar!...
Ai que gemidos, que alaridos
De multidões na praia, olhando o mar!...
Lá vem o rei... lá vem a côrte... e luzes, luzes
De brandões, de tocheiros a sangrar...

Vae a embarcar?... vae a enterrar?... Não trazem cruzes,
Nem ha sinos por mortos a dobrar...
Oh, a lugubre, estranha comitiva
A bandada de espectros singular!...
É gente morta?... é gente viva?...
Procissões de defuntos a marchar!...
Cortesãos, cavalleiros e soldados,
Tudo esqueletos descarnados,
Olhos de treva e craneos de luar!...
Ladeiam coches funebres doirados...
São os coches d'El-Rei... vae a enterrar?...
Lá se apeiam as damas das liteiras...
Gestos de manequins, rir de caveiras...
Fitas e plumas soltas pelo ar...
Olha a rainha, vem em braços, morta e doida,
Morta e doida a clamar que a vão matar!...
E o rei!... olhem o rei!... que rei de entrudo!...
Um porco em pé, com manto de veludo
E c'roa na cabeça, a andar, a andar!
Mas reparem... tem cornos! é cornudo!
Dois chavelhos de boi no seu logar!
Um rei, que é porco e tem chavelhos!
Um rei, que é porco e tem chavelhos!
Que fantasia! enlouqueci... ando a sonhar!...

Mas bem no vejo! eu bem no vejo,
C'roa de rei, tromba de porco e chifres no ar!...

. . . .

Cae de rastros, chorando, o povo inteiro,
Beija-lhe a côrte as patas e o trazeiro...
E elle a grunhir! e elle a roncar!...

. . . .

Lá vão as naus... lá vae o rei com seus thesoiros...
E lá ficam na praia, como agoiros,
As multidões soturnas a ulular!...

. . . .

. . . .

Olha uma aguia rubra, uma aguia bifronte,
Incendiando o horisonte,
A voar, a voar, a voar!...
Ai dos rebanhos!... ai dos rebanhos!...
Aguia de exterminios, onde irás poisar?!...

SCENA XX

O ESPECTRO DE D. MARIA II :

Inclina um rei perante um rei (somos eguaes)
A realeza. Perante um vassalo, jámais!
O monarcha ao monarcha (é irmão com irmão)
Dobra o orgulho sem infamia; o rei ao povo, não!
Assigna, e já! Principe vil, que se amedronte,
Usa, mas sem direito, um diadema na fronte.
Povo em rebelião, não é povo, é canalha.
Beija-te os pés?—indulto. Ergue o braço?—metralha.
Faltam soldados e clavinas? Pouco importa:
El-Rei de Hespanha os mandará; tem-los á porta.

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

Tremia a rainha de me ouvir cantar...
Oh, loucura minha, desventura minha!
Cantigas são azas, fazem-nos voar...
Mandou-me prender, mandou-me espancar.

E eu desatei a rir, eu desatei a rir,
E tres dias cantei com mais tres noites a seguir!...

Não dormia a rainha de me ouvir cantar...
Oh, loucura minha, desventura minha!
Cantigas são graças para não chorar...
Mandou-me prender, mandou-me enforcar.

Chegaram as tropas e eu, desarmado,
Zás! desbaratei-as com o meu cajado!

E puz-me a cantar! e puz-me a cantar!

Tremendo, a rainha disse então ao rei:
Emquanto o não matem não descançarei.
Com teus cavalleiros vae-m'o tu buscar,
Traz-m'o aqui de rastros para o degolar.

Veio o rei á frente d'um grande estadão,
Zás! desbaratei-o com o meu bordão!
É de temer, é de temer
Um doido varrido com um pau na mão!...

E sempre a cantar! e sempre a cantar!

Então a rainha, vilesa traiçoeira!
Chamou inimigos d'alem da fronteira...
E tantos! e tantos!... Que havia de eu fazer?...
Quebrei de raiva o meu bordão e deixei-me prender...

Levado de rastros aos pés da rainha,
Cuspiu-me na cara!
Oh, vergonha minha! por fortuna minha,
Melhor me matara!... melhor me matara!...
O gosto que teve durou-lhe bem pouco...
Foi ella que morreu!... foi ella que morreu!...
Vi-a passar já no caixão, ia a enterrar...
E sabeis o que eu fiz? (o que é ser louco!... o que é ser louco!...)
Desatei a chorar!...

SCENA XXI

O ESPECTRO DE D. LUIZ

Que remedio, meu filho! assigna tudo... assigna tudo...
Gloria, Patria, Dever,
Bom de dizer!
Assigna tudo e vae andando... vae andando...

Do mister de reinar, que Deos te deu em sorte,
Faz, como eu fiz, modo de vida e não de morte.
E a vida é boa!
A alegria do sangue, os regalos da C'roa,
A mulher, o charuto, o livro, o leito, a mesa,
Lista civil, paz e descanço... Com franqueza,
A vida é boa, e vale a pena de a gosar,
Como nectar precioso e raro,— de vagar!
Com um pouco de astucia, um pouco de bondade,
Covardia risonha e indolencia de frade,
Conseguirás viver alegrissimamente
Até ser posto de escabeche em S. Vicente.
E, se o destino te arrancar o sceptro, vae-te embora
Filosoficamente, sem demora,
Dedicando no exilio uns ocios eruditos
A traduzir em portuguez os meus escriptos...

Vae a sahir e retrocede.

É verdade, Pedro faltou... faltou... não veio...
Pedro! meu pobre irmão! Acordei-o, chamei-o,
Quiz levantar-se, ergueu a fronte, abriu o olhar,
Exhalou um suspiro... e tombou a chorar!...

Desapparece.

O DOIDO, *na escuridão:*

O reino é podre... o rei é podre...
Oh, que fedor! oh, que fedor!
Quando a planta apodrece, a podridão
Germina em margaridas pelo chão...
Quando apodrece a carne, a sepultura
Touca-se de verdura...
Lepras e pus, chagas e cancros
Dão jasmineiros, dão lirios brancos...
Mas do reino e do rei apodrecido,
Oh, que fedor! oh, que fedor!... que tem nascido?
Mais podridões a fermentar,
Envenenando a terra, envenenando o ar.
A gente morreu toda envenenada...
É côr de sangue a lua, é de crepe a alvorada!...
Desfolharam-se os bosques pelos montes,
Ha nas rochas gangrena, ha peçonha nas fontes!
Destruiram-se os ninhos
E emigraram, chorando, os passarinhos!
Vivo, só eu fiquei n'este monturo
De lodo escuro!
O reino é podre... o rei é podre... tudo é podre...
Oh, que fedor! oh, que fedor!...

O REI, *volvendo a si, atonito e desordenado:*

Olho e custa-me a crer!... tonto!... a cabeça vária,
Á roda... Já nem sei... Que noite extraordinaria!...
Que noite!... aparições, visões, trovões, um pandemonio
De inferneiras, de bruxarias do demonio!...
Eu 'starei doido ou 'stou sonhando?!... Que aventura! oh que aventura
Monstruosa!... Perco a rasão... foge-me a vista...
O ladrão do maluco e o diabo do chronista
Deram-me volta á cachimonia, esfutricada
Já de tanto banzé e de tanta noitada!...
Quem pudesse dormir!...

Vendo o pergaminho:

Assignemos de vez
Esta leria...

Assignando e chamando:

Marquez!

Aterrado, em altos gritos:

Marquez! marquez! marquez!
Raios os partam! ninguem ouve... tudo dorme!...
Sósinho!!...

O DOIDO, *na escuridão:*

Oh, que fedor!... oh, que fedor!...

O REI:

Ah, o mostrengo enorme,
Eu lhe darei a cantilena!... Para agoiros,
Quatro estoiros á queima-roupa! quatro estoiros!

Surge o espectro de Nunalvares, vestido de monge carmelita. O rei desfalece de novo. Os cães investem, mas, diante do olhar sobre-humano do condestavel, recuam tremulos, como obedecendo a um fluido magico.

O ESPECTRO DE NUNALVARES:

Por teus avós chamaste. Um falta ainda,
Falta a raiz da arvore de morte,
Que em ti, vergontea exhausta, expira e finda.

Oh, miseranda, lastimosa sorte,
A d'este coração desbaratado,
Que outr'ora se julgou tão puro e forte!

Deu com elle a gangrena do pecado,
Qual um bicho escondido que apodrece
Um deleitoso fructo embalsamado.

Nada valem tenções, nem vale a prece:
É das obras que vem á creatura
O galardão e a pena que merece.

Não acuso de ingrata a sorte dura;
Volvo-me contra mim unicamente
Em meu desassocego e má ventura.

Tamanino inda eu era, inda inocente,
Alma candida e pura, como a rosa
Aberta junto d'agoa ao sol nascente

Quando uma noite uma visão fermosa
Me apparece e me diz com voz divina,
Ao mesmo tempo clara e mysteriosa:

«Li numa estrela d'oiro a vária sina
Que a esforçadas, magnanimas emprezas
E a feitos não obrados te destina.

«Mas que valem altissimas grandezas,
Mas que valem as pompas e as vitorias,
Se a mundano desejo andarem presas?!

«Só da fé, só do bem quedam memorias;
Tudo o mais é poeira, um vão ruido,
Uns tumultos de sombras ilusorias...

Cavalleiroso coração ardido
A grande termo levará seus feitos,
Quando ponha em Jesus alma e sentido.

Melhor que duro arnez, defendem peitos
Virtude adamantina e graça clara,
Com que Deos abroquela os seus eleitos.

«Sê casto como a luz beijando a seara,
Firme qual entre as ondas o rochedo,
Manso como ovelhinha em pedra d'ara.

«E, como o sol d'Abril veste o arvoredo,
D'armas resplandecentes vestirás
O teu corpo d'heroe, viçoso e ledo.

«Só pela Patria e Deos batalharás.
De tua larga mão caiam na terra,
Num gesto grande a beatitude e a paz.

«Seja neve dos pincaros da serra
Teu limpo coração, bondoso e humano,
Quer na tranquilidade, quer na guerra.

«A tirania ao fim pune o tirano.
Contra o injusto volta-se a injustiça,
E a maldade é aos maus que faz o dano.

«Arreda para longe odio e cubiça;
Contra fero inimigo um bravo alento,
Contra amargura e dor alma submissa.

«Viva dentro da carne o pensamento,
Na pureza da virgem confinada
Dentro da cela branca d'um convento.

«E a carne exultará transfigurada,
Qual a nuvem escura em céo ligeiro,
Em lhe batendo a luz da madrugada.

De tal guisa, vencendo-te primeiro,
A todos vencerás como um leão,
Formidavel e nobre cavalleiro.

«E de Christo e da Patria em defensão
Brilhará tua lança como um raio,
Mandará tua voz como um trovão!»

Assim fallou (se me abalou julgae-o!)
A graciosa visão, que se desfez
Pouco a pouco em suavissimo desmaio.

Donzel eu era já, quando outra vez
As mesmas fallas ella, de improviso,
Me repete co'a mesma candidez.

Todo cheio de lagrimas e riso,
Num enlevo quedei, numa anciedade,
Mais que da terra já, do paraiso.

E á celeste, benefica deidade
Jurei suas razões maravilhosas
Puramente cumprir e de vontade.

Jurei que nunca minhas mãos culposas
Mulher manceba haviam de tocar,
Feita que fôra de luar e rosas.

Jurei, unido em Christo á luz do altar,
Pôr batalha de morte a meus desejos
E meus vicios da carne assocegar.

Annos do mundo, breves ou sobejos,
Fadigações da vida tão mesquinha,
Com seus ais, com seu pranto, com seus beijos,

Tudo votei sem pena e bem asinha
Á cruz do Redemptor e á cruz da espada,
Ao meu Deos verdadeiro e á patria minha,

Jurando guardar sempre, e bem guardada,
Ũa alma pura em natureza pura,
Qual em ambula d'oiro hostia sagrada.

Ai, de mim! ai, de mim! faltei á jura!
Ai, de mim! ai, de mim! porque uma peste
Logo te não queimou, lingoa perjura?!

Ah, donosa visão, visão celeste,
Bem devera de ter descortinado
N'aquellas altas fallas que me deste,

Que eu, em vicio d'amor sendo gerado,
Remiria na carne aborrecida
Pela gran penitencia o gran pecado.

Madre senhora! ó madre estremecida!
Antes ficaras tu noiva e donzela,
E eu não abrisse o olhar á luz e á vida!

Ó padre carinhoso! ó madre bella!
Vossa culpa cahiu no vosso fructo,
E, com a culpa amarga, o nojo d'ella!

Queixa não hei de vós; a mim imputo
Lastima e dano, que me só provém
D'este bichoso coração corrupto.

Por vós creado fui, como ninguem;
Vós me guiastes com suave geito,
Desde menino a alma para o bem.

Remidor d'um pecado eu fora eleito;
Assim m'o disse a candida visão,
E m'o escreveu com lagrimas no peito.

Quando tu, padre meu, alto varão,
Mulher me cometeste, logo ancioso
Se me agastou, nublado, o coração.

E toda a noite o arcanjo luminoso
Repetindo: Não deixes, filho meu,
Gloria celestial por triste goso!

E a miseria da carne me venceu!
Ó padres! perdoae, chorae comigo,
Que o vosso algoz tiranico fui eu!

Eis aqui vosso algoz, vosso inimigo;
Por mim no purgatorio estaes sofrendo,
E eu sofro, alem do meu, vosso castigo.

Oh, destino cruel! oh, caso horrendo!
A livrar-vos da falta me hei proposto,
E sou o Judas negro que vos vendo!

Nem pára aqui meu transe e meu desgosto.
Como de olhar-me, ó sol deslumbrador,
Não se te muda em noite a côr do rosto?

Como não gelas, dize, de pavor,
Vendo que em fraco peito miseravel
Cabe tromenta assim de nojo e dor?!

Ó terra triste! ó céo inexoravel!
Que ventre de mulher pariu um dia
Desaventura a esta assemilhavel?!

Nobres guerras armei, como cumpria,
D'animo afoito a rudes castelhanos,
Desbaratando-os Deos por minha via.

Contra seu vão furor, contra seus danos,
Batalhei desde a alva alegradora,
Ao derribado ocaso de meus annos.

Sangue de irmãos verti... Vertido fora
Novamente mil vezes, sem piedade,
Que alma não é de irmão alma traidora.

Patria minha gostosa, quem não hade,
Em risonho sabor, vida e fortuna
Dar por teu livramento e magestade!

Como a de fogo altissima coluna
Vae do povo de Deos na dianteira,
Afim que se não perca ou se desuna,

Tal na frente das hostes, sobranceira,
Contra duro inimigo acovardado,
Tremeu sempre no ar minha bandeira.

É que n'ella Jesus ia pregado,
Jesus, rei das estrelas, rei do mundo,
Meu capitão fermoso e sublimado.

Ordenara, porem, o céo profundo,
Que em tal cometimento era mister
Carne sem nodoa e coração jucundo.

E estas mãos (ai do feito em que as puzer!)
Tocado haviam já, tornadas lama,
Com vil desejo, em corpo de mulher.

Fosse a Virgem celeste a minha dama,
Se, como Galaaz, heroe invito,
Alcançar me propunha honrada fama.

Deos castigou-me o coração maldito:
Pois que sobre elle ainda vem pesando
O carrego mortal do meu delito.

Ó cidadela da pureza, quando
Um vicio te faz brecha, sem tardança,
Prestes os mais acodem galopando.

Em minha carne, um dia honesta e mansa,
Por onde entrou luxuria malfazeja,
Entrou ira e soberba, entrou vingança.

Inda me sangue o peito lagrimeja
Da boa e má tenção, que, desvairadas,
Armaram n'elle horrifica peleja.

Oh, pelejas da alma encarniçadas!
São as outras uns jogos inocentes,
Com o furor das tuas comparadas.

Anjos d'azas de luz resplandecentes,
Seculos dia e noite a batalhar
Com demonios, com tigres, com serpentes!

Ah, nem ouso de espanto relembrar
Essa guerra feroz, que já não arde,
Entre meu crime duro e meu pezar...

Tão animoso, n'ella fui covarde;
Tão vencedor, a miudo fui vencido,
E a vitoria, se a hei, me chegou tarde.

Uma noite em que mais me vi perdido,
Com afincada raiva e crua sanha
Dos demonios ardentes combatido,

A visão me resurge em forma estranha,
E em tão grande e mortal melancolia,
Que nunca em mim a houve assim tamanha.

Um longo veu de dó ella vestia,
Numa tal soledade e desconforto,
Que a dissereis a Virgem na Agonia.

Meiga, sem me fallar, o olhar absorto
Pousou em mim então, como se fosse
Ũa madre encarando um filho morto.

No seio me verteu, divina e doce,
Lagrima d'oiro, e, com suspiro ethereo,
Silenciosa esmaiando, evaporou-se.

Ó lagrima de dôr, por que mysterio
Subitamente ao animo torvado
Me deste paz, clareza e refrigerio?...

Todo eu me senti purificado:
Num ditoso sofrer o meu tromento,
Numa pena bem-vinda o meu cuidado...

Tal o misero rei, que vae sangrento
De perdida batalha, alfim se lança
Em ditoso e profundo acostamento.

Descobrira que a dôr é irmã da esp'rança;
E que ao alto perdão, no azul divino,
Só a humildade, a rastros, se abalança.

Já liberto de espirito malino,
Com as veras palavras de Jesus
Assentei de acordar o meu destino.

De mundanarios bens facil dispuz;
Que só virtude é oiro, e a mór grandeza
Da terra são tres pregos numa cruz.

Dentro de mim, numa fogueira acesa,
Queimei gloria e valor: não ficou nada
Mais que melancolia e que tristeza.

Parti a lança; pendurei a espada;
Com bordão de pastor ou de ceguinho,
Bem andamos de noite esta jornada.

Fama grande do mundo tão mesquinho,
Dando ás trombetas com ardor, não vôa,
Onde vôa, cantando, um passarinho.

E onde ha, ó meu Jesus, se a dôr te crôa,
Se é teu vestido sangue e o vinho fel,
Pena digna de nós, que bem nos dôa?!

Sem escudo, sem cota, sem laudel,
Minha triste nudez arrecolhida
Numa samarra triste de burel,

Determinei findar miseria e vida
Lá em partes inospitas, distantes,
Entre gente comum desconhecida.

Estes olhos, que arderam relumbrantes,
Verteriam de dôr sangue coalhado,
Qual os olhos de Job verteram d'antes.

Estes pés, que no vicio hão caminhado,
Manariam gangrena, já desfeitos,
Como os pés de Jesus Crucificado.

Estes braços, altivos de seus feitos,
De logar em logar, côdeas de pão
Buscariam, rendidos e sujeitos.

E esta abatida alma de christão,
No carcere da carne prisioneira,
Á mingoa mór, á mór tribulação,

Gostosa sorriria e prazenteira,
Qual o bom lavrador, em velha idade,
Sorri festivalmente ao pão na eira.

E, já em Deos o espirito e a vontade,
Me acolheria ás solidões d'um ermo,
Na derradeira angustia e pouquidade.

Lá houvera afinal benigno termo,
Se, em tão grande, humildosa desventura,
Prouvera a meu Jesus de conceder-m'o.

D'El-Rei me veio o embargo; e na clausura
D'A que, chorando estrellas, nos conforta,
Em silencio, escondi minha amargura.

Vida do mundo, junto d'essa porta,
Com o rouco fragor que tudo abala,
Aos pés, em sombra vã, me cahiu morta.

Dir-se-hia que o mar perdera a falla,
E a terra se volvera em nuvemsinha,
Bastando um ai de dôr a evaporal-a.

Já diversa era ali a patria minha;
Que o throno do meu rei era uma cruz,
E o chão, banhado em sangue, o da rainha.

Ó Rainha da Angustia! ó Rei Jesus!
Venha a nós esse imperio onde reinaes,
Todo amor, todo esp'rança e todo luz!

Venham a nosso peito os vossos ais!
A nossas mãos, ó Christo, os vossos cravos!
Maria, á nossa alma os teus punhaes!

Venham a nós as chagas, que são favos!
Venham tua agonia e teu madeiro,
A nós, ó Rei do Céo, a teus escravos!

Dias de soledade e de mosteiro
Eu os vivi, na temerosa esp'rança
Da alva do meu dia derradeiro.

Esta dôr, que abrandou, que se fez mansa,
Ali chorou aos ais, como perdida
Num deserto, de noite, uma creança.

E oh, alivio da alma arrependida!
Quanto mais afincado era o tromento,
Mais nos hombros ligeira a cruz da vida!

Como no ar o vento sobre o vento,
Como no mar a vaga sobre a vaga,
Só na dôr tem a dôr socegamento.

E com a folha nua d'uma adaga
Todo eu me prazia em revolvel-a
Dentro do coração a hedionda chaga!

Qual as tuas, Jesus, quizera eu vêl-a,
De purpurina abrir-se numa rosa,
De inflamada acender-se numa estrela.

Toda imunda, porém, toda verdosa,
Só materia escorria peçonhenta,
Só gangrena lethal, cadaverosa.

E eu a escarnava com a mão cruenta,
E eu lhe metia, para não sarar,
Carvões a arder na boca pestilenta.

Mas a Virgem tristissima, a chorar,
Lhe derramava, balsamo divino,
O lumioso perdão d'aquelle olhar.

Era assim, irmãnmente cristalino,
O da visão angelica e suave,
Que amistosa me foi desde menino.

E, a tão candida luz, meu pezar grave
Ia alvorando, como rocha bruta,
Que pouco a pouco se fizesse em ave.

Já da ulcera ardente, quasi enxuta,
Manava um soro apenas, filho ainda,
De podridão tão negra e tão corrupta.

Hora do livramento, hora bem-vinda,
Uma noite, em um sonho d'esplendor,
M'a predizeu, chorando, a Virgem linda.

E, abraçando e beijando o Redemptor,
Sem angustia enfadosa, sem queixume,
Dei a alma nas mãos do Creador.

Esbulhada de vicio e de azedume,
Ás regiões celestes foi voando,
Como palida luz solta do lume.

Numa nevoa, a boiar, quedou sonhando:
Sonho de dôr feliz, dôr sem memoria,
Nevoa d'ante-manhã que vem raiando.

Não era ainda ali perpetua gloria;
Mas falecera já da vida ausente
A remembrança amarga e merencorea.

Sono d'alma levissimo, inocente,
Em musicas de estrelas embalado,
Quem o dormir pudera eternamente!

E um veu de lua cheia, engrinaldado,
A Virgem desdobrou, em ar divino,
Sobre a encantada paz do meu cuidado.

Era uma graça, um bem que eu não defino...
Jocundo enlevo... candidez airosa...
Num presepe, a sonhar, feito menino...

E uma luzinha ao longe, mysteriosa,
Cantando-me as canções que me cantava
Minha madre no berço, em Frol da Rosa...

Oh, descuidado alivio!... não cuidava
Que das culpas do mundo temeroso
Esta essencia revel jazia escrava.

Deos a espertou do somno deleitoso,
E, por mais a punir, inda um momento
A banhou, ao de leve, em claro goso.

Só as estrelas, só o firmamento
Recontar poderiam, se quizessem,
Meu desvairo, meu nojo e meu tromento!

Convinhaveis palavras me falecem;
As que as bocas dos homens deitam fóra
Tribulações d'aquellas não conhecem.

Lá d'alta estancia d'onde venho agora,
Lá d'onde o Eterno me elegeu pousada,
Duzentos annos grandes, hora a hora,

Vi eu, alma em tromento, alma calada,
Minha patria, a meu sangue redimida,
Por meu sangue afinal desbaratada!

Por sangue do meu sangue foi trahida;
Eu que alentos lhe dei, lhe dei nobreza,
Ao cabo lhe arranquei nobreza e vida!

Os filhos dos meus filhos, oh, tristeza!
A danaram com raiva tão medonha,
Que nem lobos a hão contra uma preza.

Descendentes da mingoa e da vergonha,
Reprobos eram, pois é justa a lei
Que do cancaro mau cria a peçonha.

Feze-os a sina herdeiros do meu rei,
Por que um a um no throno dessem conta
D'este perdido reino, que eu livrei.

E eu lá d'aquella altura que amedronta,
Sem poder abalar, correr asinha,
Vingar com mão sanhosa a dura afronta!

Em vão, oh, dôr cruel! oh, dôr mesquinha!
Alevantava suplicas piedosas
Á dos anjos tristissima Rainha!

Ella vertia lagrimas fermosas...
E nasciam estrelas como flores,
Canteiros de boninas e de rosas...

Porém, Deos era surdo a meus clamores!
Mais pesavam meus crimes na balança,
Que os teus olhos de luz, ó Mãe das Dores!

Tal um peito rasgado d'uma lança,
Que em torvação eterna agonisara,
Sem alivio, sem morte e sem esp'rança!

Ó filha! ó anjo pulcro! ó alva clara!
Antes em leda e tenra meninice
Uma vibora má te envenenara!

Antes boca de monstro te engulisse,
E d'aquelle erro o fructo miserando
Teu ventre criador nunca o parisse!

Vozes taes eu gemia, senão quando
Oiço como o ruir d'ũa montanha,
Como um trovão de subito estoirando!

Deos arrasara a nobre flor da Hespanha!
Nem a Virgem do Carmo em seu mosteiro
O defendeu de colera tamanha!

Virgem do Carmo! vêl-a num brazeiro,
Misturada com pedras e destroços,
Vêl-a eu! seu algoz, e seu coveiro!!...

A egreja, que por môr dos olhos vossos
Alevantei, ó Virgem da Piedade,
Minha infamia a ruiu contra os meus ossos!

Grito d'alma n'aquella immensidade
Tão agudo espedi supitamente,
Que fez branca de dôr a Eternidade!

Assim horrenda, assim direitamente,
Em quejanda e cruel desaventura
Não foi posto no orbe um ser vivente!

Já dois seculos idos de amargura,
Acreditei que emfim o Creador
Houvera dó da triste creatura:

Do meu sangue de lastima e de horror
Cavalleiroso princepe foi nado,
Qual nasce d'uma campa eburnea flor.

Ah, o nobre donzel, d'olhar fadado,
A imagem de mim mesmo era talvez,
Quando isento do vicio e do pecado.

Risonha aurora em noite se desfez...
Breve expirou, qual expiraram breve
Dentro em mim a virtude e a candidez.

Não perdôa o Eterno a quem lhe deve:
De culpa grande a ofensa lhe devia,
E o castigo aturado, o julgou leve.

Minha dôr empenosa acabaria
Com teu acabamento e sorte infanda,
Ultimo rei de infanda dynastia.

Creatura nojenta e miseranda!
Ó vitima final! já na procella
Descubro o raio, a arder, que Deos te manda!

E a patria! o meu amor! a patria bella!...
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vae lidar até morrer por ella?!...

Já o mundo a meus olhos se adelgaça!...
Montes, fraguedos, tudo se evapora...
São nuvens... sonho... sombra van que passa...

Quasi liberto já!... não tarda a hora...
Sorri-me a Virgem!... como vem brilhante!...
Deos! quanta luz!... que mar de luz!... que aurora!...

Queda enlevado, extatico, sobre-humano. Irradia oiro. Descortina, subito, numa panoplia, a velha espada de Aljubarrota. O gladio heroico entre cutelos de verdugos! Como eximil-o á afronta, se já mãos de eleito não devem tocar em ferros homicidas! Embora! Arranca-o. beija-o, ergue-o na dextra, e, da varanda, olhando a noite, em voz soturna de trovão:

Cavalleirosa espada relumbrante!
Se n'esse lodo amargo um braço existe
De profeta e de heroe, que te alevante!

Inda bem que na lamina persiste,
Em crua remembrança e galardão,
Do sangue fraternal a nodoa triste.

Descobre o gladio a quem o houver na mão,
Que ante a justiça recta e verdadeira,
Não ha padre, nem madre, nem irmão!

Porém, se a patria, já na derradeira
Angustia e mingoa onde a lançou meu dano,
Terra d'escravos é, terra estrangeira,

Rutila espada, que brandi ufano!
Antes um velho lavrador mendigo
Te erga a custo do chão, piadoso e humano!

Volte á bigorna o duro aço antigo;
E acabes, afinal, relha de arado,
Pelos campos de Deos, a lavrar trigo.

Arrojando a espada ao abysmo da noite:

Deos te acompanhe! Seja Deos louvado!

Desapparece. O rei fica no chão, immovel e sem acordo.

SCENA XXII

O espectro de Nunalvares atravessa, resplandecendo, a escuridão noturna. Enxerga a distancia, o vulto fantastico do doido. Pára, surprehendido. Contemplam-se.

O ESPECTRO DE NUNALVARES, *melancolico, fitando o doido:*

Se esta alma, ha tres seculos gemendo,
Em carne humana andasse, e, dia a dia,
A perdição da patria fôra vendo,

No semblante de louca amostraria
Aquella dôr soturna e tenebrosa,
Aquelle olhar de pasmo e de agonia!...

O DOIDO, *absorto:*

Oh, que figura estranha e luminosa!...
Que apparição aquella!...
E eu já a vi... eu já a vi... lembro-me d'ella...
Mas onde foi?... Cabeça tonta!... Onde seria?!...
Ah, ah, já me recordo!... quando eu vivia,
Tive assim um parente... um irmão... Um irmão?
Eu nunca tive irmão!...

Oh, que loucura! oh, que loucura!
Mas eu conheço este fantasma... esta figura...
Aquelle ar singular de guerreiro e de monge...
Eu conheço-o... Mas onde foi?... quando é que foi?... lá muito ao longe...
Muito ao longe... Ora espera!... Já sei! Não era irmão, não era!...
Fui eu proprio!... Fui eu assim!... Fui eu! fui eu! fui eu!
É tal e qual... é exacto,
O meu retrato!...
Fui eu!...

. . . .

Ah, fui eu... um outro eu... que andou no mundo e já morreu!...

SCENA XXIII

Corre, de braços abertos, para o espectro, que subitamente se evapora. Relampago abrasador. Trovão medonho. Chovem os raios no castelo. O incendio, num minuto, veste-o de lavaredas fabulosas. Estrondos de explosões, derrocamentos de muralhas, gritos de angustia, alaridos de panico.

O DOIDO, *triunfante, num regosijo de creança, vendo as lavaredas a brilhar:*

Olha o palacio a deitar chammas dos telhados!...
A arder!... a arder!...
Lá arde o rei, o throno, a côrte, os cães... Ah, cães danados,
Ides morrer queimados!
Tudo a arder!... tudo a arder!...
Que lavaredas! Que esplendor! Ai, que alegria!
Parece dia!...
Vão os galos cantar
E trinar, de surpreza, a cotovia!...
Rolos de fumo em sangue pelo ar...
Desabamentos... vigamentos a estoirar...
Oh, que fogueira!... oh, que fogueira!... Ai, que alegria!
Que chammas d'oiro relumbrantes!... Andem vêl-as...
Olha a subirem para o céo milhões de estrelas,

Tantas estrelas, tantas, tantas,
Que o castelo abrazado
Vae-nos deixar o céo azul todo estrelado!
Ó lavaredas d'oiro! ó lavaredas santas!
Subi! subi! subi!... dae luz e dae calor!...
Vós que não tendes fogo em vossas casas,
(Que lindas brazas! que lindas brazas!)
Vinde assentar-vos e aquecer-vos ao redor!
Oh, surdi de tropel, em alcateias,
Miseraveis, famintos, vagabundos!
Surdi das tocas negras das aldeias,
Dos matagaes profundos,
Das pocilgas, dos antros, das cadeias,
E em turba-multa, em debandada, aos milhões, aos milhões,
Vinde aquecer as mãos n'este brazeiro,
Vinde aquecer as mãos, vinde aquecer os tristes corações!...
Já vae florir nas sebes o espinheiro,
Já vão florir nas bocas virgens as canções!...

. . . .

Dobram os sinos... dobram os sinos... Deixa dobrar!
Foi Deos que deitou fogo áquillo tudo...
Quem no hade apagar?!...
Repica os sinos, meu sineiro campanudo,
Que á volta da fogueira as moças todas vão bailar!...

. . . .

E eu vou ter, que prazer!

Mal sabeis... mal sabeis o que eu vou ter!...

A minha alma! a minha alma!... nova... nova,

Como um sol de aleluia a refulgir!

Ella estava ali presa numa cova...

Ardeu o rei, ardem os cães... e vae fugir!

O incendio devorou o palacio. Ardeu tudo: marmore e madeira, rei e cortesãos, oiros e brocados, alfaias e baixelas. Salvaram-se os cães; nada mais. D'entre os escombros, fumegando, ergue-se religiosamente, em ascensão eucaristica, um vulto angelico de mulher. O corpo é de luar de opala, a tunica de luar de neve, e os olhos, fundos e dolentes, de luar de lagrimas. Peito manando sangue, olhos chorando estrelas, caminha suspensa, direita ao doido, num somnambulismo vago e melancolico. Poisa em terra, com a graça aerea d'um arcanjo. É a alma do doido. Trezentos annos sem se verem! Contemplam-se. Como estão mudados!...

O DOIDO, *em frente da alma, já recuperando a lucidez:*

Ó alma vagabunda, alma exilada,

Eis teu corpo infeliz, tua triste morada:

Vê, que abandono e que pobreza!

Ninguem te espera! nem candil na escada,

Nem banquete na mesa!

Vens tranzida de frio a tiritar?...

Não ha lume no lar!

Vens morta de miseria e de aflição?...
Não ha vinho, nem pão!
Vens fatigada repousar?... Porém,
Não ha leito tambem!
Tua casa deixaste,
Teu albergue natal desamparaste,
Numa noite d'horror...
E os ventos e as procellas
Desmantelaram portas e janelas,
Desmoronaram tetos com furor...
Restam negras paredes lastimosas
Do teu ninho d'amor!...
Ha cardos na varanda em vez de rosas,
Luto e morte nas salas pestilentes...
Na alcova onde dormias,
(Oh, mal dirias! mal dirias!)
Hoje dormem as c'rujas e as serpentes!...
E tu, ó alma triste, alma exilada,
Branca, da alvura mesta dos sudarios,
De que prisões, de que galés, de que calvarios,
Vens a rastros assim crucificada!
Quem te cobriu de lagrimas e sangue?
Quem trespassou teu coração exangue
De tanta dôr e tanta punhalada?!

Regressas ao teu lar, alma divina,
Para morrer aqui;
E no teu lar contemplas uma ruina,
E elle uma sombra em ti!...

. . . .

Entra no lar... entra no tumulo... descança,
Alma pobre, varada de amarguras,
Alma sem fé e sem esp'rança!
Entra no lar abandonado... entra ás escuras...
Deita-te a um canto somnolentamente,
E extinta e muda, vulto vago, informe,
Nunca mais abras teu olhar silente,
Dorme! repousa eternamente... dorme!

. . . .

A alma embebe-se-lhe no corpo.

Alma a expirar, clarão sombrio,
Porque vieste
Iluminar um tumulo vasio?!...
Porque vieste
Resuscitar de novo, inda um momento,
A poeira do meu nada?!... Antes o vento
A sacudisse inanime e delida
Na eterna paz do eterno esquecimento!
Memoria! espelho funebre da vida,

Porque me vens de subito trazer
A apagada, a esquecida
Imagem tormentosa do meu ser!
Que despertar medonho
Da cahotica noite do meu sonho!...
Antes o sonho louco, o sonho vão!
Cavalleiro magnanimo de outr'ora,
Contempla o teu retrato... olha-o agora...
Nem a ti proprio te conheces, não!
E és tu, és tu, ó cavalleiro antigo,
Este palido e tropego mendigo,
Este mendigo ensanguentado e nu!...
Nem semelhança leve achas comtigo?
Repara bem... repara bem... és tu!...

. . . .

Num impeto de orgulho e de vãgloria:

E astros do céo, povos da terra, ondas dos mares,
Viram passar, como ũa aguia ovante,
O meu pendão chimerico nos ares!
Retumbaram meus feitos de gigante
Pelo universo, em echos seculares!
Cavalleiro e argonauta vagabundo,
Gravaram sobre terra e mar profundo

Mil roteiros de luz os passos meus,
Como se houvera circumdado o mundo,
Listrando-o a fogo, o Espirito de Deos!
Minha abrazada crença visionaria,
Medindo o globo inteiro, achou-o estreito...
E a alma da humanidade, immensa e vária,
Nũa maré de assombros, tumultuaria,
Bateu um dia junta no meu peito!
Vinham bandos de frotas portentosas
Pareas de reis trazer-me alegremente:
Maravilhas estranhas, caprichosas,
De longinquas cidades fabulosas,
Berços d'oiro do sol resplandecente!...
Nas mil torres, mais altas do que a Fama,
Do meu emporio vasto olhando o mar,
Via-se o globo e a cruz como auriflama,
E sobre globo e cruz, d'azas de chamma,
Minha epopeia homerica a cantar!...

. . . .

Ah, do somno da morte enregelado
Porque havias de, ó alma, despertar?!...
Que é da grandeza heroica do passado,
Que é das torres d'outr'ora olhando o mar?!...
Blocos no chão, vestidos d'heras,

Ameias, gargulas, espheras,
Poeiras de sonhos, de chimeras,
Luto, nudez, desolação,
Eis os restos de tantos exterminios,
De tanta dôr e tanta maldição!...
Já nem cabe sequer em meus dominios
A magra sombra vã do meu bordão!
Regios palacios, fortalezas,
Mosteiros, campas, catedraes,
Orgulhosos padrões de mil emprezas,
Conspurcados de lama e de impurezas,
Entre montes de entulho e silveiraes!
Meus imperios distantes divididos,
Minha terra natal inculta e só!...
Loucos de dôr, em torvos alaridos,
Correm bandos de aldeões espavoridos,
Miseraveis tropeis de luto e dó...
Por mim passam atonitos, julgando
Vêr um monstro maldito,
Um espectro soturno e formidando...
Da escuridão do nada resuscito...
Abro os olhos na treva... estendo as mãos...
E de mim fogem com horror, clamando,
Meus parentes, meus filhos, meus irmãos...
. . . .

Deos, onde estás?!...
Deos! a mentira eterna!...
Algum lobo voraz,
Mais piedoso que o céo que nos governa,
Póde emprestar-me um antro, uma caverna,
Onde se durma e se agonise em paz?!...
. . . .

Ao cabo d'um longo e meditativo silencio:

Oh justiça do Espirito divino,
Pensando bem, bem clara te revelas
Na tragica lição do meu destino!
Minhas glorias passadas!... É por ellas,
Que eu hoje estou sofrendo e me crimino!
Minhas glorias!... infamias e vergonhas
De ladrão, de pirata e de assassino!
Que barbaras, que atrozes, que medonhas,
A escorrer sangue negro e pestilento,
As vejo em torno a mim n'este momento,
Essas glorias nefandas, que eu supuz
D'oiro e de luz!
A epopeia gigante!
Emprezas immortaes! feitos sublimes!
Grandeza louca d'um instante...
Miseria eterna... meus eternos crimes!

. . . .

Novos mundos eu vi, novos espaços,
Não para mais saber, mais adorar:
A cubiça feroz guiou meus passos,
O orgulho vingador moveu meus braços
E iluminou a raiva o meu olhar!
Não te lavava, não, sangue homicida,
Nem em mil milhões d'annos a chorar!...
Cruz do Golgota em ferro traduzida,
Minha espada de heroe, ó cruz de morte,
Cruz a que Deos baixou por nos dar a vida;
Vidas ceifando, deshumana e forte,
Ergueste imperios, subjugando o Oriente,
Mas Deos soprou... eil-os em nada...
E te cravou a ti, vermelha espada,
N'esta alma de lobo eternamente!
Ó espada de dôr, abre-me o peito!
Rasga de lado a lado o coração!
Rasga-o, meu Deos, e torna-m'o perfeito,
Que eu te bemdigo e louvo e me sujeito,
Sem uma queixa, aos golpes da tua mão!
Seja feita, Senhor, tua vontade,
Venha o remorso egual á iniquidade,
Deos de justiça e luz, Deos de perdão!

. . . .

Nunca nascido houvera o resplendor
Do dia, em que no abeto milenario
Puz o gume do aço com furor!

Antes aparelhara o meu calvario,
Antes a minha tumba silenciosa
Com o tronco do roble funerario!

Antes mil vezes, do que a aventurosa
Barca ligeira, que levou seu guia
Dos desastres á praia fabulosa!

E, a meus golpes crueis, eu bem ouvia
Uma alma no roble que chorava,
Um coração lá dentro que gemia!

Um coração de avô que perdoava,
Só com ais de amargura respondendo
A cada novo golpe que eu lhe dava.

Eu os traduzo hoje, eu os entendo,
Os merencoreos ais vaticinantes
Das lagrimas de fel que estou bebendo!

A sombra de teus ramos verdejantes,
Ó arvore formosa, bem quizera
Adormecer eu inda como d'antes!...

Não abatessem minhas mãos de fera
O teu corpo sagrado, roble augusto,
Patriarca da lei vestido de hera!

Fosse eu ainda o camponez adusto,
Lavrador matinal, risonho e grave,
D'alma de pomba e coração de justo!

Sentisse eu inda a musica suave
Da candura feliz no peito agreste,
Qual em rorida brenha um trino de ave!

Em vez do mundo (fome, guerra e peste!)
Conquistasse, por unica vitoria,
Os thesoiros sem fim do amor celeste.

Nunca de feitos meus cantasse a Historia;
Ignorasse o meu nome a voz da Fama
E a minha sombra humilde a luz da Gloria.

Vivesse obscuro e triste, herva da lama;
Nas alturas, porém, fosse contado
Entre os que Deos aceita, os que Deos ama.

No mundo, bicho ignoto e desprezado;
Mas, nos reinos da luz adamantina,
Um cavalleiro grande e sublimado.

Cae-lhe o livro das mãos. Erguendo-o e beijando-o com fervor:

E comtudo, alma infame e libertina,
Em teu horror, esqualido e sangrento,
Uma luz existiu, que era divina!

Uma luz existiu, que num momento
Fez o dia mais claro e mais jucundo,
Poz mais cerca da terra o firmamento!

Ó lira d'oiro que abalaste o mundo!
Sonho d'astros!... ó fulgida epopeia!
Canta, dá vida nova ao moribundo!

Da colera do Eterno a maré cheia,
Naus, barbacãs, palacios, de imprevisto
Levou tudo nas ondas, como areia...

Levou tudo nas ondas... ficou isto!
Ficou na mão exangue a lira d'oiro,
E é por ella existir que eu inda existo!...

Lira de Orfeu! meu unico thesoiro!
Bem como a voz do mar enche uma gruta,
Encheu o azul teu canto immorredoiro!

Pudesse eu, d'alma livre e resoluta,
Olhos no fogo da manhã nascente,
Erguer ainda os braços para a luta!

Não, como outr'ora, para a luta ardente
Da riqueza e grandeza, que é vaidade...
Da fortuna, que é sombra que nos mente...

Seja a hora do prelio a Eternidade!
E o globo estreito a arena, onde não cança
A batalha do Amor e da Verdade!

Cavalleiro de Deos, ergue-te e avança!
Põe na bigorna os cravos de Jesus;
Bate-os cantando... É o ferro da tua lança!

Faz a hastea da lança d'uma cruz;
Vae, cavalleiro, de viseira erguida,
Dá lançadas magnanimas de luz!...

E hãode estrelas sangrar de cada f'rida,
Que em rosarios, ardendo, chorarão
Uma a uma no Golgota da Vida.

Ah, sonho de esplendor, que sonho em vão!
Põe os olhos em ti, alma de hiena,
Em teu rebaixamento e escuridão!...

Como nascer em putrida gangrena,
Sob os olhos de Deos, a flor de encanto,
Vaso de ideal, a mystica assucena!

Como? chorando; derretendo em pranto
As maculas do crime; e o criminoso,
Vestido de esplendor, ficará santo.

A Dôr, a eterna Dôr, eis o meu goso.
O pão do meu banquete, cinza escura,
E o meu vinho jovial, fel amargoso.

É a Dôr quem liberta a creatura:
Ou em miseria humana ande encarnada,
Ou em tigre feroz ou rocha dura.

Oh, abraza-me a alma envenenada,
Faz em carvão meu coração preverso,
Dôr temerosa, Dôr idolatrada,

Ó Dôr, filha de Deos, mãe do universo!

Longo silencio. Transe-lhe a alma, de repente, um fremito de angustia. Adivinha no escuro, marchando, a Fatalidade inexoravel. Suor de Agonia. Com um ai cruciante:

A hora grande, a hora immensa,
Já por um fio está suspensa...
Não tarda muito que ella dê!...
Carne medrosa, porque tremes?...
Ó alma anciosa, porque gemes?...
Porque?!...
Arde na Dôr, carne maldita!
Revive em Dôr, alma infinita!
Na Dôr bemdita espera e crê!...

Marcha de tropel, na escuridão, um bando de corsarios, gigantes espadaudos e membrudos, rosto sanguineo, cabelos d'oiro fulgurando. Entoam, epilepticos d'alcool, uma canção infrene e vagabunda. Relampeiam as armas, á claridade vermelha dos archotes. O andar é deliberado e resoluto, como o de quem trilha, ás escuras, uma vereda já sabida. É que na dianteira, a encaminhal-os, Iago e Judas trotam sombrios e ofegantes. Um dos marinheiros, brincando, meteu o Veneno no bolso. Os cães, pelo instincto, levam a horda temerosa em direção ao doido. Apenas o descobrem, estacam de subito, ladrando raivosos e covardes, como a dizer:— Eil-o! Ahi o tendes.— O velho heroe, palido de morte, fita-os soberanamente desdenhoso. Rodeiam-no, tumultuando e clamorando. Brilham adagas, laminas frias de cutellos. Deitam-lhe algemas, dão-lhe bofetões, insultam-no, mascarram-no de lodo, cospem-lhe na cara. E a face do heroe sobre-humanamente resplandece, como zurzida por estrelas. Em meio de chufas e labeos o arrastam ao alto da montanha, onde a cruz negra e sanguinolenta lhe estende os braços para a Dôr. Com vilipendio o desnudam, por escarneo lhe cingem uma tanga de cafre, e, a marteladas truculentas, deshumanos o pregam no madeiro barbaro. Ao topo da cruz, desenhada a sangue, esta ironia:— *Portugal, rei do Oriente!*— Expelle o seio do martir um ai agudo, lança angustiosa de varar infinitos. E a Dôr o exalta, a Dôr o divinisa: É de alabastro o corpo macerado, as longas barbas ondeantes de luar choroso, e os olhos fundos e profeticos.

duas cavernas de noite, com estrelas. À volta, os verdugos tripudiam e cantam. Bocas aguardentadas rugem blasfemias e sarcasmos. Atiram-lhe pedras, que se convertem em rosas. Atiram-lhe esterco, e chegam-lhe lirios e assucenas. Os cães, furibundos, pulam em vão, desaustinados, a vêr se o mordem; e, insaciaveis, abocanham o toro do madeiro, lambendo avidamente o sangue fresco a gotejar. Depois, escumantes de raiva, ladram á cruz, hienas possessas e diabolicas. Varreu a tormenta. A noite desmaia. Já os aventureiros, levando os cães, embarcam na galera. Os olhos do muribundo pairam em volta, suplicantes. Cemiterio deserto. Ninguem. Campos revoltos, carcavões tenebrosos, ossadas de penedias, um castelo derruido fumegando, esqueletos de gente em esqueletos de arvores, terra de pavor, terra de morte, onde a unica vida, bruxeolante, é uma agonia numa cruz. Quasi a expirar, soltando um gemido:

Pranto, que manas dos meus olhos,
Bemdito és!
Bemdito és, porque és o mar de pranto
Que os meus crimes verteram pelo mundo...
Sangue a correr das minhas f'ridas,
Bemdito és!
Bemdito és, porque és o mar de sangue
Do meu orgulho e minha iniquidade...

Subito, numa visão interior, descobre em roda d'elle as nações armadas, cerco de lobos á volta d'uma presa. Já no estertor, agonisando:

Deos! abandonas-me!...

Expira. Clareia, roxa, a manhã de Novembro, triste lançol de misericordia, a que limpassem forcas ou calvarios. Um aldeão senil e vagabundo, caminha ao longe, tropegamente, como um fantasma, em direcção á cruz. Roto, cheio de lama e de sangue, no bordão aos hombros uma toleiga, e, escondida no peito, aninhada nos braços, uma creancinha forte e luminosa. Velho e doente, perdeu-se de noite na debandada tragica, não alcançou o navio, já o não enxerga... onde irá elle!... onde irá elle!... Por montes e mares circumdeia os olhos, enublados de horror, desorbitados de loucura... Ninguem! ninguem! ninguem! Campos desertos, ondas sem uma vela, e nos bosques, mirrados, sem uma folha, carcassas putridas... ninguem!... D'um povo exilado ficára elle só, cadaver ambulante, espectro bisonho, a chorar num ermo, com o seu netinho nos braços. Aproximando-se da cruz, reconhece o doido, o estranho doido inofensivo, que a horas mortas vagueava, ululando, por cerros e quebradas, e a quem elle tantas vezes, benignamente, dera agasalho e dera pão. Quem o crucificou?!... Porque seria?!... Mete medo e respeito... Que estatura d'homem!... que gigante!... Morto, semelha um Deos!... E, fronte descoberta, — Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulhe-

res...—E os olhos da creança devoram a cruz, estrelas innocentes, cheias de angustia e cheias d'alma... Ha n'aquelle olhar uma inconsciencia mysteriosa, que adivinha... Luz enigmatica, vem de longe, do fundo do passado, morrendo ao longe, em sonho, nas obscuridades do porvir... Esse velho fantasma, com esse menino ao colo, lembra a derradeira arvore d'um bosque, arvore nua e carcumida, com uma florinha ultima no tronco. Flor de morte!... flor d'esp'rança!... Nasceu d'um cadaver, e d'ella se hãode gerar, talvez, os rumorosos bosques d'amanhã!... O aldeão, assombrado, meio louco, procura o castelo do rei... evaporou-se... já o não avista. Em frente, na montanha, só lavaredas e ruinas. Vae descendo, descendo, descendo, e lá ao fundo estaca d'improviso, inclina-se, e vê no chão, abandonada, uma arma guerreira. É o montante de Nunalvares. Empolga-o a custo. Os braços da creancinha estendem-se com avidez, numa alegria doida... Nobre montante, qual o teu destino? Sulcarás, relha d'arado, a gleba deserta d'esse camponez? Nas mãos d'essa creança, um dia homem, brilharás acaso, espada de fogo e de justiça? Mysterio... mysterio... Invisivelmente, saudando a luz, as cotovias gorgeiam...

FIM

ANOTAÇÕES

Balanço patriotico :

Um povo imbecilisado e resignado, humilde e macambusio, fatalista e somnambulo, burro de carga, besta de nora, aguentando pauladas, sacos de vergonhas, feixes de miserias, sem uma rebelião, um mostrar de dentes, a energia d'um coice, pois que nem já com as orelhas é capaz de sacudir as moscas ; um povo em catalepsia ambulante, não se lembrando nem d'onde vem, nem onde está, nem para onde vae ; um povo, emfim, que eu adoro, porque sofre e é bom, e guarda ainda na noite da sua inconsciencia como que um lampejo mysterioso da alma nacional, — reflexo d'astro em silencio escuro de lagoa morta ;

Um clero *portuguez*, desmoralisado e materialista, liberal e atheu, cujo vaticano é o ministerio do reino, e cujos bispos e abades não são mais que a tradução em eclesiastico do fura-vidas que governa o districto ou

do fura-urnas que administra o concelho [1]; e, ao pé d'este clero indigena, um clero jesuitico, extrangeiro ou extrangeirado, exercito de sombras, minando, enredando, absorvendo,— pelo pulpito, pela escola, pela officina, pelo asylo, pelo convento e pelo confissionario, — força superior, cosmopolita, invencivel, adaptando-se com elasticidade intelligente a todos os meios e condições, desde a aldeola infima, onde berra pela boca epileptica do fradalhão milagreiro, até á rica sociedade *elegante* da capital, onde o jesuitismo é um dandismo de sachristia, um beaterio chic, Virgem do tom, Jesus de high-life, predicas unctuosas (monologos ao divino por Coquelins de fralda) e em certos dias, na egreja da moda, a bonita missa encantadora,— luz discreta, flores de luxo, paramentos raros, cadeiras comodas, latim primoroso, e hostia *glacée*, com pistache, da melhor confeitaria de Paris;

Uma burguezia, civica e politicamente corrupta até á medula, não discriminando já o bem do mal, sem palavra, sem vergonha, sem caracter, havendo homens que, honrados (?) na vida intima, descambam na vida publica em pantomineiros e sevandijas, capazes de toda a veniaga e toda a infamia, da mentira á falsificação, da violencia ao roubo, d'onde provém que na politica portugueza succedam, entre a indifferença ge-

---

1 Ha excepções individuaes, claramente. A fisionomia geral, no entanto, é aquella.

ral, escandalos monstruosos, absolutamente inverosimeis no Limoeiro [1];

Um exercito que importa em 6.000 contos, não valendo 60 réis, como elemento de defeza e garantia autonomica;

Um poder legislativo, esfregão de cosinha do executivo; este criado de quarto do moderador; e este, finalmente, tornado absoluto pela abdicação unanime do paiz, e exercido ao acaso da herança, pelo primeiro que sae d'um ventre,— como da roda d'uma loteria;

A Justiça ao arbitrio da Politica, torcendo-lhe a vara a ponto de fazer d'ella um sacarrolhas;

Dois partidos monarchicos, sem ideias, sem planos, sem convicções, incapazes, na hora do desastre, de sacrificar á monarchia ou meia libra ou uma gota de sangue, vivendo ambos do mesmo utilitarismo sceptico e pervertido, analogos nas palavras, identicos nos actos, eguaes um ao outro como duas metades do mesmo zero, e não se amalgamando e fundindo, apezar d'isso, pela razão que alguem deu no parlamento,— de não caberem todos d'uma vez na mesma sala de jantar;

Um partido republicano, quasi circumscripto a Lisboa, avolumando ou diminuindo segundo os erros

---

1 Se o Nazareno, entre ladrões, fosse hoje crucificado em Portugal, ao terceiro dia, em vez do Justo, ressuscitariam os bandidos. Ao terceiro dia? que digo eu! Em 24 horas andavam na rua, sãos como pêros, de farda agaloada e gran-cruz de Christo.

da monarchia, hoje aparentemente forte e numeroso, ámanhã exhaurido e lethargico,— agoa de poça inerte, transbordando se ha chuva, tumultuando se ha vento, furiosa um instante, immovel em seguida, e evaporada logo, em lhe batendo dois dias a fio o sol ardente; um partido composto sobretudo de pequenos burguezes da capital, adstrictos ao sedentarismo chronico do metro e da balança, gente de balcão, não de barricada, com um estado maior pacifico e desconnexo de velhos doutrinarios, moços positivistas, romanticos, jacobinos e declamadores, homens de boa fé, alguns de valia mas nenhum *a valer;* um partido, em fim, de indole estreita, acanhadamente politico-eleitoral, mais negativo que afirmativo, mais de demolição que de reconstrucção, faltando-lhe um chefe de auctoridade abrupta, uma d'essas cabeças firmes e superiores, olhos para alumiar e boca para mandar,— um d'esses homens predestinados, que são em crises historicas o ponto de intercepção de milhões d'almas e vontades, acumuladores electricos da vitalidade d'uma raça, cerebros omnimodos, comprehendendo tudo, adevinhando tudo,— livro de cifras, livro d'arte, livro de historia, simultaneamente humanos e patriotas, do globo e da rua, do tempo e do minuto, forças supremas, forças invenciveis, que levam um povo d'abalada, como quem leva ao colo uma creança;

Instrucção miseravel, marinha mercante nula, industria infantil, agricultura rudimentar;

Um regime economico baseado na inscripção e no

Brazil, perda de gente e perda de capital, autofagia colectiva, organismo vivendo e morrendo do parasitismo de si proprio;

Liberdade absoluta, neutralisada por uma desigualdade revoltante, — o direito garantido virtualmente na lei, posto, de facto, á mercê d'um compadrio de batoteiros, sendo vedado, ainda aos mais orgulhosos e mais fortes, abrir caminho n'esta porcaria, sem recorrer á influencia tiranica e degradante de qualquer dos bandos partidarios;

Uma literatura iconoclasta, — meia duzia d'homens que, no verso e no romance, no panfleto e na historia, haviam desmoronado a cambaleante scenographia azul e branca da burguezia de 52, opondo uma arte de sarcasmo, viril e humana, á frandulagem pelintra da litteratura oficial, carimbada para a immortalidade do esquecimento com a cruz indelevel da ordem mendicante de S. Thiago;

Uma geração nova das escolas, entusiasta, irreverente, revolucionaria, destinada, porém, como as anteriores, viva maré d'um instante, a refluir anodina e apatica ao charco das conveniencias e dos interesses, d'ella restando apenas, isolados, meia duzia d'homens inflexos e direitos, indemnes á podridão contagiosa pela vacina organica d'um caracter moral excepcionalississimo;

E se a isto juntarmos um pessimismo canceroso e corrosivo, minando as almas, cristalisado já em formulas banaes e populares, — *tão bons são uns como os*

outros, corja de pantomineiros, cambada de ladrões, tudo uma choldra, etc., etc.,— teremos em sintetico esboço a fisionomia da nacionalidade portugueza no tempo da morte de D. Luiz, cujo reinado de paz podre vem dia a dia supurando em gangrenamentos terciarios.

O advento do materialismo burguez, inaugurado pela ironia sceptica do Rodrigo, acabava pela galhofa cinica do Mariano. O riso de sibarita, levemente amargo, desfechava no riso canalha, de garotão d'aljube. O patusco terminava em malandro.

A burguezia liberal, mercieiros-viscondes, parasitagem burocratica, bacharelice ao piano, advogalhada de S. Bento, *morgadinhas, judias,* sinos, estradas, escariolas, estações, inaugurações, locomotivas (religião do Progresso, como elles diziam), todo esse mundo de vista baixa, moralmente ordinario e intelectualmente reles, ia agora liquidar numa infecta *débâcle* de casa de penhores, num Alcacer-Kibir esfarrapado, de feira da ladra.

A nação, como o rei, ia cahir de podre.

O conflito inglez e a revolução brazileira, dois causticos, puzeram a nu, de improviso, toda a nossa debilidade organica, — miseria de corpo e miseria d'alma.

Falecimento e falencia. Ruinas. Montões de vergonhas, trapos de leis, cisco de gente, lama de impudor, carcassas de bancos, famintos emigrando, porcos digerindo, ladroagem, latrinagem, um salve-se quem

puder de egoismos e de barrigas, derrocada d'um povo numa estrumeira de inscripções,— 700 mil contos de calote publico, a bella colheita do torrão portuguez, regado a oiro, a libras, desde 52 até 90.

A crise não era simplesmente economica, politica ou financeira. Muito mais: nacional. Não havia apenas em jogo o throno do rei ou a fortuna da nação. Perigava a existencia, a autonomia da patria. Hora grande, momento unico. A revolução impunha-se. Republicana? Conforme. Se o monarcha nos sahisse um alto e nobre caracter, um grande espirito, juvenil e viva encarnação de ideal heroico, tanto melhor. A revolução estava feita. Imprimia-se, d'um dia ao outro, no Diario do Governo.

Mas feita com quem, perguntarão, se tudo era lodo? Feita com o elemento moço do exercito e da marinha, com quasi todo o partido republicano [1], com individualidades integras e notaveis dos partidos monarchicos, com a juventude das escolas, com um sem-numero de indiferentes por nojo e por limpeza, com os duzentos homens de serio valor intellectual dispersos nas letras, nas sciencias, no comercio e na industria, e com o povo, o povo inteiro, que acordaria, Lazaro es-

1 Continuaria a haver algumas duzias de republicanos, por coherencia, brio pessoal ou teima doutrinaria. O espirito republicano que alastrou no paiz, esse extinguia-se, ou antes não se tinha gerado.

tremunhado, da sua campa de tres seculos, á voz d'um vidente, ao grito d'um Nunalvares.

O portuguez, apatico e fatalista, ajusta-se pela maleabilidade da indolencia a qualquer estado ou condição. Capaz de heroismo, capaz de cobardia, toiro ou burro, leão ou porco, segundo o governante. Ruge com Passos Manoel, grunhe com D. João 6.º. E' de raça, é de natureza. Foi sempre o mesmo. A historia patria resume-se quasi numa serie de biografias, n'um desfilar de personalidades, dominando epocas. Sobretudo depois de Alcacer. Povo messianico, mas que não gera o Messias. Não o pariu ainda. Em vez de traduzir o ideal em carne, vae-o dissolvendo em lagrimas. Sonha a chimera, não a realisa.

O proprio Pombal é o *Desejado*? Não. Fez-se temer, não se fez amar. Cabeça de bronze, coração de pedra. Moralmente, ignobil. Rancoroso, ferino, alheio á graça, indiferente á dôr. Inteligencia vigorosa, material e mecanica, sem vôo e sem azas. Um brutamontes raciocinando claro. Falta-lhe o genio, o dom de sentir, nobreza heroica, vida profunda,— humanidade, em suma. Machina apenas. Não creou, produsiu. A creação vem do amor, a genese é divina. Crear é amar. Por isso a obra lhe foi a terra. Pulverisou-se. Só dura o que vive. Uma raiz esteia mais que um alicerce. Pombal em tres dias, n'um deserto, quiz formar um bosque. Como? Plantando traves. Adubou-as com mortos e regou-as a sangue. Apodreceram melhor.

Sei muito bem que o estadista não é o santo, que

o grande politico não é o martir, mas sei tambem que toda a obra governativa, que não for uma obra de filosofia humana, resultará em geringonça anedoctica, manequim inerte, sem olhar e sem fala.

A ductilidade, quasi amorfa do caracter portuguez, se torna duvidosas as energias colectivas, os espontaneos movimentos nacionaes, facilita, no entanto, de maneira unica, a acção de quem rege e quem governa. Cera branda, os dedos modelam-na á vontade. Um grande esculptor, eis o que precisamos.

Ha, além d'isso, bem no fundo d'este povo um peculio enorme de inteligencia e de resistencia, de sobriedade e de bondade, thesoiro precioso, oculto ha seculos em mina entulhada. É ainda a sombra d'aquelle povo que ergueu os Jeronimos, que escreveu os Luziadas. Desenterremo-la, exhumemo-la. Quem sabe, talvez revivesse!

Fôra o rei um *homem*. que a nacionalidade moribunda se levantaria por encanto. E bem se me dava a mim da questão politica, da fórma de governo. Essencial, a fórma do governante. Prefiro uma boa republica a uma boa monarchia. A coroa de rei, de paes a filhos transmissivel, como a coroa de Venus; o throno hereditario como as escrofulas,— absurdo evidente. Mas se de absurdos anda cheio o mundo! Salta-se menos da *majestade* á *ex.ª* que da *ex.ª* ao *tu*. Impero eu mais no meu criado que o rei em mim [1]. Ha em cada burguez

[1] Um rei segundo a Carta, entende-se.

uma monarchia. Milhões de burguezes, milhões de absurdos. E eliminam-se acaso n'uma hora?

Não se tratava por emquanto de modalidades organicas de existencia; tratava-se de existir. Problema social e problema politico marchariam evolutivamente na orbita ininterrupta do seu destino. Quando um vapor alagado vae ao fundo, discute a marinhagem construcções navaes? Primeiro salval-o, o estaleiro depois. Quer dizer: a revolução urgente não era social, nem politica, era moral. Nem havia a escolher entre monarchia e republica, pois que, para escolher entre duas coisas, é necessario existirem, e a republica, tanto custava a realisar, que ainda até hoje a não fizemos.

A segurança da patria exigia inadiavelmente á frente do governo um homem de superior inteligencia, de altivo caracter, de animo heroico e resoluto. Era-o D. Carlos? obedeceriamos a D. Carlos. Uma alma, uma vassoira e uma carroça, de nada mais precisava. Varrer, limpeza geral, pôr isto decente! Tal embaixador levantára castellos de milionario com o dinheiro da nação? Transferil-o de embaixada: representante vitalicio do Limoeiro em Africa. Tal ex-ministro compra as quintas, vendendo a vergonha? Penhora e prisão. Os bens ao erario, o corpo á penitenciaria. Deslaçar grancruzes e chumbar grilhetas. Norte e Leste, lamas do Tejo, Banco Lusitano, obras do estado, etc., etc., todas essas montureiras gangrenadas,— poios de escandalos, obscenamente fermentando ao ar livre,— queimal-as a

calcium, purifical-as a vitriolo. Calcamos infamias, respiramos veneno. Que um ciclone de justiça nos purificasse o ar e desentulhasse as estradas. Caminho livre, atmosphera nova! Quem baldeou o paiz á ruina, á miseria do lar, á indigencia da alma? Idiotas? Aposental-os em onagros. Bandidos? Metel-os na cadeia.

E a questão economica? Resolvida por si. Direi mais: util e necessaria. Mas resolvida de que fórma? Pelo sacrificio de todos, pela abnegação colectiva. As patrias, como os individuos, só se regeneram sofrendo. A dor é salvadora. Não ha virtude sem martirio, não ha Christo sem cruz. A Redempção vem da Paixão. A vida fortalece-se na angustia. Nem só a do homem, a vida inteira, a vida universal. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a tempera, mergulhando-o em gelo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta. O caustico, que levantou o doente, decompõe o cadaver.

Resumindo: desastres, miserias, vergonhas, infortunios, calamidades, subjugadas com energia e padecidas com nobresa, enseivariam de novo alento o coração exanime da patria. O raio lascou a arvore? Brotaria, amputada, com maior violencia. A alma habita na raiz.

Mas seria possivel conjurar quatro milhões de interesses, quatro milhões de egoismos, num impeto de fé heroica e de renuncia? Era. Digo-o sem hesitar. O sibarita que ria, o cevado que ronque. Era! O espirito, como o fogo, consome traves, calcina pedras, derrete

metaes. O facho d'uma alma pode incendiar uma Babilonia. Um iluminado pode abrazar um imperio. Tem-se visto. O cofre-forte é de ferro, a libra é d'oiro, o egoismo é de bronze, mas a electricidade impalpavel, invisivel, imponderavel, volatilisa tudo num momento. Ora o espirito é a electricidade de Deos. Nada lhe resiste. Devora seculos, evapora mundos. Jesus e Boudha,—um crucificado, o outro mendigo,—refazem o globo, poem nova mascara á creação. Joanna d'Arc e Nunalvares, irmãos gemeos, redimem duas patrias. Focos ambulantes de espirito divino, arrastam e vencem,—magnetisando. O céo é contagioso como a lepra.

Claro que o milagre exige a fé. Nem todos os sabios juntos escreveriam os evangelhos. A lingoa do homem, sem a lingoa de fogo, não apostolisa, discursa. Um Doutor não é um Messias.

A metempsicose, em moderno, do grande Condestavel, eis o meu sonho. Um justiceiro e um crente. Braço para matar, boca para resar. Pelejas como as de Valverde só se ganham assim: ajoelhando primeiro. O Nunalvares d'hoje não usaria cota, nem escudo, mas, ao cabo, seria identico. A mesma chamma n'outro involucro. Não combateria castelhanos, combateria portuguezes. O inimigo mora-nos em casa. Aljubarrota no Terreiro do Paço e os Atoleiros... nos mil atoleiros de infamias que enodoam as ruas, e obstruem o transito. Queriamos um justo inexoravel, um santo heroico, com a verdade nos labios e uma espada na mão. Os quadrilheiros que infestam Lisboa e os sub-quadrilheiros que

infestam as provincias, anulal-os, esmagal-os num dia, numa hora, sem pena e sem remorso, vasando-os logo, — atascadeiro de baixezas, lodo de malandros, — pelo buraco infecto d'uma comua. Depois pregar a tampa. Um colector *in pace*, um cano de esgoto jasigo de familia.

E, removidos os focos epidemicos, voltaria em breve a saude geral. A obra de reconstrucção, inda que lenta, marcharia sem estorvo. Humanisar o ensino, nacionalisar a industria, um clero portuguez e christão, a justiça fora da politica, o exercito fora de S. Bento, os burocratas para a burocracia, o professorado para as escolas, o poder legislativo entregue ás forças independentes e vivas do paiz, arrotear o solo, colonisar a Africa, — tudo era possivel, tudo era simples, desde que nos dessem uma fé, uma crença, vida luminosa, — uma alma!

Alma! eis o que nos falta. Porque uma nação não é uma tenda, nem um orçamento uma biblia. Ninguem diz: a patria do comerciante Araujo, do capitalista Seixas, do banqueiro Burnay. Diz-se a patria de Herculano, de Camilo, de Anthero, de João de Deos. Da mera comunhão de estomagos não resulta uma patria, resulta uma pia. Socios não significa cidadãos. O burguez estupido, perante as calamidades que nos assaltam, computa-as em libras, redul-as a dinheiro. Parece que se trata d'uma mercearia em decadencia. Divida fluctuante, impostos, cambios, cotações, alfandegas, cifras, dinheiro, nada mais. A ruina moral não entra na conta

nem por um vintem. Deve e ha de haver, eis o problema. Direito, Justiça, Honra, Pundonor,—palavras! Se o gigo das compras andasse farto e os negocios corressem, podiam encafuar Jesus Christo na penitenciaria e sua Mãe no aljube, que a recua burgueza, dizendo-se catolica, não se moveria. O cambio estava ao par.

Fallir um banco, que desastre! Fallir uma alma... — Mas que demonio é isto de fallir uma alma? —

Ouve lá, burguez rotundo. Um exemplo. Ouviste já nomear por acaso o Fialho d'Almeida? Vagamente. Ora bem; esse Fialho é a mais rica natureza artistica que Portugal tem gerado ha duas duzias d'annos. Um talento grande, rutilando em genio por instantes. Em genio, sim. Leiam os *Pobres*, o *Filho*, a *Velha*, o *Idilio triste*. Natureza de sensibilidade vibratil, agudissima, quasi morbida. Depois portuguez, idolatrando o seu Alemtejo, adorando a sua patria, instintivamente, organicamente, como a raiz adora a terra.

A uma tal natureza, em Lisboa, de 90 a 93, hora a hora assistindo á decomposição putrefacta d'aquella percevejaria nauseante, não lhe era licito o refugio nirvanico dos metafisicos ou dos *habeis* na decantada torre de marfim. O Fialho estava pobre e o marfim muito caro. Indole ardente e valorosa, palpitante de plebeismo robusto, de humanidade sanguinea, olvidou planos d'arte, sonho alado, chimera astral, e de chicote nas unhas, mordaz e mordendo, arremeteu contra a fandangagem da sociedade lisboeta, como alguem que marchando direito a um nobre destino, se atirasse

de repente ás ondas, aventurando a vida,— para salvar um bebado.

Entre os projectos literarios do admiravel artista, um havia mais que todos acariciado e fecundo, os *Cavadores*, rustico poema, sintese sublime da vida da terra, da planta e do camponez, obra de fisiologista, de psicologo e de poeta, reçumando sangue, transpirando lagrimas, drama tangivel e real, movendo-se numa atmosphera enigmatica de infinito e de sonho. Um livro elevado. Lisboa rasgou-lh'o. Em troca deu-lhe os *Gatos*. D'um poeta epico fez isto: um varredor da Baixa. O Fialho durante tres annos varreu o Chiado, espiolhou a Havaneza, catou S. Bento. Os trapos converteram-no em trapeiro. A aguia baixou a milhafre. O milhafre é util, depura e limpa. Os *Gatos* foram, em parte, uma obra de justiça, por vezes de colera. Mas o rancor dos bons denota ainda bondade. Só os grandes idealistas desceram a grandes satiricos. Christo dava chicotadas.

Nos *Gatos* estoira de quando em quando um rugido de tigre. É o melhor do panfleto. O resto, tirante algumas paginas literarias, maravilhosas, descamba na insignificancia,— cisco, anedoctas, noticiario, zero. O estilo não basta. Uma melancia em bronse não deixa de ser uma melancia. Os *Gatos* tem valor moral e valor d'arte. Mas este é relativo, e portanto inferior, e aquelle ineficaz, e por tanto menos proveitoso. Varrer Lisboa nos *Gatos*, acho bem; varrel-a no Diario do Governo, acharia optimo. Conclusão: o desmantela-

mento da sociedade portugueza actuou o espirito impressionavel d'um grande poeta, esterilisando-lhe a genese da obra humana, imorredoira, e fecundando-lhe a semente da obra particularista e transitoria. Desviou do seu curso natural a agoa limpida que regava platanos e searas para com ella inundar estrumeiras e desentupir esgotos.

Bom burguez, comprehendes agora o que é a falencia d'um espirito? Calcula, pois, em 2 milhões de consciencias [1], o deficit moral, a ruina interior, que os teus guarda-livros não escripturam nas agendas. Perdeste dinheiro, meu rico homem, na quebra fraudulenta d'um banco? O Fialho e nós perdemos os *Cavadores* na quebra fraudulenta d'uma nação. O prejuizo maior foi o nosso. O nosso, o da patria. Porque é mister que t'o diga, bom burguez: sem o banco de Portugal ficariamos pobres 30 annos. Mas sem os Lusiadas ficariamos pobres para sempre. As libras voltam. O genio não se repete. Por isso, burguez odioso, te não lamento. Mais ainda: regalam-me ás vezes, Deos me perdoe, os teus desastres, lembrando-me que só te levantarás honradamente, quando se te der, de fome, um nó nas tripas! Idiota! Nem egoista és. Vês apenas dinheiro, e hão de deixar-te sem camisa. Inda bem. Só nu ficarás decente.

[1] É meia consciencia por habitante. Talvez excessivo.

Continuemos. A nação, mais do que de libras, carecia d'alma. Quem lh'a daria? Quem a tivesse como o sol tem luz: infinita. Pobre D. Carlos! Que havia de elle dar,— mediocridade palurdia, já aos 25 annos atascado no cebo dynastico, nas banhas brigantinas! Alma? Bem alma, não; quasi, pequena diferença: lama. Uma inversão de duas letras. Ligeiro lapso, cuja emenda é esta: Viva a republica!

O rei falhára. Nulo, insignificante. Pedir-lhe genio, heroismo, grandeza, sublimidade,— o mesmo que pedir astros a uma couve ou raios a uma abobora.

A existencia da patria dependia da revolução. O rei não poude, não soube, ou não quiz fazel-a. Em suma, não a fez. Perdeu-se. Que restava? Fazel-a o povo. Não a fazendo, perdia-se tambem.

O rei, em vez de cortar o cancro, identificou-se com elle. Chaga maior, operação mais grave. Já ninguem suprimirá o cancro, sem suprimir a realeza.

O republicanismo não é aqui uma formula de direito publico; é a formula extrema de salvação publica. No predio em chammas ha só uma janella aberta. Preferem os monarchicos morrer queimados, por a janella estar pintada de vermelho? Fosse ella branca, que eu saltaria sem escrupulos.

Republicano e patriota tornaram-se sinonimos. Hoje quem diz patria, diz republica. Não uma republica doutrinaria, estupidamente jacobina, mas uma republica larga, franca, nacional, onde caibam todos. Não d'um partido, da nação. Presidente o melhor. Foi

por acaso miguelista? Embora. Uma revolução por seleção de caracteres.

Tal movimento civico, espiritualisado e grande, requeria pelo menos um homem. Existe? Existiu: José Falcão.

José Falcão! Alma tão nobre de patriota não a conhecerei jamais. A ideia de patria, feita verbo, n'ella encarnára divinamente. Hostia sublime! Trigo de comunhão deu-nos a fé, e trigo de viatico, na hora da nossa morte, dá-nos ainda a esperança.

Á volta de mim vejo monturos, dentro de mim encaro cinsa. Tudo acabou, não é verdade? Melancolicamente revolvo a cinsa, poeira de chimeras, e uma flamula fulge, uma brasa crepita... É a alma d'elle... Não quer apagar-se. Mesmo dentro de nós, tumulos cerrados, continúa ardendo. Ámanhã de taes campas podem brotar ainda lavaredas.

Grande homem! Como o sangue em momento de panico reflue de chofre ao coração, dir-se-ia que na hora suprema toda a alma da patria n'aquella alma se ajuntára.

Em José Falcão a inteligencia era robusta, a sciencia enorme, mas a grandesa moral incomparavel e soberana. Dizia o que pensava, fazia o que sentia. Um justo. Portanto, um solitario. Querendo viver puro, viveu em si mesmo. Isolou-se. Nem ambicioso, nem vaidoso. Nos altos pincaros, de gelo e de luz, não ha microbios.

Egoista intelectual? Nunca. Animo generoso, os

problemas sociaes captivaram-no. A sociedade evitou-a. Livros e familia: cerebro pensando, coração amando.

Mas o sentimento da patria com tal furor e febre lhe girava no sangue, tão inato e profundo lhe ardia lá dentro, que aquelle homem de ideias instantaneamente se volveu, como por milagre, em homem d'acção. O rüido molestava-o; procurou o ruido. A turba incomodava-o; procurou a turba. Agitou-se tres annos em movimento frenetico. Patria! Patria! a visão constante, o sonho de toda a hora! Fogo sagrado, fogo devorador. Queimou-se, abrasou-se n'elle. Auto-de-fé d'um corpo nas lavaredas d'uma crença.

O patriotismo tornára-se em José Falcão um misticismo. Comprehende-se bem. Ideia tão inflamavel, em tão candente natureza moral, sublima-se, illumina-se, perde-se no extase, no enlevo, no transcendentalismo religioso. Aquelle homem exhalava de si o quer que fosse de sobrenatural e de divino. Sentia-se que no grande momento arriscaria tudo: familia e vida, fortuna e lar. Atravez do crente apercebia-se o heroe. Por isso arrastava. A eloquencia vinha-lhe expontanea, dominadora, magnetica. Não a eloquencia literaria dos artistas. Eloquencia d'alma, verbo interior, luz d'uma chamma.

Depois n'aquelle homem tudo era portuguez, sobrio, simples, varonil, vernaculo: figura, gesto, palavra, intonação, modo de vestir, maneira de andar. Tudo beirão, tudo nosso. Nem um galicismo. Austero e risonho, violento e meigo, — a singelesa na grandesa.

Lembrava ainda o Condestavel. Como elle, espirito heroico, braço de ferro para o comando, boca de santo para a piedade.

Extenuado e letargico, presentindo a morte, nunca desanimou. Pois a doença da patria não era ainda bem mais grave? Por ella sim, desejaria viver, desejaria morrer. A força fisica abandonava-o, só a vontade sobrehumana o tinha de pé. Era já uma existencia feita de resurreições, um ideal galvanisando um cadaver.

Dizia-nos elle, quasi no fim: Não duro muito; aproveitem-me.

Morria d'ahi a mezes.

Não ha uma intima e dolorosa afinidade entre a alma quebrantada d'um povo, baldadamente, durante seculos, evocando um Messias, e a breve aparição d'um redemptor, miragem subita, que mal se desenha se desfaz?

Tal a arvore-espectro, fructos d'aurora sonhando, caveiras torvas produzindo, que um dia gerou, milagre d'amor! o pomo d'oiro deslumbrante, e o viu desprender, esbroando em cinsa, do galho nu, do ramo esteril de esqueleto . . .

Arvore noturna, a morte gira-te nas veias, e os fructos de Ideal que tu concebes já trazem no amago, quando nascem, as larvas deleterias do sepulcro . . .

Desiludido, assim o creio por vezes. Depois a um golpe de sol, o Quichote revive, exalto-me de novo, de novo espero. . . Florinha azul, beijo de Deos,— divina Esperança . . .

*
* *

Escrevi ha anno e meio as paginas que ahi ficam. Tencionava completal-as, documentando-as. Inutil. O inquerito definitivo á montureira circundante é a ferro e fogo, não a pena e a tinta, que deve executar-se.

Ampliarei ainda estas anotações com o protesto que foi dado a lume, quando o governo tolheu a homenagem a Guilherme Braga. É um rapido exame dos planos ultimos da monarchia. Por isso o transcrevo. Eil-o :

O governo prohibiu a manifestação anti-jesuitica, que hoje deveria realisar-se no cemiterio d'Agramonte em volta da campa do grande poeta Guilherme Braga.

Os jesuitas são o auxiliar da monarchia. Atacando-os, atacamos o Rei. O ministerio não o permitte. Não ha que estranhar. É logico.

Desde a crise do *ultimatum* inglez, que tanto podia significar uma onda de vida nova como o estertor d'um moribundo, resvala a nação dia a dia, ao lethargo estupido da indiferença. Estará morta? Estará catalepitica? O futuro, breve talvez, o vae dizer.

Mas na opinião do mundo, já Portugal não existe. Dura, mas não existe. Dura geograficamente, mas não existe moralmente. A Europa já considera isto uma coisa defunta, espolio a repartir, iguaria a trin-

char. Salva-nos da gula dos comensaes a rivalidade dos apetites. No dia em que se harmonisem devoram-nos.

Como resistir? pela força fisica? impossivel. Não ha balas nem libras, não ha ouro nem ferro. Qual o meio então? Um unico: a força moral. Não vale tudo, mas vale alguma coisa. Na balança da realidade ephemera, os canhões pesam como bronse, e o Direito e a Justiça pesam como ar. Sim; ás vezes, não sempre.

Houve prophetas que domaram leões: martires que aterraram algozes. E quando um homem ou um povo sucumbem altivos em nome da verdade, esse homem resuscitará nas consciencias, e esse povo resuscitará na Historia. O justo, expirando na Cruz, ao terceiro dia levanta-se do tumulo. O covarde, mergulhando em lodo, em lodo agonisa e em lodo se transforma.

Qual era, pois, a grande missão, de um governo em Portugal? Fazer de quatro milhões de espiritos um só espirito, juntar quatro milhões de vontades n'uma só vontade. Raios de luz divergentes, aquecem; convergentes abrazam. Um cento de meias abnegações individuaes perdem-se, quasi estereis, na indiferença coletiva. Não mudam aos olhos da Europa a fisionomia portugueza. Mas a abnegação e o sacrificio de todos, a comunhão unanime e grandiosa n'um ideal de Justiça, n'um ideal de Patria, transfigurar-nos-ia por encanto, de povo de chatins em povo de heroes, de mortos com direito ao cemiterio, em gente viva com direito ao pão, com direito á luz.

E o problema religioso, nada mais singelo: na esfera do pensamento, liberdade absoluta; na esfera dos actos, tolerancia reciproca.

O povo dos campos mantem a sua fé tradicional. Quando se dirige a Deus precisa ainda um lingoa: o Padre. Faltando-lhe a hostia, falta-lhe Christo. Levando-lhe a egreja, levam-lhe o Céo.

O Catolicismo é roble caduco, mas nos galhos exangues, de verdura palida, innumeras aves innocentes gorgeiam ainda, fabricam o ninho em que adormecem. Não lancemos o machado ao tronco do roble, sem dar aos corações ingenuos, que o povoam, outra verdura calma onde se abriguem. O mundo róla no infinito; no infinito deve egualmente girar o espirito do homem. Ai dos que vivem só na terra, olhando o horisonte com o olhar da carne! Esses não vivem. Andam kilometros e contam horas, mas o Espaço é a jornada da alma e o Tempo a hora eterna que não finda. O homem sem o ideal sobrehumano, regressa á bestialidade d'onde veio.

Se o cavador miseravel não comunga em Christo senão pela hostia, que a hostia lhe seja offerecida, mas candida e branca, em mãos de misericordia e de puresa. Organisem um clero nacional e christão, evangelista pela virtude, embora catolico pelo dogma. Varram da Egreja a estrumeira politica; para bispos escolham santos, e a questão religiosa desaparece n'um momenmento. Spinosa ou Schopenhauer entender-se-iam muito bem com S. Francisco d'Assis.

Porém, os homens que ha muito dirigem os destinos da Nação, ultimas varreduras do constitucionalismo agonisante, quasi sempre democratas vasios aos vinte annos, e cinicos redondos aos quarenta, são incapazes de um plano de governo, gerado n'uma filosofia superior, amoldado a uma razão pratica luminosa e traduzido em factos, por uma vontade inabalavel e continua. Que elles, francamente, visam apenas salvar o seu interesse, o seu egoismo e as suas lantejoulas de mediocres.

Conservam a realesa no intuito de se conservarem a si proprios. Mas uma realesa moribunda só entre mortos alcançará reinar. Fazer do Paiz um cemiterio d'almas, eis o problema. As associações protestam? Dissolvidas. Os clubs ameaçam? Trancados. As Cortes incomodam, ás vezes? Suprimem-se. Os jornaes irritam? Cadeia. Todo o obstaculo, desfazel-o: se é venalidade, pela compra; se é moralidade, pela tirania. Ha consciencias que se indignam? Prendam-nas. Ha gente que se revolte? Fuzilem-a. Ordem! muita ordem! Quer dizer: Silencio! Digerir e calar. O Paiz inteiro uma campina raza, e n'ella manobrando, ovante e livre, o general Queiroz. Olhae: galopa de Norte a Sul e nem um monticulo para surprezas, uma ravina para emboscadas. Planura perfeita: bem chã, bem unida e bem morta. Vivos, a municipal e a policia.

Receio, pois, de quem? da burguezia liberal? Por via de regra o burguez, liberal ou não, traz nos intestinos um policia ingenito: o medo. Anda guardado.

Receio do operario? O operario portuguez é sofredor e humilde. A grande industria concentra-se em Lisboa e Porto, onde a policia usa rewolvers e a municipal Kropatcheks. Comtudo, a maré do socialismo invade, formidavel, os parlamentos europeus. Á cautella, proteger S. Bento. Decreta-se uma lei, inutilisando o voto ao operario: eleitor, ás vezes; elegivel, nunca.

Receio do exercito? Lisongeal-o . . . e diminuil-o. O exercito é a municipal.

Optimo. Só fica uma nuvem negra: os campos, a plebe da enxada. Horda infinita. Na alucinação da miseria, quem a ha de conter? O Queiroz? O Graça? Não chegam. Só um Queiroz em cada aldeiola, um Graça em cada freguezia. O perigo, enorme, vem d'ahi. Meio milhão de esfarrapados com este general — a Fome, tornam-se invenciveis. Existe apenas um recurso: Deos. Muito bem. Trate-se com Deos.

Il y avec te ciel des accommodements. Ha efectivamente. Mas conforme o céo, e conforme o Deos. O Deus dos Evangelhos, por exemplo, é um Deos exquisito, não presta. Leva á submissão, nunca á ignominia. Capaz de gerar um martir, nunca um hipocrita. Depois, a sua doutrina egualitaria, em certos temperamentos, cria alucinados, produz rebeldes. O Nihilismo é filho bastardo de Jesus. E elle, o proprio Deos, numa crise de colera, não desatou ás chicotadas? Com o Deos do Calvario, abrigo de humildes, redemptor de plebes, um homem d'estado, espelho de cordura, não deve entrar em negocios. Arrisca-se.

Quer-se um Deos maleavel, arguto, sceptico, inteligente: o Deos da Companhia de Jesus. Ora ahi está um Deos civilisado, sem preconceitos, util a um governo. Instruido e metodico, ambicioso e cauteloso. Boa educação, boas maneiras, limpesa de roupas, latim excelente.

Sabe catechisar uma duqueza ou fanatisar uma peixeira. Dispõe de infernos com lavaredas de fogo ou lavaredas de gase, de céos confortaveis para gente rica e céos de quinto andar para a canalha. Harmonisa o lausperenne com a kermesse, S. Carlos com Santo Ignacio, um sermão com um baile, e o Espirito Santo da Egreja de S. Luiz com o tiro aos pombos na tapada da Ajuda.

Por isso a monarchia firmou alliança com o Jesuita, e o Jesuita vae esburacando o sub-solo moral da patria portugueza. Alastrou, minou, furou sem ninguem vêr. Debaixo da terra. Agora apparece. Caminhou na sombra, de joelhos, como um larapio. Agora mostra-se. Mostra-se e desafia. A rede escura da sua influencia abrange a área da nação. Colegios e conventos em todas as cidades, em todas as provincias. Levantou baluartes, estrategicamente, escolhendo o terreno. Julga-se inexpugnavel. Manobra á luz, desfila em batalhões, forma em revistas. É a guarda municipal da consciencia portugueza. O seu Deos corresponde-se com o ministerio, tem entrada na corte e verba no orçamento.

Perguntarão: Se o governo dispunha do clero,

por que chamou o jesuita? Se havia de casa o abade, por que recorreu ao missionario? É que o abade, desmoralisado pelo constitucionalismo em sessenta annos de tranquibernia eleitoral, perdeu, lentamente, aos olhos do camponez, o caracter augusto de intermediario de Jesus. O missionario, ainda não.

E eis ahi porque o governo pactuou com o jesuita, e nos inhibe de responder, como desejavamos, áquella entrudada grotesca de Santo Antonio, que durante semanas emporcalhou as ruas de Lisboa. Carnaval sacrilego! A humildade, a virtude e a pureza do sublime franciscano, enxovalhadas e calcadas em correrias de titeriteiros e de bebedos! O discipulo candido da mais angelica alma que ventre materno deu á luz, exposto a glorificações mercenarias, a apotheoses aviltantes! Para celebrar a dor, foguetorios e musicas! Para celebrar a mansidão, toiradas e baionetas! Para celebrar a renuncia, jogos e toiros, galopes e clarins! Um banquete sumptuoso, uma rainha constelada de joias, convivas em fardalhões auriluzentes, damas cobertas de brocado, na mesa opulenta uma hecatombe luculiana, e um burguez anafado e ventrudo, ao dessert, copo de champagne na mão, erguendo um brinde (com arrotos), á doçura, á singelesa evangelica do amigo do *Poverello*, de Santo Antonio de Lisboa! E não fulminou Deos o animalejo estercorario!

E, por fim, aquella debandada de entremez ecclesiastico, em que os padres de Jesus, loucos de terror, cegos de covardia, largavam da mão as coroas e as in-

signias, para melhor se escapulirem, desordenados e fedorentos.

Iremos a Agramonte, iremos silenciosos, a um e um, esconder em flores o tumulo modesto d'esse bello poeta, a quem a sociedade, em troca do Genio, doou amarguras e vilipendios. Tardia romagem da nossa indesculpavel ingratidão. E, emquanto a protestos ruidosos, só um a fazer. Mas esse deve fazel-o a nação inteira, e sem pedir licença aos governantes. Protesto unico e definitivo, d'onde resulte uma sociedade virtuosa e nobre, equitativa e harmonica, impregnada, nas leis e nos costumes, da moral sublime de Jesus, e refractaria, portanto, á moral ambigua do Jesuita.

*

* *

Eis ahi, em sintese, a obra do rei e do governo. Obra de estupidez, obra efemera. Imbecis. Conhecem, da Eternidade, o minuto em que jantam, e, do Espaço, as doze cabeças de comarca onde fazem bulha. Raciocinam com os pés, com as mãos, com os olhos, com os ouvidos, com o estomago. No craneo, farelos. Supõem-se grandes, e não existem. Mandam, decretam, dão ordens, e não existem. Só espiritualmente se existe, vivendo no infinito, e elles, espiritualmente, moram no vão d'uma escada.

E julgam, os idiotas, salvar o rei! Por que forma? Já o disse: tornando o paiz um cemiterio d'almas.

Dynastias agonisantes querem vassalos defuntos. Entre quatro milhões de cadaveres um ventre com duas pernas, dois braços, uma abobora nos hombros e uma espada na mão, a distancia, movendo-se, ilude ainda: parece gente. Rodeiam-no baionetas, cavalleiros o guardam. Contra quem? contra os mortos. Invencivel então, não é verdade? Perdido, inteiramente perdido. Se os mortos resurgem, elle evapora-se. Se tudo é findo, se os Lazaros se não levantam, quando chegarem os corvos, principiarão por elle o seu banquete. Ou devorado pela nação, ou devorado pelo extrangeiro. A nação acorda? É o exilio. Submete-se? É que está morta, e, das nações que morrem, as nações vivas se alimentam.

Mas, por emquanto, folga. O dia d'hoje pertence-lhe. O Estado é o rei. Cidadão ha um unico: D. Carlos. Os deveres são nossos, os direitos, d'elle. É d'elle o meu pensamento, é d'elle a minha bolsa, é d'elle a minha vida. Estrangula-me as ideias, arromba-me a gaveta, ou corta-me o pescoço, conforme queira. A justiça é um relogio que elle atraza, adianta ou faz parar, segundo lhe dá na vontade. Decreta a Lei e nomeia o Juiz. O parlamento é o seu capricho. Entre uma toirada e uma ferra, escreve ordenações com uma navalha. O paiz é D. Carlos. Seja. E quem é D. Carlos? Ahi vae um retrato que é um libelo:

Torre do Outão. Esta primeira fantasia regia de sua magestade importou em duzentos contos de reis,

ou mais, subtrahidos ao thesouro. Juridicamente, um crime. Artisticamente, uma indecencia.

Exequias de D. Luiz, mandadas celebrar pelo municipio de Lisboa, capital do reino: Sua magestade, apesar de convidado, não quiz assistir. Foi-se aos coelhos para o Alfeite. Se vagueiam no ar as almas dos que morrem, a de D. Luiz I, n'esse dia, chumbou-a porventura, ao levantar da hostia nas exequias, a filial escopeta do Snr. D. Carlos.

Ultimatum inglez: Roubados e insultados. O paiz protesta, num vigoroso movimento de indignação e de colera. Uma creatura houve que ficou impassivel: o rei. Não teve aquella mão um gesto de furor, não encontrou aquella boca uma palavra de altivez. No dia seguinte, em carro descoberto, charuto a arder, expunha D. Carlos, na Avenida, aos transeuntes atonitos, a inconsciencia lorpa da sua figura habitual.

Convenio inglez: O art. 75.º da constituição do reino diz o seguinte: *O rei é o chefe do poder executivo e o exercita pelos seus ministros d'Estado. São suas principaes atribuições:* § 8.º *Fazer tratados.* Bem. De duas, uma: ou o rei conhecia o convenio que o Snr. Barjona negociava em Londres, ou não o conhecia. N'aquella hipotese, todas as injurias, todos os doestos, toda a lama aviltante, que a nação, ás mãos ambas, arremeçou ao convenio, cáem, de chofre, em sua magestade. Se era alheio ao convenio, alheio e indiferente

a um acto nacional, de vida ou de morte para a honra da patria, então ou sua magestade é um miseravel ou sua magestade é um irresponsavel [1]. D'aqui não ha fugir.

Chegam a Lisboa as bases do convenio. O Snr. D. Carlos em 21 de Agosto de 1890, ao procurar nos jornaes o anuncio dos theatros, viu-as naturalmente, viu-as decerto. Ignorancia, agora, não a pode alegar. Conhecia o crime. Que fez? Abram as *Novidades* de 22 de Agosto. No artigo editorial, violentissimo, ha estes poriodos:

«Na historia da nossa decadencia, levantou-se um novo e ruinoso padrão. O tratado do Snr. Hintze Ribeiro segue-se n'esta serie lamentosa ao tratado de Methwen, e deixa-o no escuro.

«Em nossa honra e consciencia, diremos alto e bom som: o tratado firmado em nome de Portugal com a Inglaterra é um padrão de imperecivel ignominia, e o dia, em que o seu texto completo for publicado no *Diario do Governo*, deverá ser considerado por todos os cidadãos amantes do seu paiz como um verdadeiro dia de luto nacional.»

E mais adiante, na 3.ª coluna, sob o titulo — *As festas em Cintra, o Rally paper, o Baile*, — escreve ainda o mesmo jornal:

1 Irresponsavel segundo Lombroso, não segundo a Carta.

«Conforme estava anunciado, realisou-se hontem em Cintra, nos terrenos da Granja do Marquez, o *Rally paper*. Perto das 3 horas chegaram el-rei e a rainha num *landeau* á Daumont, acompanhados pela Snr.ª D. Josefa Sandoval, veador Antonio de Vasconcellos e oficial ás ordens A. de Serpa.»

Segue uma comprida nomenclatura de altos senhores e nobilissimas damas, que, em volta do rei, tomaram parte na função.

E conclue a noticia:

«Na retirada, suas magestades vinham em carro descoberto, escoltados por todos os jogadores que tinham entrado na partida, e seguidos por mais de duzentas carruagens descobertas, conduzindo tudo o que ha de mais elegante em Cintra.»

E eis ahi como o rei de Portugal e tudo que ha de mais elegante em Cintra encaravam a imperecivel ignominia do tratado de 20 de Agosto de 1890. Hipp, hipp, hurrah! God save the King! Viva Salisbury! Viva D. Carlos! Que imundicie!

Sua megestade, ainda á ultima hora, doente, no castello da Pena, queria a recomposição do gabinete Serpa, isto é, mantinha o convenio. Foi o Snr. João Chrisostomo quem determinou a queda do governo, afirmando ao rei que, se elle insistisse, a revolução era inevitavel.

Sintetisando: O tratado de 20 de Agosto, no juizo

da immensa maioria do paiz, quasi a unanimidade, significava a ultima das afrontas, a ultima das vergonhas. Pois o Snr. D. Carlos deixou-o negociar, no dia que elle chegou a Lisboa celebrou uma festa, sustentou-o mezes contra a vontade clara da nação, largando-o apenas, humilhado, diante das baionetas e da revolta.

O paiz, rasgando-o, rasgou-lh'o na cara.

Revolta do Porto: O Verbo era de luz. Encarnou mal. D'ahi o desastre. A lava purpurea, não abrindo cratera, rompeu, angustiosa, por uma fenda. Colem o ouvido na montanha: ha trovões lá dentro. Um dia d'estes será vulcão. Adiante...

O municipio do Porto, em 12 de Fevereiro de 91, dirigiu ao rei uma mensagem. Copio d'ella estas frases:

«Não basta repellir e condemnar os factos, é mister, mais que tudo, inquirir das causas que os tornam possiveis e mesmo faceis. E a consciencia nacional, interrogada, responde sem hesitar que erros de muitos annos; abusivas tolerancias em toda a especie de deveres sociaes e publicos; quebras frequentes de disciplina, tanto na classe militar como em toda a ordem de serviços publicos; relaxação no cumprimento das obrigações de cada um; irresponsabilidade frequente para faltas de toda a ordem; deploraveis complacencias acobertadas com o que abusivamente se chama a doçura dos nossos costumes, taes parecem as causas ge-

raes que permittiram e facilitaram tão deploraveis acontecimentos. E a camara municipal do Porto, n'este momento interprete dos sentimentos da cidade, entende que faltaria ao seu dever, se não chamasse a attenção de V. M. sobre estes males, que é dever de todos os cidadãos, desde a mais elevada gerarchia á mais humilde condição, combater e destruir a todo o custo, se quizermos salvar a nossa patria do inevitavel naufragio das nações que chegam a semelhante estado.

(Extracto da representação da Camara do Porto ao Rei, em 12 de fevereiro de 91.)

Eis agora o extracto da resposta do Snr. D. Carlos:

«O sustentamento da justiça e a rigorosa applicação das leis são o fundamento moral de toda a sociedade bem organisada; a publica administração tem de ser necessariamente economica e modesta; a politica precisa de se mostrar, agora e sempre, evidentemente elevada e respeitavel nos seus intentos e nos seus caracteres dominantes. Estes salutares principios que a digna vereação municipal do Porto me relembra na sua mensagem, professo-os eu como verdades fundamentaes, e tenho-os para normas inquebrantaveis da minha magistratura constitucional. Diz-me a consciencia que lhes tenho sido fiel; e se ainda não pude mostrar toda a minha profunda dedicação pela nossa patria, tem sido isso devido ao pouco tempo da minha vida de rei, desgraçadamente assombrada por aconte-

cimentos de que me não cabe a responsabilidade, mas de que sinto, como os que muito a sentem, a triste e dolorosa significação.»

Que quer isto exprimir? Que a camara do Porto, com o aplauso de D. Carlos, justificou a revolta de 31 de janeiro. Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essencia. Mas a braveza d'um acto, quando a razão o determina, desculpa-se bem. Ha um julgador que diz a um réo: «A lei condena-te, mas a verdade absolve-te. Que faz esse juiz, quando elle é um rei? Perdoa.

Volveram annos. Os grandes criminosos, a que se referia a mensagem do municipio do Porto, onde é que estão? Nas mais altas dignidades, rodeando o throno.

E o tenente Coelho, meu senhor? onde é que está elle? Apodrecendo em Africa.

Viagem do Snr. D. Carlos ao Porto, depois do 31 de janeiro: Mais d'um anno decorrera, antes de sua magestade se abalançar á viagem. Serenados os animos, mete-se a caminho. Os estudantes, em Coimbra, assobiam-no. Chega ao Porto. Desfila o cortejo. Ao lado do carro de sua magestade seguia um chefe de esquadra, a pé, durindana ao vento. Entala-se-lhe o gladio numa das rodas, partindo-se em bocados. O monarcha desembainha, veloz, a sua espada de commandante em chefe, e bizarramente lh'a entrega com donairosa cortezia. Lá está na esquadra.

Baile do ministro inglez, em Cintra: No verão de 1892 dava o ministro inglez uma festa pomposa em honra do Snr. D. Carlos. Sua magestade aceitou-o. O ministro inglez, n'aquelle instante, era a Inglaterra. O soberano de Portugal era a nação portugueza. Pois o rosto que levára a bofetada sangrenta ia vêr-se aos espelhos do animalejo que lh'a dera! Ia limpar os escarros ao guardanapo de quem lh'os atirou!

Um rei que a fatalidade inexoravel, que o destino impiedoso submetesse, algemado, a semilhante vergonha, choraria de raiva lagrimas de sangue, a não guardar no intimo da alma, como D. Carlos, o retrato de D. João VI, num pataco falso. Desejaria eu vêr, em lance de tal ordem, a grande e melancolica figura de D. Pedro V. Que tragica altivez e que dorida nobreza não exprimiria o seu olhar! E D. Carlos? D. Carlos, em toda aquella noite pavorosa, jogou descuidadamente o *bleuff*, especie de batota, com dois casquilhos elegantes do mundanismo que se diverte. Verifiquem, lendo o *Jornal do Comercio*, que relatou o baile. Acrescento mais: quem o relatou assistiu a elle.

Dissolução das côrtes. Primeiro golpe d'estado: O Snr. D. Carlos, um bello dia, farto de atirar ás perdizes, alveja á queima-roupa o codigo politico da nação. Com que fim? Salvar-nos, salvar a patria. Era a vida da patria, que, em risco iminente, o constrangia á ditadura. Espesinhava os codigos, para manter a nacionalidade, sacrificando (com que magoa!) o juramento do rei

á existencia do reino. Acto solemne, acto grandioso. D'ora avante quatro milhões de espiritos do seu espirito viveriam. Esculptor d'um povo, cinzelador d'uma raça, ia fazer historia, fazer humanidade. Como Deos, trabalhava em almas. Um rei idealista, que em tal momento, no fogo divino d'uma obra d'arte,— quadro ou estatua, musica ou poema,— quizera sublimar-se, escolheria naturalmente uma obra elevada, d'essencia religiosa, de feitio heroico. Guilherme, o visionario, escutaria o *Lohengrin*. Carlos, o gordo, foi ao *Brasileiro Pancracio*. Os jornaes o disseram. Textual: ao *Pancracio*. Perfeito, simbolico.

Regresso da expedição á Guiné: Vae um bando de homens, filhos da miseria, a terras inospitas e distantes jogar a vida pela patria. Chegam, cumprido o dever, exhaustos e dizimados. Quem lhes sae ao encontro? O rei? O rei, áquella hora, ou andava ás lebres ou palitava os dentes. Galardoou-os com meia duzia de crachás. Eram poucos. Muito bem: que os rifassem. E rifaram-nos!

Pandega a Paris: Vinte e quatro dias no cerebro do mundo. Que trouxe de lá sua magestade? Recibos e gravatas.

Viagem á Inglaterra: Quando em 30 de Janeiro de 1891 compunha eu este verso,— *A deshonra, a abjecção, o throno... e a Jarreteira* —, envolvia a Jarreteira, em ultimo logar, a maxima ignominia. Tão

grande, que parecia hiperbolica. Vaticinei, adivinhei. Eil-a, a insignia infamante, na perna esquerda do Snr. D. Carlos. Na outra, já a rainha Victoria, no dia 11 de Janeiro, lhe havia soldado uma grilheta.

Viagem á Alemanha: Dias antes do roubo de Keonga houve baile no Paço. Na quadrilha real, em frente da Snr.ª D. Amelia, quem? O ministro alemão. Não bastava. Deveria D. Carlos envergar, de joelhos, uma libré prussiana. E foi envergal-a. Contam os jornaes que lh'a improvisaram numa noite, em doze horas. Escudeiro novo de senhor tão grande, queria logo vestil-a.

O enterro de João de Deos: Reinou alguns annos o Snr. D. Carlos, sem se lembrar um minuto de que João de Deos existia. Comprehende-se. Da *Heresta* a uma férra a distancia é larga. Sobrevem, — justiça imanente! — a apotheose nacional do grande lyrico. A alma da patria, n'um vago desejo de renascer, contrapunha a soberania do espirito á soberania da carne; a pureza, vestida de belleza, á traficancia, vestida de impudor; a idealidade mystica d'um genio ao crasso materialismo visceral da imunda recua dos governantes. E eis logo o Snr. D. Carlos a admirar o poeta e a visital-o em sua casa, deitando-lhe á garganta, a vêr se o prende, uma coleira qualquer de S. Thiago. O intuito evidenciava-se: erigir a gloria de João de Deos em pára-raios da monarchia. Mas a homenagem,

tardiamente hipocrita, não iludiu o senso intimo da juventude, radiosa origem espontanea d'aquella consagração de amor e de verdade. Na festa de D. Maria gelou-se á volta de D. Carlos um silencio de morte. Nem um viva. Aclamáva um povo o seu maior genio, a suprema flor da idealidade d'uma raça, e o chefe d'esse povo era afastado, como um intruso, que ninguem convidára, que ninguem ali conhecia.

Volvido um anno morre João de Deos. As Necessidades e o Terreiro do Paço afectam, decorativamente, pungidoras magoas. O Snr. Hintze, lugubre e solemne, banhado em pranto, de joelhos, rouqueja tremulo, fitando o cadaver, esta despedida angustiosa: *Adeos, Mestre!* Como se o João de Deos houvera sido alfaiate, barbeiro ou sapateiro, unicas mestranças que a esthetica do Snr. Hintze poderia aquilatar devidamente.

Quarenta mil homens, *a pé*, seguiram o feretro. Na cauda, *em tres coches*, tres pachidermes do ministerio, espapaçados e somnolentos, a ruminar asneiras.

E o Snr. D. Carlos, que os meus olhos buscaram, em vão, anciosamente, durante quatro horas, onde é que estava, onde estaria elle? Duas gazetas o disseram no mesmo dia, em telegramma identico, de Mafra. Eil-o: *Mafra, 15, ás 8 da noite. O Snr. D. Carlos retirou hoje ás 5 e meia da tarde; o resultado da caça la foi: 10 gallinholas, 5 gamos e 15 coelhos.* Por alma do sublime poeta do amor e das estrellas, das florinhas e das aves, dos anjos e das creanças, resou o Snr. D. Car-

los, inconsolavelmente, uns trinta tiros de espingarda. Dez Padre-Nossos na grelha, cinco Avè-Marias de escabeche e quinze Salvè-Rainhas, á Collete Encarnado, em molho de vilão.

A cultura intelectual de sua magestade: Transcrevo, d'uma publicação comemorativa do centenario Henriquino, este famoso documento do Snr. D. Carlos. É um autografo. Diz assim:

«Para celebrar a immorredoura memoria, do Infante D. Henrique, nada encontro melhor, do que, transcrever, a estancia de Camões, que serve de epigraphe, á excellente e benemerita, traducção do notavel livro de Major».

Leram? Que indigencia de frase e que pontuação! Um estudantinho imberbe não escreveria aquillo.

E eis ahi, a ligeiros traços, a vera efigie de sua magestade o Snr. D. Carlos. Quem a olhar, exclamará por força: Viva a Republica! N'esta agudissima crise nacional a republica é mais do que uma simples forma de governo. É o ultimo esforço, a ultima energia, que uma nação moribunda opõe á morte. Viva a Republica! é hoje sinonimo de — Viva Portugal!